UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JAQUELINE MOREIRA FERRAZ DE LIMA

As abordagens sobre gênero nos livros da literatura infantil no Programa Pacto pela Alfabetização na Idade Certa

Rio Claro

2016

JAQUELINE MOREIRA FERRAZ DE LIMA

As abordagens sobre gênero nos livros da literatura infantil no Programa Pacto pela Alfabetização na Idade Certa

Orientador: Profª. Drª. Áurea de Carvalho Costa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Rio Claro/SP, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

RIO CLARO

2016

028.5
L732a

Lima, Jaqueline Moreira Ferraz de
As abordagens sobre gênero nos livros da literatura infantil no programa Pacto pela Alfabetização na Idade Certa / Jaqueline Moreira Ferraz de LIma. - Rio Claro, 2016
80 f. : il., gráfs., tabs., quadros

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura e bacharelado - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientadora: Áurea de Carvalho Costa

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantil. 3. Gênero feminino. 4. Machismo. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho aos educadores do sistema público brasileiro, aos alunos da rede pública de ensino e aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e aos meus pais Adriana e Dionísio, que me instruíram mesmo sem muitos recursos, me encorajando e incentivando nesse árduo caminho da graduação.

Especialmente a minha orientadora Profª. Drª. Áurea de Carvalho Costa, por ter me ajudado a trilhar o caminho da pesquisa, ajudando a desenvolver a paixão pela pesquisa e pela luta.

Aos professores da graduação, que me motivaram e me ensinaram a ser uma profissional responsável e dedicada.

A agencia financiadora CNPQ/PIBIC que oportunizaram a bolsa de Iniciação Cientifica, para desenvolvimento de minha pesquisa.

Ao meu esposo Jonas que aturou minhas dúvidas e inquietações no processo da graduação e pesquisa e tem- sido um fiel companheiro.

As amizades verdadeiras construídas na graduação e a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

[...] Porque ele sabia o que essa multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz (CAMUS, 1947).

RESUMO

A literatura Infantil tem grande relevância no processo de alfabetização, ajudando as crianças a se apropriarem da escrita, e da leitura e a compreensão do mundo. Dada a grande importância da literatura, o Programa Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), tem a literatura como uma das bases do programa, considerando-a como um dos fios que conduz a criança no processo de alfabetização. Este trabalho faz uma análise em oito obras oferecidas pelo PNAIC aos professores alfabetizadores de escolas conveniadas, a fim de identificar em que momentos tais obras reproduzem a ideologia do machismo, que consideramos uma verdadeira “peste” nas relações sociais desde o advento da propriedade privada, e em que momentos tais obras oferecem subsídios para um trabalho de problematização daquela ideologia. Nas análises nós identificamos que ao representar o gênero feminino emergiram os estereótipos, a misoginia, o trabalho feminino e a mulher nas relações familiares como elementos centrais no conjunto dos oito livros analisados. Concluímos que a literatura não está livre da luta ideológica, onde podemos incitar e iniciar debates e mudança, ou preservar ideologias em estado latente.

Palavras-chave: PNAIC. Literatura Infantil. Gênero feminino. Machismo.

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADROS

Quadro 1- Lista das obras selecionadas, autores e ilustradores.....11

Quadro 2 – Número de matriculas nas séries iniciais do Ensino fundamental no ano de 2011.....23

Quadro 3 - Características de cada furunfunfelha 45

Quadro 4 - Estereótipos, defeitos e mania: Meninas x Meninos.....70

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Médias de Proficiência em língua Portuguesa – Brasil 1995 – 2005.....18

Gráfico 2 – Médias de Proficiência em língua Matemática – Brasil 1995 – 2005.....19

Gráfico 3 – Distribuição da população ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo 2009.....64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACALDAC Acervos Complementares – Alfabetização e Letramento nas Diferentes Áreas do Conhecimento

ANA Avaliação Nacional de Alfabetização

ANEB Avaliação Nacional da Educação Básica

ANRESC Avaliação Nacional do Rendimento Escolar

CELL Centro de Estudos em Linguagem

CMEPT Conferência Nacional de Educação para Todos

INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB Lei de Diretrizes e Bases

PAPSANBA Plano de Ação Para satisfazer as Necessidades Básicas de aprendizagem

PCN's Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAIC Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNE Plano Nacional de Educação

PNLD Plano Nacional do Livro Didático

SAEB Sistema de Avaliação da Educação Básica

UNICEF Fundo das Nações Unidas para a Infância

Sumário

INTRODUÇÃO **11**

1 O FIO DE ARIADNE: A literatura infantil como recurso para Alfabetização no Brasil do século XXI – conjuntura de Elaboração do Programa Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa.. 15

1.1 Notas sobre a literatura na alfabetização 25

2 APRENDENDO A LER, (E) SER MENINA (OU) MENINO: Análise das representações do gênero feminino no acervo literário do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa..... 30

2.1. As múltiplas tarefas desde menina: Alimentar, cuidar e educar. 35

2.1.1 A menina que ganhou um lar de mulheres trabalhadoras. 39

2.1.2 Meninas nada comportadas. 43

2.1.3 Um texto para trabalhar a auto-organização. 48

2.1.4 Multitarefas de uma mulher aposentada 50

2.2. Comportamento real ou idealizado da mulher. 53

2.2.1 Menina não pode! 57

2.2.2 Misoginia. 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS 72

REFERÊNCIAS 76

ANEXO 81

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe fazer uma análise dos livros de literatura infantil recomendados pelo Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e distribuídos pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) (BRASIL, 2012), que contempla a faixa etária de 6 a 8 anos, tendo como recorte a identificação de aspectos concernentes ao gênero feminino.

A organização do nosso trabalho ficou dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, esclarecemos que o PNAIC veio como política em resposta às demandas propostas pelos organismos internacionais durante a conferência de Jomtien, realizada na Tailândia, em 1990, na qual os países mais pobres do planeta foram convocados a se comprometer em alfabetizar um número maior de pessoas, em especial as mulheres que estão entre os maiores índices de analfabetismo e de acesso à educação escolar.

Nossa hipótese é que o PNAIC trata-se de uma política para atender as exigências dos organismos internacionais, daí a importância deste trabalho que contribuirá para analisar como ele vem sendo trabalhado no contexto escolar; o papel que a literatura tem neste programa e no ambiente escolar tendo como foco a questão do gênero feminino.

O PNAIC foi criado no ano de 2012, segundo a Portaria nº 867 de 2012, e faz parte do compromisso assumido pelo governo brasileiro de alfabetizar todas as criaças até aos oito anos de idade.

> [...] Art. 1o Fica instituído o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, pelo qual Ministério da Educação (MEC) e as secretarias estaduais, distrital e municipais de educação reafirmam e ampliam o compromisso previsto no Decreto no 6.094, de 24 de abril de 2007, de alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental [...] (BRASIL, 2012a, p.22).

O Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa usa materiais próprios para a formação de professores e para uso dos alunos, porém também faz uso dos livros fornecidos pelo PNLD. Foram selecionados os livros propostos pelo edital PNLD obras complementares, que foram distribuídas do seguinte modo: 359 das áreas de Ciências Humanas e Temas Transversais, 514 das áreas de ciências

da Natureza e Matemática e 471 das áreas de Linguagens e códigos (BRASIL, 2012b).

Os acervos de obras complementares fornecidas pelo PNLD selecionados foram a do acervo coletivo[1], sendo as seguintes:

Quadro 1: Lista das obras selecionadas, autores e ilustradores.

Obras escolhidas	Autor	Ilustrações	Ano de publicação
Acervo I			
A casa das dez furufunfelhas	Lenice Gomes	Romont Willy	2010
Uma zebra fora do padrão	Paula Browne	Paula Browne	2011
Vizinho, vizinha	Roger Melo	Graça lima Mariana Roger Melo	2002
Acervo II			
A melhor família do mundo	Susana Lopes	Ulises Wensell	2010
Feminina de menina, masculino de menino	Márcia Leite	Sônia Magalhães	2011
Quando Estela era muito, muito pequena	Marie Louise Gay	Marie Louise Gay	2010
Palavras, palavrinhas, palavrões	Ana Maria Machado	Jótah	2011
Acervo III			
Até as princesas soltam pum	Ilan Breman	Ioni Ziberman	2008

[1] Os acervos coletivos são as obras que podem ser usadas no 1º, 2º e 3º ano, diferente das especificas para cada ano.

Fonte: quadro de elaboração própria.

No segundo capítulo optamos por trabalhar com representações da mulher tendo em vista que a representação nasce como um recurso para que os seres humanos posam se referir às coisas sem, necessariamente que elas estejam presentes concretamente. No decurso da história, a representação passa a ser uma ideia da realidade que não coincide, necessariamente, com ela. Entretanto, não se pode perder de vista que a realidade concreta resulta de condições reais de sua produção, de modo que ao se separar a realidade da representação da mesma sempre há o risco de se criar ideologias, entendidas como distorções da realidade por um grupo social em seu próprio benefício. (MARX, ENGELS 1999).

A produção de ideias, de representações e da consciência está direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge aqui como emanação direta do seu comportamento material. (MARX, ENGELS 1999).

No presente trabalho, debruçamo-nos sobre as obras com o intuito de aprender, ainda que de forma preliminar, as representações do gênero feminino, buscando captar se haveria algum tipo de distorção em relação às mulheres reais de carne e osso, com atenção especial àquelas distorções que resultam da ideologia machista, à qual se constitui em instrumento de legitimação da existência de uma superioridade masculina, decorrente das diferenças biológicas entre o homem e a mulher, como justificativa para a naturalização da opressão feminina.

Esse trabalho foi motivado pela necessidade de saber quais os materiais disponíveis para se trabalhar na escola, quais as referências à figura feminina, como essas referencias se apresentam às crianças e quais as possibilidades de trabalho pedagógico pelas professoras, dedicando especial atenção às referências da mulher nas relações familiares, no trabalho, na relação com bens culturais e em diferentes gerações e, na medida do possível, discutindo problemas como o machismo, o sexismo e a misoginia.

Buscamos identificar de que maneiras essas obras literárias colaboram para a educação das crianças, buscando avaliar se as mesmas colaboram para a

reprodução do machismo e/ou para o combate do machismo, do sexismo e da misoginia, bem como discussões a respeito de preconceitos e estereótipos relacionados com a figura feminina. O trabalho de análise e síntese teve como objeto a parte textual dos livros e a pictórica, em livros cuja temática central nem sempre era a discussão de gênero. Nesse sentido, o capítulo dois foi dividido em um subitem para analisar obras cuja temática central era a discussão de gênero e livros que acabavam por se referenciar a problemas do gênero feminino, mesmo tendo como tema central outras questões.

O objetivo geral foi compreender o teor informativo que estas literaturas infantis possuem e como se posicionam diante da temática do gênero, com um recorte na representação feminina no capitalismo. Nossos objetivos específicos foram identificar temáticas referentes a gênero, identificar se a figura feminina aparece nestas obras e como elas aparecem, e colaborar para as análises da figura feminina no capitalismo.

Para percorrer este caminho de pesquisa utilizamos a metodologia de pesquisa bibliográfica, que não se esgota no levantamento de dados, mas avança rumo a busca por soluções dos problemas identificados nas pesquisas, por isso, o objeto não pode ser aleatório (MIOTO; LIMA, 2014).

Capítulo 1 – O FIO DE ARIADNE: A literatura infantil como recurso para Alfabetização no Brasil do século XXI – conjuntura de Elaboração do Programa Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa.

O cenário educacional mundial se mostra desastroso, milhões de crianças e adultos analfabetos e sem acesso à educação, “mais de 100 milhões de crianças e incontáveis adultos não conseguem concluir o ciclo básico, e outros milhões, apesar de concluí-lo, não conseguem adquirir conhecimentos e habilidades essenciais” (JOMTIEN, 1990). Neste contexto ocorreu a Conferência Mundial de Educação Para Todos (doravante CMEPT), realizada de 5 a 9 de março no ano de 1990, na cidade de Jomtien, Tailândia. A CMEPT teve a participação de 1500 pessoas, entre elas representantes dos governos, e 150 delegados dos países participantes.

A motivação para a Conferência de Jomtien de promover a melhoria na educação básica no mundo, está descrita no preâmbulo do documento intitulado Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de (doravante PAPSANBA), redigido na Conferência e publicado em maio de 1991 pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (doravante, UNICEF).

O PAPSANBA continha dez artigos que estabelecia as ações para a melhoria da educação, como: a universalização, equidade da educação, melhoria nos instrumentos de aprendizagem, entre outros. Para realização deste trabalho, nos deteremos nos artigos referentes à leitura e escrita, destacando o primeiro artigo–, que atende as necessidades fundamentais de aprendizagem.

> [...] essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo [...] (JOMTIEN, 1990, p.2).

No documento fica explícito que leitura e escrita são essenciais tanto à aprendizagem, quanto ao desenvolvimento da dignidade e da qualidade de vida, cujo conteúdo é ratificado nos artigos terceiro e sétimo.

O PAPSANBA também estabelece em seus artigos que é preciso haver uma melhora da qualidade no sistema de educação. Segundo o documento, essa melhora será possível através da leitura e escrita, e universalização da educação e equidade (propostas também no artigo terceiro). Fica evidente que, a qualidade que se busca é a relacionada ao domínio da língua escrita e falada.

Este documento orientou as politicas educacionais brasileiras estabelecidas na LDB (Lei de Diretrizes e Bases), desde a formulação das bases mais gerais da educação escolar no país:

> No Brasil, a primeira grande mudança educacional da década de 1990 é trazida com Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Lei n. 9394/96, promulgada 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que substitui a Lei de Diretrizes e Bases 5692/71. A LDB 9394/96 estabelece que "a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais" (BRASIL,1996, apud. DIAS; LARA, 2008,p.6).

As políticas formuladas no Brasil a partir da Conferência de Jomtien atendiam às demandas do Banco Mundial, que foi uma agência financiadora do evento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante, PCNs), por exemplo, foram elaborados dois anos depois da implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (doravante, LDBEN) (BRASIL, 2016) pelo governo brasileiro, divididos em dez volumes, nos quais praticamente se reproduz trechos do documento de Jomtien, quanto à universalização, à equidade e à qualidade do ensino, com destaque à obrigatoriedade do Ensino Fundamental na idade certa, considerado essencial para a aprendizagem.

Saliente-se que no documento de Jomtien há uma orientação explícita para o estabelecimento de metas nacionais para que homens e mulheres tenham os mesmos níveis de alfabetização, superando a defasagem das últimas em relação aos primeiros:

> [...] tais níveis devem ser coerentes com a atenção prioritária dada pela educação básica à universalização do acesso e à aquisição da aprendizagem, consideradas aspirações conjuntas e inseparáveis. Em todos os casos, as metas de desempenho devem incluir a igualdade entre os sexos. No entanto, a determinação dos níveis de desempenho e da proporção de participantes que deverão atingir esses níveis em programas

> específicos de educação básica, deve ser deixada a cargo de cada país (grifo nosso) (JOMTIEN, 1990, p. 8).

> Cada criança ou jovem brasileiro, mesmo de locais com pouca infra-estrutura e condições socioeconômicas desfavoráveis, deve ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania para deles poder usufruir. Se existem diferenças socioculturais marcantes, que determinam diferentes necessidades de aprendizagem, existe também aquilo que é comum a todos, que um aluno de qualquer lugar do Brasil, do interior ou do litoral, de uma grande cidade ou da zona rural, deve ter o direito de aprender e esse direito deve ser garantido pelo Estado. Mas, na medida em que o princípio da eqüidade reconhece a diferença e a necessidade de haver condições diferenciadas para o processo educacional, tendo em vista a garantia de uma formação de qualidade para todos, o que se apresenta é a necessidade de um referencial comum para a formação escolar no Brasil, capaz de indicar aquilo que deve ser garantido a todos, numa realidade com características tão diferenciadas, sem promover uma uniformização que descaracterize e desvalorize peculiaridades culturais e regionais (BRASIL, 1997, p.28).

Desde o ano de 2010, a etapa do Ensino Fundamental no país passou a ser de nove anos, que foi dividida em dois ciclos com ênfases diversas, quais sejam:

1. LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO INICIAIS: Acontece nos três primeiros anos, e pressupõe “o contato sistemático, a convivência e a familiarização da criança com objetos, práticas e processos típicos da cultura letrada”.
2. ÀREAS DO CONHECIMENTO E DISCIPLINAS: Acontece nos dois últimos anos do primeiro segmento do Ensino Fundamental, e contempla ‘a consolidação do duplo processo iniciado na etapa anterior, desenvolvendo tanto a sua proficiência em leitura e escrita, quanto a sua capacidade de refletir sobre a língua e a linguagem” (BRASIL, 2012b, p.12).

Com tantas mudanças nas políticas brasileiras para a educação, fazia-se necessário elaborar uma forma de garantir a qualidade do ensino fundamental, por meio de critérios objetivos. Mas o que seria essa qualidade na educação?

Na LDBEN, no capítulo do financiamento, bem como nas emendas constitucionais nº 14 e 58 e respectivas leis ordinárias, estabelecem que a qualidade foi objetivada pelo critério econômico, de modo que se compreendeu que o estabelecimento de um valor mínimo por aluno/ano, a ser investido pelo Estado, seria a forma mais concreta de garantia da qualidade.

Ocorre que este valor mínimo por aluno/ano é o mesmo para todo o território nacional e não é determinado a partir do cálculo das necessidades de cada aluno da escola e do sistema escolar, mas do montante disponível pelo Estado a cada ano, em consequência das variações na arrecadação de impostos e tributos. Para o ano de 2016, por exemplo, esses valores são de. R$ 2.545,31 (US$ 63,00) para alunos de primeira á quarta série, de escolas urbanas.[2]

De acordo com o documento "Indicadores da Qualidade na Educação", elaborado e disponibilizado pelo MEC e INEP, a qualidade na educação só pode ser avaliada pela comunidade escolar local, o que denota que o critério de qualidade tem como referência a satisfação dos alunos-clientes, no âmbito da lógica neoliberal que equipara a educação, antes, à prestação de serviços, do que à efetivação de direitos (INDICADORES, 2004).

O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é responsável por avaliar a educação brasileira, subsidiar informações, formular e reformular leis e políticas que possam melhorar o desempenho dos alunos no sistema de ensino (INEP, 2013). Desde o ano de 1990 o SAEB, tem avaliado a educação brasileira, porém somente no ano de 1995 esses resultados começaram a ser comparados com os dos anos anteriores, pois ainda não havia se organizado um sistema para essa função, sendo avaliados ano a ano, individualmente (BRASIL, 2007).

O SAEB, é composto por três avaliações externas em larga escala: ANEB – Avaliação Nacional da Educação Básica, aplicada a uma amostra de alunos de quinto e nono ano do ensino fundamental e do terceiro ano do médio, em escolas públicas e privadas, a fim de avaliar a qualidade, equidade e eficiência da educação brasileira. A Anresc/Prova Brasil – Avaliação Nacional do Rendimento Escolar, aplicada também nos quintos e nonos anos das escolas públicas, a fim de saber suas qualidade de ensino e por ultimo a ANA – Avaliação Nacional de Alfabetização, aplicada no terceiro ano do ensino fundamental, com o objetivo de avaliar os níveis de letramento e alfabetização dos alunos de escola pública, nas disciplinas de português e matemática (INEP, 2013, n.p.).

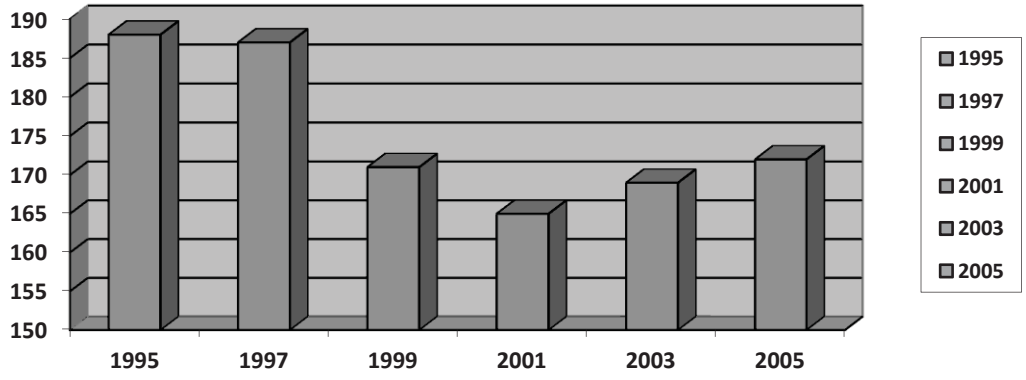
[2] Esse valor foi publicado na portaria interministerial nº 8, de novembro de 2015. Segundo a mesma tabela e a emenda constitucional 56/2006 esses valores mínimos por aluno em cada ano são estabelecidos de forma diferente para alunos de diferentes categorias: na educação infantil temos pré escola integral, creche integral, pré escola parcial, creche parcial; no ensino fundamental temos series iniciais urbanas, séries iniciais rurais, séries finais urbanas, séries finais rurais, tempo integral; no ensino médio temos urbano, rural, integral, profissional. Enfim são 13 tipos de valores mínimos/aluno/ano (BRASIL, 2015).

Os gráficos 1 e 2 demonstram que durante o período de 1995 a 2001, nos mandatos de Fernando Henrique Cardoso, os rendimentos das crianças em língua portuguesa e matemática decaíram.

No ano de 2002, Luiz Inácio Lula da Silva é eleito, e em 2003 observaram-se resultados muito insatisfatórios na avaliação SAEB. Como resposta, em 2004, o governo criou a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores em Educação Básica, e propôs o Programa Pró-letramento como parte de uma estratégia para responder perante os organismos internacionais pelos baixos desempenhos dos alunos, induzindo os professores a receberem formação específica para melhorar os desempenhos dos alunos (LUZ, 2012).

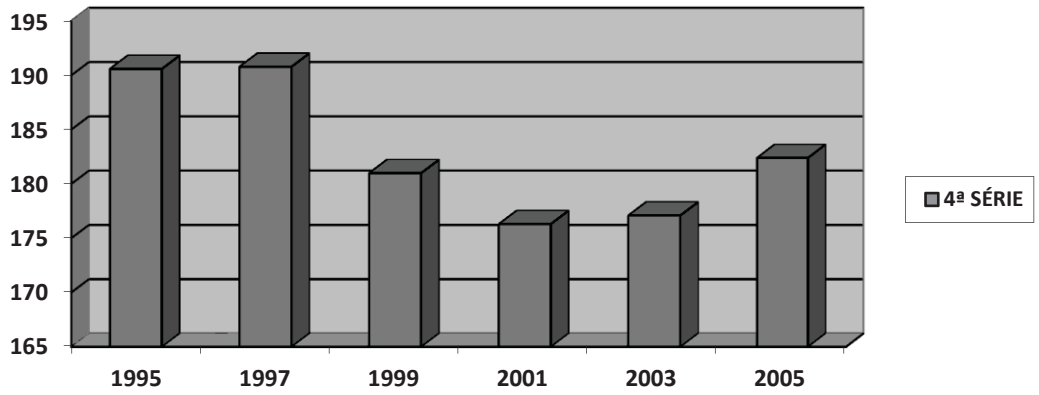
Em 2005, após um ano da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, houve um impacto positivo nos resultados das avaliações, onde as médias subiram de 169 para 172 em 2005 em português e de 177, 1 para 182, 4 em matemática, o que pode ser atribuído à intensificação não só da formação, como também da fiscalização e da emulação direta da rede sobre os professores (LUZ, 2012):

Gráfico 1 - Médias de Proficiência em Língua Portuguesa - Brasil 1995 - 2005



Fonte: BRASIL, 2007

Gráfico 2 - Médias de Proficiência em Matemática – Brasil 1995 – 2005



Fonte: BRASIL, 2007

O Pró Letramento consiste num programa de formação continuada para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a fim de melhorar a qualidade do ensino e o coeficiente de rendimento das crianças nos primeiros anos desse nível de ensino, que se caracteriza por ser uma política orientada por organismos internacionais, com forte caráter de centralização e formação de professores, a partir da premissa de que eles seriam os responsáveis pelo sucesso da alfabetização, a despeito de suas condições reais de trabalho e remuneração, que reforça a ideia de formação em serviço, política cada vez mais oficializada pelo Estado, de caráter pragmático e descontínuo em relação às outras propostas de formação continuada (LUZ, 2012).

O Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é um projeto que vem para cumprir o compromisso que o Pró-letramento não conseguiu, de alfabetizar crianças até aos oito anos de idade, ressaltando que o PNAIC atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O PNAIC foi criado no ano de 2012, por meio da Portaria nº 867 de 2012, publicado no Diário da União, com "[...] o compromisso previsto no Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007, de alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental" (BRASIL, 2012a).

O pacto ratifica a centralidade na formação de professores como decisiva para o sucesso da alfabetização, independentemente das condições reais dos professores (salários, planos de carreira, estabilidade, jornada e condições de trabalho) em eu seu Artigo 3º, inciso IV da Lei 12.208 de 25 de Abril de 2013 a

formação de professores, a prover que deve se incluir em todo o currículo de ensino superior dos cursos de licenciatura em pedagogia, disciplinas específicas de alfabetização (BRASIL, 2012b).

Ainda uma vez, este programa foi proposto como política de elevação da qualidade do ensino, numa conjuntura que havia no sistema brasileiro um número consideravelmente grande de crianças não alfabetizadas. Entretanto, houve uma mudança de tática para o combate ao analfabetismo: No Pró-letramento, os professores recebiam formação que pode ser compreendida como uma forma de prescrição e controle do seu trabalho, mediada por uma política formativa; mas o PNAIC o controle é mais direto sobre a organização do trabalho docente na sala de aula, cotidianamente.

Nessa política, consideram-se alfabetizados os alunos que atendem aos requisitos fluência de leitura, produção de textos, compreensão do funcionamento do sistema de escrita entre outros, permanecendo a ênfase nas crianças de até oito anos de idade (BRASIL,2012a).

O PNAIC foi incluído na organização do trabalho escolar de muitas escolas, com a adesão facultativa por parte dos professores, os quais recebem bolsa, certificado e uma formação continuada presencial com duração de dois anos, tendo reuniões frequentes que visam trabalhar com os manuais do professor, fornecidos pelo próprio PNAIC:

> Art. 17. A título de bolsa, o FNDE pagará aos participantes, mensalmente e durante a duração do curso da Formação Continuada de Professores Alfabetizadores, os seguintes valores: I - ao coordenador-geral da IES: R$ 1.500,00 (mil e quinhentos reais); II - ao coordenador-adjunto da IES: R$ 1.400,00 (mil e quatrocentos reais); III - ao supervisor da IES: R$ 1.200,00 (mil e duzentos reais); IV - ao formador da IES: R$ 1.100,00 (mil e cem reais); V - ao coordenador das ações do Pacto nos estados, Distrito Federal e municípios: R$ 765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais); VI - ao orientador de estudo: R$ 765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais); e VII - ao professor alfabetizador: R$ 200,00 (duzentos reais) (BRASIL, 2013).

Os professores conveniados ao PNAIC têm reuniões frequentes que visam trabalhar com os cadernos de formação, coordenadas por orientadores de estudos que são professores das redes municipais ou supervisores de ensino. “Estes

coordenadores também recebem uma formação específica, com 200 horas de duração por ano, ministrados por universidades públicas" (BRASIL,2012c, p.15). No ano de 2013, o programa ofereceu 120 horas de formação aos professores conveniados (BRASIL, 2013).

No Brasil, faz parte de um conjunto de políticas com o objetivo de garantir a alfabetização das crianças até oito anos de idade, desde as orientações mais gerais do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) no decreto nº 6.094, de 24/4/2007, no inciso II do art. 2º e o PNE (Plano Nacional de Educação), especialmente a meta 5 (BRASIL, 2012c).

Os governos estaduais, ou municipais que se comprometem com o Pacto devem:

> 1. alfabetizar todas as crianças em língua portuguesa e em matemática;
> 2. realizar avaliações anuais universais, aplicadas pelo INEP, junto aos concluintes do 3º ano do ensino fundamental;
> 3. no caso dos estados, apoiar os municípios que tenham aderido às Ações do Pacto, para sua efetiva implementação (MINISTÉRIO..., 2012a, n.p.).

Ao final dos trabalhos, espera-se que os alfabetizandos sejam capazes de interagir com textos, escrever, ler em diferentes condições e espaços sociais e compreender o sistema alfabético, em conformidade com o conceito de alfabetização que fundamenta o PNAIC e deve se concluir em três anos, totalizando de 600 dias letivos (BRASIL, 2012b).

Programas como Pró Letramento e PNAIC têm gerado inúmeras discussões no que tange à formação de professores em nosso país, gerando questionamentos sobre se efetivariam a melhoria da qualidade na educação ou cumpririam o papel de medidas paliativas, para suprir a defasagem da formação docente. Para Brzezinksy (2010) as políticas de formação de professores no Brasil contemporâneo tem sido marcadas pela " contradição entre o mundo vivido e o mundo oficial" (BRZEZINSKI, 2010, p. 201).

Ao analisar as mudanças a partir da LDB –de 1996, quanto à formação de professores, a autora concluí que elas estão diretamente relacionadas ao rebaixamento nas exigências do Estado para o estabelecimento de instituições de ensino superior que pretendem atuar na formação de professores em licenciatura. Uma política exemplar foi a criação dos ––Institutos Superiores de Educação (doravante ISEs), os quais oferecem cursos, mas não se obrigam a desenvolver

além da formação docente, pesquisa e extensão, diferentemente das universidades, especialmente as públicas, em que o futuro professor pode, além de estudar, ter experiências de iniciação cientifica, extensão e outras atividades que virão a enriquecer sua docência.

Brzezinski (2010) aponta que essa nova política facilitou a certificação e formação de professores, em entidades com qualidade duvidosa. Tal tese é ratificada pelos estudos de Scheibe (2010), a qual constatou que a maioria de instituições oferece ensino superior a distância, ou em faculdades privadas, cursos noturnos de baixa qualidade, no que compete a currículo, à formação e à estrutura.

> Já no que concerne à formação de professores, a fragmentação institucional é clara. Segundo o Censo da Educação Superior de 2007 (Brasil/INEP, 2009b), é o setor privado que responde por cerca de 74% das matrículas em cursos de graduação presenciais no Brasil, a maior parte em instituições não universitárias, sobretudo em cursos noturnos. Tais instituições apresentam, em geral, situação mais precária para a oferta dos cursos. Devido ao menor custo de oferta, as licenciaturas são, historicamente, privilegiadas por essas instituições. A maior parte dos professores no Brasil, portanto, é formada em instituições não universitárias e em cursos ofertados no período noturno (SCHEIBE, 2010, p. 984).

Scheibe (2010) e Brzezinski (2010) convergem em suas opiniões a respeito dos limites das formações nas ISEs, destacando que a fragmentação e a distância colabora para a queda na qualidade das licenciaturas.

Costa (2009) destaca que tais políticas têm como consequência uma alienação dos professores, os quais perdem conteúdos e, o controle sobre o seu trabalho docente e, enfim são culpabilizados pelos índices de analfabetismo, sem se considerar outros fatores como: evasão, trabalho infantil doméstico ou informal, baixo investimento por aluno, concepção de qualidade na LDB.

Entendemos, então, que o passo determinante rumo à qualidade na formação de professores o fato de ser obrigatório o curso de pedagogia para aqueles que pretendem atuar no ensino fundamental de 1º à 4º série. Entretanto, Brzezinski tem uma posição crítica referente à essas formações realizadas nas ISEs:

> Da mesma forma, a força do decreto n.º 3.276, de 06/12/1999, golpeou o mundo vivido dos educadores impondo a formação de professores da educação infantil e do ensino fundamental dos anos iniciais exclusivamente nos ISEs. Diante de sucessivas investidas do mundo vivido contra o mundo oficial, no ano seguinte, houve uma modificação do decreto supra: o novodispositivo, entretanto, não produziu justiça, deixando de atribuir à

> universidade a formação de professores, como lócus mais expressivo da articulação entre a pesquisa e o ensino (BRZEZINSKI, 2010, p. 202).

Foi estabelecido no Brasil (2012c), nos itens referentes à formação continuada dos professores, não se limitaria à graduação, sendo construída pouco a pouco, e "[...] precisa garantir ainda o aprofundamento dos conhecimentos sobre alfabetização, interdisciplinaridade e inclusão como princípio fundamental do processo educativo" (MINISTÉRIO..., 2012b p. 24).

Segundo dados do Inep (2011), há no país cerca de 7.980.786 matrículas de pessoas na faixa de seis a oito anos, em fase de alfabetização, como podemos observar no quadro 1:

Quadro 2: Números de matriculados nas séries iniciais do ensino fundamental no ano de 2011.

Nº escolas com matrículas no 1º, 2º, 3º ano e multisseriadas/ multietapa	108.733
Nº de turmas do 1º, 2º, 3º ano e multisseriadas/ multietapa	400.069
Nº de matrículas do 1º, 2º, 3º ano e multisseriadas/ multietapa	7.980.786

Fonte: Inep, Censo Escolar 2011

Por meio do PNAIC, o Ministério da Educação distribuiu materiais para a formação docente e colocou a sua disposição livros de literatura infantil, jogos, entre outros materiais para o uso fruto às crianças a serem alfabetizadas. A alfabetização deve se realizar dos seis aos oito anos de idade, pois como a proposta do PNAIC, de estabelecer a meta de que os alunos sejam alfabetizados até os oito anos de idade.

As escolas conveniadas ao Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa receberam acervos para a sala de aula. Dentre os volumes destacamos o livro denominado– "Acervos complementares - Alfabetização e Letramento nas Diferentes Áreas do Conhecimento (doravante, ACALDAC), elaborado pelo Centro de Estudos em Linguagem (doravante, CELL, da Universidade Federal de Pernambuco'' (BRASIL, 2012b), o qual é um dos nossos objetos de análise.

O ACALDAC, orientou os professores alfabetizadores a utilizarem os materiais e recursos didáticos para a efetivação do PNAIC, estimulando as crianças a se alfabetizarem por meio de estratégias lúdicas, midiáticas, para além do material literário.

O rol de instrumentos sugeridos aos professores constitui-se dos livros sobre os seguintes temas: universo literário, divulgação do saber científico, biografias, dicionários, livros de receitas, de palavras e didáticos.

As estratégias lúdicas são compostas por trabalhos com jogos de alfabetização e materiais que estimulam a reflexão sobre palavras (abecedários pares de fichas de palavras/figuras e letras, dentre outros) e, bem como aquelas que se apoiam em revistas e jornais, materiais que circulam nas ruas, como panfletos, cartazes educativos, embalagens, dentre outros), televisão, rádio, computador, enfim, materiais advindos de fontes midiáticas diversas.

Esses materiais devem ser produzidos ou selecionados pelos próprios professores, mas também disponibilizados pelas Secretarias de Educação ou ainda distribuídos e fornecidos pelo Ministério da Educação revelando que, ao mesmo tempo -em que há forte direcionamento do seu trabalho pedagógico, por outro lado o professor é apoiado e estimulado a ter certa autonomia na relação e organização dos materiais mais próximos à da cultura da escola e da região onde o docente atua.

1.1 Notas sobre a literatura na alfabetização

Considerando-se que o os livros literários organizados e disponibilizados no âmbito do ACALDAC são de extrema importância para desenvolver leitura e escrita dos alunos e que este material é a base do PNAIC, cujo programa reitera o uso de literatura infantil como recurso central na alfabetização e em sentido mais amplo, nos processos iniciais de instrução das crianças, indagamo-nos qual seria a natureza da contribuição que a literatura pode oferecer para a alfabetização, de modo a se tornar estratégia central no âmbito da política do PNAIC?

Os primeiros livros de Literatura Infantil surgiram em meados do sec. XVII e XVIII, o primeiro trabalho desenvolvido para as crianças foi um livro didático com

ilustrações criado e proposto por Comenius, o qual enfatizava a linguagem pictórica, ao invés da palavra escrita:

> Nesse sentido, uma das contribuições de Comenius para a educação das crianças foi a confecção dos primeiros materiais didáticos ilustrados. O primeiro livro didático infantil, a *Orbis Sensualis Pictus*1 , é produto dessa aproximação incondicional do pedagogo morávio com o mundo infantil. Trata-se de uma pequena enciclopédia infantil com a intenção de ensinar todas as coisas através de gravuras (NICOLAY,201, p.12).

No âmbito da palavra escrita, que registra estórias/histórias com enredo, destacamos o trabalho pioneiro de Perrault (1697), cujas obras contêm contos e histórias do tempo passado com lições de moral. No ano de 1697, o literato publicou “Mamãe Gansa”, com oito contos todos extraídos do folclore: “O Barba Azul”, “ Cinderela,” “A Gata Borralheira”, “O Gato de Botas ”, Chapeuzinho Vermelho”, “As fadas”, “Henrique”, “ O topetudo” e “o Pequeno Polegar”.

No Brasil a Literatura Infantil surgiu aproximadamente dois séculos depois, com a tradução do livro “Patinho Feio” de Andersen (1843), quase um século depois, Lobato com o seu primeiro livro “Narizinho Arrebitado” publicado em 1920, seguido pelas “Reinações de Narizinho, em 1931 (SANTOS, 2001).

As obras de Perrault (1697) tinham, antes, o objetivo de proporcionar a moralização das crianças por meio dos contos, do que, um momento de diversão. Enfim predominavam nos textos o olhar adulto sobre o mundo:

> A literatura infantil, por sua vez, é outro dos instrumentos que tem servido à multiplicação da norma em vigor. Transmitindo, via de regra, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo, ela se compromete com acordos que estão em desinteresse do jovem. Porém, pode substituir o adulto, até com maior eficiência, quando o leitor não está em aula, ou mantém-se desatento às ordens dos mais velhos. Ocupa, pois, a lacuna surgida nas ocasiões em que os maiores não estão autorizados a interferir, o que acontece no momento em que os meninos apelam á fantasia e ao lazer[...] (ZILBERMAN, 2003 p. 23)

Para Zilberman (2003), a dupla função social das histórias infantis para as crianças: era ensinar a moral sob a mediação do olhar adulto sobre o universo

infantil e apresentar-lhes representações da realidade. Porém, seus apontamentos nos chamam a atenção para um aspecto importante: os livros da literatura infantil, por si, devem ser escritos tendo-se em consideração que nem sempre a criança terá a mediação de um adulto para a compreensão, bem como a interpretação daquilo que estiver escrito ou grafado na forma de figuras e outros elementos gráficos, podendo levar a leituras mistificadas e limitadas, na medida em que a criança, enquanto ser em formação tem limites. Por isso, as mensagens devem ser o mais claras quanto for possível, diretas e em linguagem acessível, pois, na falta da mediação de um adulto nesta leitura, as dificuldades geradas, bem como as mistificações produzidas são de responsabilidade dos autores e ilustradores dos respectivos livros.

Barthes (1977) amplia a função social da literatura como instrumento de difusão de ideologias destacando que as relações sociais estão permeadas de disputas de poder, e que a língua é a manifestação suprema e inescapável. A própria estrutura da língua falada, demonstraria relações de poder e imposições sociais.

> [...] Adivinhamos então que o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo: chamo discurso de poder todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe. [...] Assim, por sua própria estrutura, a língua implica uma relação fatal de alienação [...] (BARTHES, 1977 p. 6).

Segundo Ramos e Aguiar (2012) não há nada tão poderoso quanto a literatura, nestas conjunturas a ciência e a tecnologia avança rapidamente, nos remetendo a uma relação mais emblemática e veloz, com o mundo exterior, a literatura, ao contrário, pode se tornar um veículo para uma viagem ao interior da subjetividade do ser humano.

> -[...] nada tão poderoso quanto a Literatura para animar as pessoas para se apropriarem do mundo da palavra. Nada como a reflexão, o prazer e entretenimento, e a fruição estética que a Literatura pode proporcionar para alargar a nossa humanidade interior. Nada como a Literatura, essa experiência de milênios de encantamento da palavra promovida (e movida) pela humanidade para nos tentar a entrar para o mundo dos heróis, das aventuras, da exposição da alma humana e da exploração do sentido de tudo que há e nos cerca. Nada como a Literatura, que ergue um defunto da tumba e o transforma em autor; e faz, de uma boneca de pano, gente que reforma a natureza e subverte o poder do tamanho, para nos defrontar com

> a multiplicidade disso que chamamos de *realidade*. (RAMOS, AGUIAR; 2012, p.27).

Llosa (2015) contribui ainda mais quando afirma que a literatura é um "denominador comum da experiência humana", nos ensinando a viver em uma sociedade composta por culturas, crenças, etnias, religiões e desejos diferentes: "Ler boa literatura é ainda aprender o que e como somos – em toda a nossa humanidade, com nossas ações, nossos sonhos e nossos fantasmas -, tanto no espaço público como na privacidade de nossa consciência" (LLOSA, 2015, p. 2)".

A partir de tais considerações elaboramos a hipótese geral que a literatura infantil figura como estratégia central de ensino no âmbito do PNAIC, justamente por sua capacidade de moralizar, introduzir crianças ao universo das representações mais complexas produzidas pela humanidade, difundir ideologias e criar um canal de comunicação entre o mundo exterior e a subjetividade infantil. É ensinando às crianças a importância social da palavra escrita que se consegue motivá-la o aprendizado das habilidades técnicas envolvidas no processo de aquisição da literatura e da escrita. A literatura é um recurso que permite à criança, por meio da arte, chegar às técnicas envolvidas na alfabetização e constituir como apreciador da arte literária e produtor da mesma.

A prática da leitura ainda tem sido ruim nas escolas brasileiras no que compete às habilidades básicas exigidas nos sistemas de avaliação (leitura, interpretação e escrita) ou pelos próprios professores na sala de aula, sendo visivelmente notadas nas avaliações de larga escala realizadas pelo SAEB, afirmando que os alunos não conseguem identificar requisitos básicos de leitura.

Desde os primeiros anos da educação infantil e no Ensino Fundamental, a criança precisa ter acesso aos materiais portadores de texto, para que a sua alfabetização seja exitosa, em contrapartida, o professor deve selecionar tais materiais sistematicamente e com intencionalidade pedagógica. O acesso e apropriação dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos presentes nesses materiais só se dará a partir da intervenção planejada do professor.

> Portadores de textos são compreendidos como todos os objetos que apresentam algo que posa ser lido ou quaisquer objetos que levam um texto impresso ou manuscrito [...]. Levar para a sala de aula diversos exemplos

> de portadores de textos, possibilita uma aprendizagem mais conectada com a realidade atual [...] (SANTOS, 2010, p 15.).

Destacamos, porém, que dentre tantos gêneros textuais a literatura tem um lugar especial, pois além da dimensão informativa e formativa comum aos outros gêneros, tem a propriedade de estimular e desenvolver o imaginário infantil, tendo um impacto afetivo muito interessante e motivador.

Dentre as obras oferecidas pelo PNAIC aos professores alfabetizadores de escolas conveniadas elegemos oito para o estudo de a manifestação de uma ideologia em especial: o machismo sendo três obras dedicadas especificamente à discussão da temática do gênero e 5 que têm outros temas centrais, mas representam a mulher de formas variadas e interessantes, oferecendo um importante material de análise sobre aspectos como trabalho feminino, a mulher e a cultura, a mulher na família e representações de mulheres em diferentes fases da vida. De acordo com nossa proposta de identificar em que momentos tais obras reproduzem a ideologia do machismo, que consideramos uma verdadeira “peste” nas relações sociais desde o advento da propriedade privada, buscamos avançar no sentido de avaliar preliminarmente se tais obras oferecem subsídios para um trabalho de problematização daquela ideologia seja sob a mediação do professor, seja na leitura solitária, pelos alunos.

2 APRENDENDO A LER, (E) SER MENINA (OU) MENINO: Análise das representações do gênero feminino no acervo literário do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa.

A mulher na atualidade tem conquistado candidatura à decisão sobre a maternidade após a invenção da pílula anticoncepcional em 1960, ao trabalho, tendo cada vez mais a inserção no mercado laboral, entre outras conquistas. Os meios de comunicação ao mesmo tempo em que propagandeiam a emancipação feminina como efeito da modernização da sociedade, por vezes, apresentam imagens de mulheres como objetos de consumo ou merchandising para venda de produtos dirigidos ao público masculino, de forma privilegiada, ou como população alvo do consumo de produtos de beleza, eletrodomésticos e outros.

Se, por um lado é uma verdade inconteste que a mulher conquistou muitos direitos no capitalismo, especialmente na conjuntura pós-segunda guerra mundial[3], também é verdade que opressão feminina e, mais especificamente, o machismo, está muito longe de ser solucionado.

Dentre os aspectos da opressão feminina, destacamos aqui dificuldades de acesso aos conhecimentos, que afeta sobremaneira as mulheres dos setores mais pauperizados da classe trabalhadora.

Segundo dados de documentos da Conferência de Jomtien, realizada na Tailândia no ano de 1990,"[...] mais de 100 milhões de crianças, das quais, pelo menos, 60 milhões são meninas, não têm acesso ao ensino primário"[...] e mais de 960 milhões de adultos são analfabetos, dos quais dois terços são mulheres (JONTIEM, 1990).

Quanto ao trabalho, segundo Camargo (2016), aponta que as mulheres também são maioria no índice de emprego precário, informal e doméstico:

> O total das mulheres no trabalho precário e informal é de 61%, sendo 13% superior à presença dos homens (54%). A mulher negra tem uma taxa 71% superior à dos homens brancos e 23% delas são empregadas domésticas. Necessariamente, a análise da situação da presença feminina no mundo do trabalho passa por uma revisão das funções sociais da mulher, pela crítica ao entendimento convencional

[3] Em virtude da guerra muitas mulheres saíram para o mercado de trabalho fora do lar (PROBST, 2015).

> do que seja o trabalho e as formas de mensuração deste, que são efetivadas no mercado (CAMARGO, 2016, n.p.).

Em relação à violência contra a mulher, no Brasil ocorreram 4.719 feminicídios por meios violentos e esse número pode aumentar ainda mais se considerarmos que muitas mulheres agredidas e vitimas de violência, sobrevive e se sequer denunciam.

De acordo com dados divulgados no Balanço dos atendimentos realizados de janeiro a outubro de 2015 pela Central de Atendimento à Mulher na Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), cerca de 38,72% das mulheres em situação de violência sofrem agressões diariamente e 33,86%, semanalmente (DADOS..., 2016).

As violências dirigidas às mulheres acometem cotidianamente as vítimas de estupros, espancamentos, abortos clandestinos, violência doméstica, pilhérias, exploração sexual, psicológica e no trabalho tais violências em geral são cometidas por homens contra as mulheres e por vezes, são justificadas pela ideologia do machismo, que consiste em “atitude ou comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher [...]” (MICHAELIS, 2009) e/ou [...] “o machismo continua a ser uma estrutura ideológica em articulação com a ideologia dominante e com as instituições de controle social” (LAMOGLIA; MINAYO, 2009, n.p.).

Pagamunici (2011, n.p.), afirma que “[...] o machismo não é só fruto de uma conduta individual. É uma ideologia, ou seja, um sistema de ideias falsas que criam uma falsa verdade utilizada pelo sistema para manter a dominação e ampliar a exploração”. Pela ideologia machista se justifica a opressão do gênero feminino, a exploração, a violência e até mesmo a colocação da mulher em péssimos locais de trabalho, já que de acordo com o machismo a mulher é a “rainha do lar”.

Houve uma naturalização do mito da inferioridade feminina, com a instauração de uma sociedade de classes, respaldada no sistema patriarcal que consiste na figura masculina no centro das relações e na “[...] dominação dos homens sobre as mulheres [...]” (MORGANTE; NADER, 2014, p. 3). Segundo Reed (2008), a sociedade nem sempre foi patriarcal, a autora explicita importantes descobrimentos sobre a evolução da mulher, família e humanidade. Segundo Reed

(2008), a ideologia da superioridade masculina que justifica socialmente a violência contra a mulher, tem suas raízes mais profundas no patriarcado. Entretanto desde os primórdios da civilização, as mulheres tiveram um papel central no desenvolvimento da ciência e da tecnologia, pois:

> [...] durante um período em que os homens se ocupavam exclusivamente da caça e da guerra, as mulheres desenvolveram a maior parte dos instrumentos, dos conhecimentos e técnicas que estavam na base do progresso social. Da colheita espontânea de frutos, passaram a rudimentar e depois à agricultura. Entre a grande variedade de artes que praticavam, incluem-se a cerâmica, a curtição de peles, a tecelagem, a construção de habitações, etc. Foram as mulheres que desenvolveram rudimentos da botânica, da química, da medicina e outros conhecimentos científicos [...]"(REED, 2008, p. 38).

Morgan (apud REED, 2008) caracterizou os três principais estágios do progresso humano: o selvagem que ocupa quase 99% da vida humana sobre a terra; o estágio nomeado de barbárie, marcado pelo início da agricultura e criação de gado; o estágio de civilização, que se iniciou aproximadamente há cinco mil anos.

Através dos estudos antropológicos, descobriu-se que nas sociedades primitivas desprovidas de classes sociais e produção de excedentes para intercâmbio, predominava o matriarcado que é a mulher no centro das relações, onde as mulheres ocupavam "[...] posições influentes e respeitadas pela comunidade [...] e sua unidade estava constituída pela gens materna ou pelo clã materno" (REED, 2008, p.29 e 30).O termo matriarcado só foi institucionalizado no ano de 1861 depois da publicação do estudo de "J.J. Bachofen, Das Mutterrenchet" (apud REED, 2008, P. 36).

O significado de família era bem diferente do qual conhecemos hoje, pois a sociedade era dividida em clãs, só se sabiam quem era as mães das crianças, e todos eram os pais, onde os "filhos não eram uma propriedade como os demais artigos da propriedade privada" (REED, p. 35, 2008).

A superioridade masculina foi um mito criado como resultado de um processo em que a sociedade primitiva começou a produzir excedentes, trocar produtos, forjar os conceitos de propriedade privada e herança. Foi nesse contexto que se fez necessário aprisionar a mulher aos lares e subjugá-las como forma de garantir a legitimidade dos herdeiros dos proprietários:

> [...] Enquanto as mulheres mantiveram suas instituições coletivas, conseguiram não ser derrotadas; mas quando surgiu o novo sistema de propriedade privada, o matrimônio monogâmico a família, as mulheres se dispersaram e cada uma se converteu em uma esposa solitária e mãe confinada a um lar isolado (REED, 2008, p. 40 e 41).

Enfim, considerando-se que nem a superioridade masculina nem o patriarcado são fenômenos naturais, mas ideologias que foram se configurando como consequências da propriedade privada, podemos eleger como pressuposto que o chauvinismo masculino, conhecido como machismo é uma ideologia que se coloca como barreira para o desenvolvimento do conjunto do gênero humano, composto por homens e mulheres. Assim, é preciso combater o machismo precocemente, desde a formação inicial das crianças e a escola deve ser apropriada como um lócus privilegiado para isso.

A escola, contudo, pode ser uma instituição dialética, onde profissionais das áreas de educação e alunos possam combater a ideologia machista imposta pela sociedade de classes, quanto lócus de reprodução dessa e de outras ideologias, sendo sempre uma agência de irradiação dos valores da sociedade em determinados momentos de seu desenvolvimento.

Para que a escola combata essa ideologia machista e outras, é necessária uma preparação pedagógica dos profissionais da educação, e esta preparação conta com aliados poderosos como a literatura, que como já vimos no capítulo anterior é de extrema importância para o desenvolvimento da oralidade, escrita e desenvolvimento social das crianças, sendo uma grande aliada da equipe escolar.

No presente capítulo, analisamos as representações do gênero feminino, entendidos como construção social, mais complexa que caracteriza e confere significados a mulher e ao homem, para além de seus caracteres sexuais primários e secundários, tornando-se um dos elementos mais importantes na constituição tanto da subjetividade, quanto da identidade dos sujeitos sociais:

> [...] quando nascemos, somos sujeitos caracterizados fisicamente e biologicamente como pertencentes ao sexo masculino ou feminino. Ninguém nasce com o gênero masculino ou feminino, este acaba por se construir o a partir de socializações, práticas, discursos, modos de ser e agir. Não nascemos com um gênero determinado, produzimos o gênero e somos por ele produzidos (JUNGES. pag.19, 2014).

Analisamos essa produção e reprodução do gênero, explicado por Junges (2014), identificando nos textos da literatura infantil e sua importância na formação da subjetividade. A configuração dos homens e mulheres como gênero feminino ou masculino depende do processo educativo que incide sobre a formação da individualidade de forma não espontânea.

> [...] No caso do fetichismo da individualidade, o que ocorre é que em vez de a individualidade ser considerada fruto de um processo educativo e auto-educativo deliberado, intencional, ela é considerada algo que comanda a vida das pessoas e, em consequência, comanda as relações entre as pessoas e a sociedade. Mesmo que o fetichismo da individualidade surja em nome da liberdade individual, como é o caso das várias formas assumidas pela ideologia liberal, o seu resultado é a negação da liberdade[...] (DUARTE, 2004, p. 11 e 12).

Para realização do trabalho selecionamos oito obras, dividimos as mesmas em dois eixos, o primeiro eixo temático é a que as personagens femininas não aparecem como centrais nas obras, sendo: “Quando Estela era muito, muito pequena” (Gay, 2010), “A melhor família do mundo” (LÓPEZ, 2010), “A casa das dez Furunfunfelhas” (GOMES, 2010), “Uma Zebra Fora do Padrão” (BROWNE, 2011) e “Vizinho, Vizinha” (MELLO, 2002).

O segundo eixo temático é composto pelas obras que fazem uma discussão sobre o gênero de uma forma central, sendo: “Até as meninas soltam pum” (BRENMAN, 2008), “Palavras, palavrinhas e palavrões” (MACHADO, 2011) e “Feminina de Menina, Masculino de Menino” (LEITE, 2011).

Para realização do trabalho transcrevemos os livros na íntegra, no entanto sobressaímos que as ilustrações embora fizeram parte do processo de análise, não se encontram no corpo do trabalho, desta maneira as ilustrações estão dispostas em anexo no *CD-ROOM.*

As análises serão realizadas no corpus textual e pictórico das obras, sendo diálogos, narrações, descrições e reflexões, pertinentes à parte textual. Na parte pictórica analisaremos as capas e gravuras, relacionadas ao cenário, personagens e vestimentas.

É importante termos em mente que os livros de literatura infantil, podem envolver inúmeros conteúdos e riquezas de informações, porém, nos deteremos exclusivamente ao conteúdo referente à nossa pesquisa das representações do gênero feminino nos livros.

2.1. As múltiplas tarefas desde menina: Alimentar, cuidar e educar.

> Quando Estela era muito, muito pequena.
> Texto e Ilustração: Marie Louise Gay
>
> Quando Estela era muito, muito pequena,
> Ela achava que era uma tartaruga.
> Depois achou que era um peixinho dourado...
> ...Mas ser um cachorro era bem melhor.
> Quando Estela era muito, muito pequena,
> Ela vivia em uma casa muito, muito grande.
> Ela podia ver o mundo inteiro
> De cima do sofá da sala.
> Estela não conseguia abrir as portas,
> Espiar pelas fechaduras,
> Nem mesmo amarrar os sapatos.
> Mas conseguia apostar corrida
> Com seus patinhos de borracha
> Na enorme piscina olímpica.
> Estela ganhava sempre.
> Quando Estela era muito, muito pequena,
> As palavras pareciam formigas
> Correndo das páginas.
> Borboletas voavam nas paredes,
> E as xícaras caíam da mesa sem mais e nem menos!
> Todas as noites antes de deitar, Estela ouvia
> As árvores conversando.
> Elas contavam histórias de como seguravam o céu com seus galhos e de como faziam cócegas na barriga das nuvens menores.
>
> Quando Estela era muito, muito pequena,
> Ela explorava a grande floresta tropical que ficava atrás de sua casa.
> Ali, ela via um tigre feroz e enormes cobras venenosas. Insetos gigantescos zumbiam em volta dos seus ouvidos.
> Além da floresta tropical, havia um deserto que parecia não ter fim.
> Num dia de vendaval terrível, Estela quase se perdeu durante uma tempestade de areia.
> E, uma vez, quando Estela era muito, muito pequena, nevou tanto que...
> ... o mundo inteiro desapareceu.
> Mas agora que Estela cresceu, ela dá de comer aos peixes.
> Ela anda muito mais depressa do que uma tartaruga, e carrega o cachorro como se fosse um saco de batatas.
> Ela brinca de esconde-esconde com o gato da vizinha...

> ... e examina as minhocas e os pequenos insetos em seu quintal.
> Agora que Estela cresceu, as formigas de seus livros viraram palavras, e s palavras viraram histórias.
> Agora, Estela pode ler essas histórias para o seu irmãozinho, Marcos.
> Estela também pode ensinar Marcos a imitar uma cobra...
> ... ou um coelho...
> ... ou um pássaro.

A história relata a vida de uma personagem feminina chamada Estela, a obra pode ser dividida em dois momentos: quando Estela era muito, muito pequena e quando ela já havia crescido.

A capa do livro apresenta Estela ainda pequena no mato, em meio aos passarinhos, insetos e um cachorro. Em sua mão direita há uma rede entomológica, também conhecida como puçá. Na ilustração Estela aparece com estatura menor que os outros elementos pictóricos, o que dá ênfase na sua condição infantil, pequena. Trata-se de uma cena bucólica do mundo infantil que nos mostra que a história se refere a uma criança pequena, brincando, em relação com a natureza.

Estela tem pele branca e cabelos ruivos, e veste uma blusa listrada nos tons de lilás e branco, com uma capa amarrada ao seu pescoço, com calças laranjas e está descalça. Os tons “pastel” ajudam a compor uma mensagem de delicadeza junto com os elementos da natureza e figura infantil que pode ser uma evocação à pureza.

Aries (1981), esquematiza um mapa social da criança e família em lentas mudanças, através de pesquisa em túmulos, diários, testamentos, igrejas, entre outros e destaca que no século XVI e XVII, a criança era sempre representada como anjo, numa associação com a pureza:

> [...] Já desde o século XIV, uma tendência do gosto procurava exprimir na arte, na iconografia e na religião (no culto dos mortos) a personalidade que se admitia existir nas crianças, e o sentido poético e familiar que se atribuía à sua particularidade. Acompanhamos a evolução do *putto,* do retrato da criança, até mesmo morta em pequena. Essa evolução terminou por dar a criança, à criancinha pequena – ao menos onde esse sentimento aflorava, ou seja, nas camadas superiores da sociedade dos séculos XVI e XVII – um traje especial que a distinguia dos adultos. Essa especialização do traje das crianças, e sobretudo dos meninos pequenos, numa sociedade em que as formas exteriores e o traje tinham uma importância muito grande, é uma prova da mudança ocorrida na com relação as crianças [...].

> [...] Pois as pessoas se preocupavam muito com as crianças, consideradas testemunhos da inocência batismal, semelhantes aos anjos e próximas de Cristo, que as havia amado [...] (ARIES, 1981, p. 157 e 163).

A autora adota na parte inicial do livro o ponto de vista de Estela, que por ser muito pequena entende e enxerga coisas cotidianas como grandes desafios. Assim, o conteúdo da obra retrata o processo de crescimento e desenvolvimento infantil como uma aventura e nos passa a mensagem da positividade do crescimento, que significa ganhar novas capacidades, habilidades e ampliar as relações com o mundo.

Para Martins (2004), o crescimento significa para a criança um estágio superior, mais complexo, daí a importância dos processos educacionais que desenvolve as habilidades das crianças desde a primeira infância:

> [...] A educação coloca-se então com a função de instruir e adaptar, preparando a inteligência para resolver problemas concretos de uma realidade imediata circunscrita às necessidades primárias de sobrevivência. A inteligência aparece, deste modo, como um conjunto de funções de conhecimento a serviço da resolução de problemas, isto é, da capacidade de adaptação a circunstâncias variadas [...] (MARTINS, 2004, p. 67).

Estela é retratada como uma personagem que aprende na interação espontânea com a natureza e as coisas, sem a interação dos adultos pela observação. Trata-se de um texto que destaca a experiência empírica e espontânea das crianças como fator natural de aquisição do conhecimento, numa perspectiva de tradição escolanovista.

Entretanto, para Martins (2004), o processo de desenvolvimento da criança envolve mais do que o espontâneo e empírico das coisas. Em se tratanto de um texto dirigido a faixa etária de seis a oito anos, é um bom instrumento para desenvolvimento da aprendizagem na escola e outros ambientes naturais e sociais.

Estela é retratada pela autora como uma menina com muita imaginação, podendo ser observado no trecho que diz que Estela enxergava a banheira como uma grande piscina olímpica, quando as letras pareciam formigas que saiam correndo das paginas ou até mesmo no momento em que ela ouvia a conversa das árvores ao anoitecer.

Estela passa por aventuras não somente no interior de sua casa, mas também no lado de fora. São três cenários em que a personagem se aventura, a grande floresta tropical que fica atrás de sua casa, o deserto e a paisagem que ilustra o desaparecimento do mundo após a nevasca.

O segundo momento do livro é quando Estela já está crescida e começa a enxergar o mundo de outra forma.

Nesse momento o traje infantil de blusa e calça é substituído pelo vestido rosa, com uma calça por baixo listrada em branco e cinza, com um laço no cabelo e sapatos vermelhos.

Tais vestimentas bem como as cores conferidas a elas são as primeiras referências diretas ao gênero feminino. Estas não fugiram a um padrão de menina nas histórias infantis: o vestido, a cor rosa e os adereços (laço de cabelo).

No corpus do texto quando ela passa a ser entendida como menina crescida já aparecem algumas das atribuições clássicas à mulher na sociedade capitalista contemporânea: alimentar, educar e cuidar.

As novas vestimentas e funções de Estela nos remetem ao sexismo, que atribuem a determinado sexo algumas funções e adjetivos, como, rosa sendo uma cor de menina, a função de cuidar da casa e dos filhos cabem apenas às mulheres, entre outras:

> Sexismo é uma posição, ou uma postura misógina, de desprezo frente ao sexo oposto [...] Sexismo é atitude de discriminação em relação às mulheres. Mas é importante lembrar que se trata de uma posição, que pode ser perpetrada tanto por homens quanto por mulheres; portanto, o sexismo está presente intragêneros tanto quanto entre gêneros. Inscrita numa cultura falocrática, impregna o imaginário social e o prepara a um vasto conjunto de representações socialmente partilhadas, de opiniões e de tendência a práticas que desprezam, desqualificam, desautorizam e violentam as mulheres, tomadas como seres de menor prestígio social [...] (SMIGAY, 2002, p. 34).

Com o crescimento de Estela também podemos perceber que ela desenvolveu habilidades como ler por exemplo. Estela agora também tem responsabilidades como alimentar o peixe, como já mencionamos anteriormente a função de cuidar e educar, já que, no final do livro Estela é retratada como uma grande companhia a seu irmão Marcos, que tem o tamanho de Estela no início do livro.

Neste livro pode-se observar a reprodução de padrões sexistas: o rosa, o vestido e adereços como vestimentas femininas, que foram aplicadas à personagem para marcar sua passagem para a puberdade, momento em que ela já estaria alfabetizada e assumindo funções presentadas como femininas, entre as quais, a participação nos cuidados com o irmão menor. Todos esses elementos podem se tornar elementos de problematização quando o professor (a) explorar a obra com os alunos.

Este livro nos permite olhar a personagem feminina como uma criança em fase de desenvolvimento físico e social, em que o autor nos permite entender e identificar a influência contemporânea de nosso sistema ideológico, retratando, por exemplo: o sexismo e a divisão de tarefas, que deprecia a imagem da mulher.

2.1.1 A menina que ganhou um lar de mulheres trabalhadoras.

A melhor família do mundo
Texto: Suzana López /Ilustração: Ulises Wensell

Numa linda manhã de maio, Carlota estava brincando no jardim do orfanato quando a diretora a chamou na sua sala.
-- Carlota, uma família te adotou. Virão te buscar amanhã – disse.
Carlota cruzou os dedos e fez um pedido:
“Espero que seja a melhor família do mundo”.
Nessa noite, Carlota não conseguiu dormir de tão nervosa e ficou pensando em como seria a família perfeita.
Imaginou que seria adotada por... uma família de doceiros!
Se fosse adotada por uma família de doceiros, moraria numa confeitaria.
Poderia passar o dia entre bolos, doces, pudins e bombons, escrever mensagens com açúcar em cima dos bolos e lamber o merengue dos doces com cobertura.
Teria *palmier* de chocolate no café da manhã, no almoço no lanche e no jantar.
Sem dúvida uma família de doceiros seria a melhor família do mundo!
Porém... pensando melhor...
Como continuava sem poder dormir, Carlota pensou outra vez em como seria a família perfeita.
Imaginou que seria adotada por... uma família de piratas!
Se fosse adotada por uma família de piratas, moraria em um navio pirata.
Poderia navegar pelos sete mares, desenhar bandeiras com caveiras e ossos e procurar tesouros cheios de moedas de ouro.

> Carregaria um macaquinho no ombro direito e um louro no esquerdo, usaria um tapa-olho e uma perna de pau.
> Sem dúvida uma família de piratas seria a melhor família do mundo!
> Porém, pensando melhor...
> Como ainda não conseguia dormir, Carlota pensou outra vez em como seria a família perfeita.
> Imaginou que seria adotada por... uma família de domadores de tigres!
> Se fosse adotada por uma família de domadores, moraria em um circo.
> Poderia passar o dia brincando com os tigres, enrolar o bigode dos filhotes e contar as listras de sua pelugem.
> Levaria um tigre-de-bengala ao colégio para ser a mais popular no recreio.
> Sem dúvida uma família de domadores seria a melhor família do mundo!
> Porém, pensando melhor...
> Como ainda estava sem sono, Carlota pensou outra vez em como seria a família perfeita.
> Imaginou que seria adotada por... uma família de astronautas!
> Se fosse adotada por uma família de astronautas, moraria em uma nave espacial.
> Poderia visitar os planetas, beber *milk-shake* na Via Láctea e dançar hula-hula com o anel de Saturno.
> Contaria estrelas para dormir à noite.
> Sem dúvida uma família de astronautas seria a melhor família do mundo!
> Porém, pensando melhor...
> Surpresa, Carlota olhou para a janela e se deu conta de que já tinha amanhecido.
> Tinha ficado a noite inteira sem dormir e sua nova família tinha chegado para buscá-la!
> Os Perez.
> Leonor, a nova mãe de Carlota, é funcionária do correio.
> Não é doceira, mas todas as tardes, quando volta do trabalho, compra para Carlota um enorme *palmier* de chocolate para o lanche.
> Roberto, o novo pai de Carlota, trabalha como corretor de seguros.
> Não é pirata, mas adora brincar com Carlota de procurar tesouros escondidos no terreno baldio do bairro.
> Elvira, a nova avó de Carlota, é aposentada. Não é domadora de tigres, mas tem dois gatos, Bigode e Bruno, que passam o dia cochilando no seu colo e adoram sardinhas.
> Pedro, o novo irmão de Carlota, estuda na mesma escola que ela.
> Não é astronauta, mas colou no teto do seu quarto estrelas que brilham no escuro para que ele e Carlota possam contá-las à noite antes de dormir.
> E assim sob o teto estrelado do seu quarto, Carlota Perez finalmente pôde dormir e não precisou ficar imaginando mais.
> Tinha conseguido a melhor família do mundo.

A capa do livro é colorida em tons de azul e cinza, com o título em laranja, na capa tem a imagem de Carlota em sua cama no orfanato, imaginando como será a sua nova família. Carlota tem pele branca e cabelo preto e liso.

Quanto a análise textual, trata-se de um livro que aborda uma temática delicada como a adoção de uma forma muito preocupada de produzir uma discussão que leve as crianças que são filhos naturais a desenvolverem o sentimento de empatia com as adotadas, o que é muito importante para o combate ao preconceito com os filhos adotados. Para as crianças adotadas, o texto é muito útil pela sua sensibilidade e positividade.

O texto se divide em duas partes: a primeira que é a noite anterior ao da família dotar Carlota e a segunda que é a vida no novo lar.

Essa primeira parte do texto é rica em representações da infância como o tempo de experiências prazerosas de novos sabores, aventuras, diversão, que são objetos de desejo de qualquer criança, em qualquer que seja sua condição familiar.

Já no início do livro, nos chama a atenção quando a diretora do orfanato sai na janela para chamar Carlota, a menina esta brincado no pátio com outras crianças, porém a personagem principal está brincando com uma bola, diferente das outras duas meninas que estão pulando corda, o que também chama a atenção é que um dos meninos está junto na brincadeira da corda.

É comum ver nas escolas meninas pulando cordas e apenas meninos jogando bolas, porém o livro nos retrata uma situação diferente, o que é muito bom para a criança identificar e perceber que não existem brinquedos só para meninas ou meninos, ainda mais porque tanto a corda como a bola, ajuda muito a criança ou adulto no desenvolvimento motor.

Junges (2014) em pesquisa sobre a relação da criança com a escolha do brinquedo, em sua casa ou na escola, identifica se essas escolhas estão relacionadas com o gênero da criança.

A autora aponta que a sociedade vê como excentricidade uma menina brincar com carrinhos e bolas, assim como um menino brincar de boneca e casinha. E concluí que tais orientações nas escolhas são resultantes de uma construção social, a qual se aprende a ser menino ou menina, realizada por pais educadores, evidenciando que existe não orientações às crianças para explorar brinquedos diferentes, pois há brinquedos para menino ou menina, que decorrem de uma formação sexista dos educadores e pais.

> O gênero já está presente nos brinquedos que a criança encontra em seu meio social. E a partir destas vivências, ela começa a construção do seu conceito de gênero. No entanto, dificilmente encontraremos em um

> quarto de menino, bonecas para serem exploradas, muito menos sapatos e bolsas, e mesmo no quarto de uma menina, seria incomum encontrarmos carrinhos de corrida, bonequinhos de super-heróis, entre outros (JUNGES, 2014, P.29).

Junges (2014, p.29) ainda complementa dizendo que os brinquedos destinados pela sociedade a meninas “desenvolvem brincadeiras relacionadas à maternidade, cuidados, assistencialismo, decoração. Já os brinquedos para meninos exprimem força, coragem, luta, habilidades, adrenalina”, e explica que essa divisão de brincadeiras e brinquedos está presente na sociedade de tal maneira, que desconsideramos até mesmo o caráter cultural das origens das mesmas.

Na segunda parte do texto, a autora constrói uma narrativa que dá abertura para que a criança absorva que as atividades exercidas por homens e mulheres, na verdade não responde aos padrões, como se fosse papéis pré-determinados.

É interessante notar que todas as personagens adultas femininas são trabalhadoras: a diretora do orfanato, a mãe trabalhadora do correio e a avó trabalhadora aposentada.

O texto contempla, ainda, mulheres em diferentes faixas etárias, o que é determinante na relação de cada uma delas com o tempo livre e, consequentemente, com a menina: a mãe que trabalha fora e traz um doce ao fim do dia, em condições de igualdade no uso do tempo com o pai que também chega em casa no fim do dia; a diretora que a menina conhece somente na condição profissional; e a avó, que é aposentada, dispões do tempo para criar animais.

Contudo, ainda que retratem mulheres trabalhadoras, a mãe aparece em atividade de cuidado, traz o doce, simbolizando a preocupação como o alimento, enquanto o pai aparece em atividade de distração da criança.

Embora a família que adotou Carlota também seja tradicional (composta por pai e mãe), a personagem teve a surpresa de ter uma avó e um irmão, que não foram imaginados por ela, segundo nos mostra o livro.

Destacamos, ainda, que no momento em que os autores mostram todo o esforço da menina em aproximar a família que ela ganhou daquelas que ela imaginava, nos transmite a mensagem de que a criança também pode adotar aquela família, aceitando-a. Esta reciprocidade no seio familiar pode ser explorada pelo professor como alegoria para demonstrar que as relações são construídas

socialmente, num exercício cotidiano de adaptação, aceitação e acolhimento entre os participes de qualquer grupo, seja familiar ou não.

.

2.1.2 Meninas nada comportadas.

A casa das dez furunfunfelhas
Texto: Lenice Gomes / Ilustrações: Romont Willy

Está vendo aquela casa cheia de fitas?
É a casa das dez Furunfunfelhas.
Nela tem uma placa:
Esta casa está ladrilhada.
Quem a desladrilhará?
O desladrilhador.
Quem a desladrilhar
Bom desladrilhador será.
As irmãs Furunfunfelhas, sempre muito animadas, gostam de se reunir uma grande roda na calçada e , assim, vão soltando seus nós da língua.
A primeira Furunfunfelha cheia de si, fala:
-- Fui ao cinema-nema-nema-nema ver um filme chato-chato-chato-chato.
Era de cachorro-osso-osso-osso, tinha carrapato-pato-pato-pato.
Deu um tangolomango nela, não ficaram senão nove Furunfunfelhas.
A segunda Furunfunfelha, com o nariz arrebitado, tropeça aqui, tropeça lá, brinca:
-- A aranha arranha a rã, a rã arranha a aranha, a rã não arranha a aranha nem a aranha arranha a rã.
Deu um tangolomango nela, não ficaram senão oito Furunfunfelhas.
A terceira Furunfunfelha, se sacudindo de contente melodia:
-- Maria-mole é molenga. Se não é molenga, não é maria-mole.
É coisa malemolente, nem mala, nem mola, nem Maria , nem mole.
Deu um tangolomango nela, não ficaram senão sete Furunfunfelhas.
A quarta Furunfunfelha, para lá de Chiquita Bacana, cantarola:
-- Esta burra trota, trota, trota.
A burra trota, trinca, a murta brota, brota a murta ao pé da porta.
Deu um tangolomango nela, não ficaram senão seis Furunfunfelhas.
A quinta Furunfunfelha, com ares de que tudo sabe, tagarela:
-- Se cada um vai à casa de cada um, é porque cada um quer que cada um vá lá.
Se cada um não fosse à casa de cada um, é porque cada um não queria que cada um fosse lá.
Deu um tangolomango nela, não ficaram senão cinco Furunfunfelhas.
A sexta Furunfunfelha, com saia redonda poetiza:
-- Alice disse que eu disse que o que ela disse era um poço de tolice.
Mas eu disse que ela disse que eu disse o que ela disse.
E quem fez o disse não disse foi a dona Berenice.
Deu um tangolomango nela, não ficaram senão quatro Furunfunfelhas.
A sétima Furunfunfelha, magricela que só ela, anuncia:

-- O princípio principal do príncipe principia principalmente no princípio principesco da princesa.
Deu um tangolomango nela, não ficaram senão três Furunfunfelhas.
A oitava Furunfunfelha, dando nozinhos no cabelo, fofoca;
-- Maria é de Jaguamimbaba, mas seu marido é de Jaguamambi.
Ela é boa cozinheira e sempre diz que farofa feita com arinha fofa faz uma fofoca feia.
Deu um tangolomango nela, não ficaram senão duas Furunfunfelhas.
A nona Furunfunfelha, com os olhos brilhantes, revela:
-- Três bruxas olham para três relógios Swatch.
Qual bruxa olha para qual relógio Swatch?
Essa Furunfunfelha era metida a gringa:
-- Three witches watch three swatch watches.
Which witch watches which Swatch watch?
Deu um tangolomango nela, não ficaram senão uma Furunfunfelhas.
A décima Furunfunfelha, metida a elegante no seu salto fino, rima:
-- No alto daquela serra está uma pega a pegar a fava.
A pega papa a fava para a fava não papar a pega.
Deu um tangolomango nela, não ficou nenhuma Furunfunfelha.
A rua ficou muda.
(...)
De repente, um menino em cima do telhado, de onde tudo observava, grita:
-- Lá vem o velho Félix com o fole velho nas costas. Tanto fagulha o velho Félix, como o fole do velho Félix fagulha.
O velho Félix se desmancha em sorrisos!
Ele vem acordar as dez Furunfunfelhas com seu fole.
Todo mundo sabe que elas morrem de amores pelo Félix. E do fole fagulham adivinhas. A cada adivinha descoberta uma Furunfunfelha despertará.
-- O que é, o que é...
“Eu a vi viva,
eu a vi morta,
eu a vi correr
depois de morta”
(a folha)
“Aqui estão
muitas irmãs.
Levam anos no mar
e ainda não sabem nadar”
(a areia)
“Irmão e irmã são
e jamais juntos estão.
Quando ele vem, ele vai,
e, se ela chega, ele sai”
(o dia e a noite)
E, com isso, acordam cinco Furunfunfelhas meio sonolentas.
Entusiasmadas com o velho Félix, começam a dizer:
“São três irmãs numa casa:
uma foge sem querer,
uma quer ir e não pode,
outra fica até morrer.”
(a fumaça, a labareda e a brasa)
“Seu botão ninguém aperta,
seu perfume ninguém vende,

sua cor não é pintura,
sua beleza surpreende”
(a flor)
“Duas bolas coloridas
carregam um brilho profundo.
São como duas janelas
mostrando a vida e o mundo.”
(os olhos)
“Brilha, mas não é joia,
boia redonda e nua,
cresce e desaparece,
durante a noite flutua.”
(a lua)
As outras cinco Furunfunfelhas vão acordando.
E Félix, envolvido no jogo, recomeça a tocar o fole:
“Umas vão
e outra vêm.
Debaixo do céu
se mantêm.”
(as nuvens)
“Amarelo é meu centro,
branco sou ao redor,
me consultam os namorados,
quando apareço na primavera.”
(a margarida)
“Quando eu te vejo, me vês,
quando me vês, eu te vejo
e não aparento ser feio.”
(o espelho)
“Somos sete e todas nós
boa harmonia formamos.
Os nossos nomes dependem
do lugar que ocupamos.”
(as notas musicais)
E eixando o fole de lado, o velho Félix foi experimentar estes desenrolares tão conhecidos das dez irmãs:
-- Era uma vez um cantador furunfunfor, triunfunfor, miserincuntor
que foi a cantoria
furunfunfaça, triunfunfaça, miseruncunfaça e se enamorou por uma
Furunfunfelha, triunfunfelha, misteriofunfelha.
E elas olham uma para outra e pensam:
“será comigo ou com ela?”.
E as Furunfunfelhas vão cercando o velho Félix...
A quem Félix vai dar o coração?
Deu um tangolomango nele,
e perguntam as dez irmãs:
-- O que é uma coisa que se quebra ao falar?
(o segredo ou silêncio)
O velho Félix acorda e toma de novo seu fole.
O menino no telhado aplaude aquela animação.
E as Furunfunfelhas desatam as línguas:
-- Não sei se é fita,
não sei se é fato,
o fato é que o velho Félix
Nos fita de fato.

O livro “A casa das dez furunfunfelhas”(GOMES, 2010) é autobiográfico segundo a autora, as dez furunfunfelhas representa ela, sua mãe, irmãs, sobrinhas e amigas, e os tangolomangos descritos na história, representam as manias de cada uma delas.

Na capa do livro há uma paisagem campestre, com montanhas e árvores, na parte do céu, fica a escrita do título do livro, onde a letra “A” da palavra casa, é representada pela casa das dez furunfunfelhas.

No gramado verde da paisagem, estão sentadas as dez furunfunfelhas, com vestidos armados modelo semelhante aqueles da época vitoriana, estão com meias coloridas e todas estão aparentemente felizes.

O corpus do texto consiste numa síntese de parlendas e trava-línguas, organizados a partir de um eixo que conduz a narrativa, esse eixo é a caracterização de cada uma das dez personagens femininas.

O texto faz um diálogo com o conto clássico de Perrault (1697), “Bela Adormecida”, pois elas desmaiam e são acordadas não por um príncipe belo e jovem, mas por um velho alegre, o foleiro Félix. Aqui o elemento masculino entra como o herói, aquele que resolve a contradição da trama salvando as meninas.

A Outra figura masculina que aparece é o menino que anuncia chegada do herói e assiste ao espetáculo, posicionado acima de todos na cena.

Cada furunfunfelha tem uma peculiaridade, seja física, seja de comportamento ou seja na vestimenta. Para apresentar, elaboramos um quadro, com cada característica levantada pela autora:

Quadro 3: Características de cada furunfunfelha.

Furunfunfelha	Característica Física	Característica de Comportamento	Características de vestimentas
Primeira	X	Cheia de si	X
Segunda	Nariz arrebitado	Desastrada	X
Terceira	X	Contente	X
Quarta	X	Chiquita bacana/cantora	X

Quinta	X	Tudo sabe/tagarela	X
Sexta	X	Poetiza	Saia redonda
Sétima	Magricela	X	X
Oitava	X	Fofoqueira	Nozinhos no cabelo
Nona	Olhos brilhantes	Metida a gringa	X
Décima	X	Metida a elegante	Salto fino

A quarta furunfunfelha é nomeada pela autora de "Chiquita Bacana", para sabermos se isso é um defeito ou uma qualidade, pesquisamos o significado da palavra, o primeiro significado que traremos, foi o que não coube a definição da autora, pois segundo o dicionário online Informal (2016), chiquita bacana é o "nome popular de uma planta com flor da família das euforbiáceas (VIDE), endêmica do México. É um arbusto com até 1,5 metro de altura, cultivado como planta ornamental", também conhecida pelos nomes científicos, como: *euphorbia fulgens* e *euphorbia jacquiniflora*. Chiquita também significa menina pequena e bacana significa, dotada de bons sentimentos.

O último significado que achamos, é que a autora pode ter feito referência à uma marchinha de carnaval, composta por João de Barro e Alberto Ribeiro.

Através do quadro podemos observar de maneira geral as características atribuídas as furunfunfelhas, sendo: três físicas, nove de comportamento e três de vestimentas.

Podemos observar que sempre quando uma forunfunfelha diz algo ela desmaia. O desmaio é chamado pela autora de tangolamango, uma palavra inventada, apenas para brincar com a sonoridade do livro, assim como furunfunfelha.

Cada furunfunfelha tem um comportamento diferente, uns são bons outros nem tantos, ressaltando a diferença entre as pessoas, porém também ressaltam adjetivos e definições, revelando um olhar real sobre as personagens. Isso oferece subsídios para os professores trabalharem a diversidade com os conceitos, no

âmbito da dialética de sermos todos tão diferentes e pertencentes ao mesmo gênero humano.

2.1.3 Um texto para trabalhar a auto-organização.

Uma Zebra Fora do Padrão
Texto e Ilustração: Paula Browne

Será que esta zebrinha, debaixo da coberta, vai ficar de pé?
A dorminhoca só levanta quando a fome aperta!
E vai direto pra cozinha preparar seu café!
O que faz a danada na banheira cheia d'água espalhando a espuma pelo chão?
Toma um banho perfumado e sopra bolhas de sabão!
Mas que zebra bagunceira!
Dá até gosto ver a zebrinha feliz, no meio da sala, sacudindo os quadris!
Eta, zebra animada! Que rebola Sozinha e não pensa em mais nada!
Para onde vai esta zebra levada com um chapéu de aba larga e um vestido de urubu?
A lugar nenhum! Esta zebra inventa moda, ela inventa pra chuchu!
A zebrinha lê bastante, nesta estante nem tem pó!
Mas precisa ler tudo de uma vez só?
-- Opa, zebra! O que você esta fazendo agora?
-- Estou escrevendo uma lista.
-- Lista do quê? Do que você tem pra fazer?
-- Não – Respondeu despreocupada.
O que será então que esta zebra desligada tanto anota no caderno desta forma inspirada?
Deixe-me da uma olhada...

CADERNO DE LISTAS
Lista de: Coisas Amarelas
Estrela
Olho de sapo
Sol
Gema
Pólen
Página de livro velho
Lâmpada acesa
Lista de: Tudo que voa
Borboleta
Pipa
Avião de papel
Balão
Pensamento
Semente de girassol nuvem
Balanço da pracinha
Lista de: Coisas redondas

Botão
Lua cheia
Umbigo
Tampa de panela
Bola de futebol
Uva, laranja, maçã, ameixa e limão
O pingo da chuva depois de fazer ploft no chão
Bolha de sabão
Lista de: Rima que não combina
Ferramenta com pimenta
Pipoca com coroca
Cafuné com Jacaré
Flauta com astronauta
Piano com pelicano
Repolho com piolho
Fada madrinha com caca de galinha
... uau! Mas que imaginação!
Esta zebra não perde tempo!
E eu nem havia pensado que tinha tanta coisa legal nesta cabeça de vento!

Desde o título podemos perceber a problematização que deu origem ao livro: a padronização. O texto descreve a zebra como excêntrica, devido o fato de ser dorminhoca, bagunceira, animada, inventora de modas e apaixonada por leitura, ao mesmo tempo, em que descreve sua rotina, levando os pequenos leitores a compararem a rotina da personagem com a sua e se conscientizarem de que eles também segue uma rotina que é padronizada para as crianças da comunidade onde vive. O professor pode trabalhar com as crianças, que há outras culturas e outras organizações, a partir da exploração do texto.

Selecionamos este livro para análise, pois o gênero feminino está na obra na figura da zebra e através do cotidiano dela pode-se perceber traços do comportamento infantil.

O livro inicia dizendo que a zebra é dorminhoca e só levanta da cama pela necessidade de comer, mas depois que se levanta a zebra tem diversas atividades que a ocupam durante todo o dia.

A zebra toma banho perfumado, dança, é bagunceira e inventa moda, conta a história. Nessas definições podemos perceber que a zebra é vaidosa, uma qualidade em meio a definição de bagunceira e que gosta inventar moda, como usar seu chapéu de aba larga e seu vestido de urubu, o que faz referência a vaidade feminina.

Podemos identificar que no livro há dois tipos de atividades: a intelectual e a de cuidados com o corpo. Pelas cores e acessórios dispostas nas atividades realizadas pela zebra, identificamos através símbolos e cores que se trata de uma zebra fêmea.

O livro finaliza dizendo que a zebra tem uma imaginação fértil, e que não perde tempo, porém o autor conclui que não sabia que havia tantas coisas na “cabeça de vento da zebra”. Como a zebra se trata de uma criança, é normal que as primeiras preocupações sejam com o cuidado com o corpo.

No texto há uma contradição: ora a zebra é bagunceira, ora ela é organizada, mas uma vez nos indicando que ela é uma criança, pois crianças são assim em fase de aprendizado.

2.1.4 Multitarefas de uma mulher aposentada.

Vizinho, Vizinha
Texto: Roger Mello / Ilustração: Graça Lima; Mariana Massarani; Roger Mello

Quem passa pela rua do desassossego, número 38, nem percebe, ...
O vizinho do 101 toma café enquanto observa gravuras de bichos.
A vizinha do 102 já voltou da maratona.
O vizinho coleciona discos da velha guarda.
A vizinha guarda coisas velhas que depois não encontra.
Ele já viajou o mundo inteiro.
Ela tem uma estante de livro do tamanho do mundo.
Ele molha as plantas no parapeito, vestido com um escafandro, e quando lê quadrinhos, sempre perde a noção das horas.
Ela ainda vai aprender tocar clarineta, e seu relógio não funciona há muito tempo.
Quatro e quarenta: Ele sai com o canário para um passeio.
Vinte para as cinco: Ela finalmente leva o relógio ao concerto.
Só se encontram a esta hora.
No corredor: Boa tarde, boa tarde, como tem passado?
Como está o tempo? E é só.
Vinte para as seis: Ele está de volta, construindo uma cidade de papel.
Seis e pouquinho: Ela trouxe um “manual do químico moderno”, o concerto do relógio, paciência, ficou para amanhã.
Ele inventou uma máquina de fazer chover, e a vizinha não sabe.
Ela alimenta um rinoceronte debaixo da pia, e o vizinho nem desconfia.
Ele tem uma sobrinha quase da idade do neto dela.
Ela tem um neto dois dedos menor que a sobrinha dele.
Outro dia, a sobrinha do vizinho fez uma visita.
Justo no dia em que o neto veio passar o dia com a vizinha.
Quatro e quarenta: o vizinho saiu com o canário. A sobrinha espreita.

> Vinte para cinco: A vizinha levou o relógio ao conserto. O neto observa.
> As portas abertas e o convite irresistível: café com quadrinhos regador todos os livros do mundo manual do químico moderno monte de coisas velhas plantas bichos clarinetas discos da velha guarda roupas de maratona máquina de fazer chover rinoceronte fotos do mundo inteiro gravuras escafandro cidades de papel...
> Depois que a sobrinha e o neto foram embora, o silêncio ensaiou meia dúzia de passos de dança.
> Enquanto toma café, o vizinho imagina as coisas que existem do outro lado.
> Qualquer dia desses ele convida a vizinha para entrar.
> Se ele convidar, ela aceita.

O livro “Vizinho, Vizinha”, conta a história de uma mulher e um homem que estão em fases diferentes em sua vida, que mora um de frente para outro, que nem se quer imagina o que há no outro lado da porta.

Na capa do livro é ilustrado um prédio rosa, no canto esquerdo está a vizinha, com roupa de ginástica em sua maratona cotidiana e no outro lado o vizinho sentado.

A roupa da vizinha neste primeiro momento é uma calça e saia de ginástica, nas cores preta e azul e uma camiseta vermelha, seus cabelos são ruivos e ela está com um batom vermelho. Já o vizinho é representado com uma bermuda azul, blusa de mangas longas, com a bandeira do Brasil estampada.

O nome da rua onde os dois moram, já indicam qualidades dos vizinhos de desassossegados.

A história tem dois momentos, o primeiro em que descreve o dia a dia de um homem intelectual, culto de vida regrada e uma mulher desapegada que não tem rotina, distraída com o inusitado que a vida oferece e sonhadora, e o segundo momento, em que, este mesmo homem e mulher despedem de suas visitas, no caso dele a sobrinha e dela o neto.

No início da história já podemos perceber que os personagens fazem coisas diferentes no lazer, o que a vizinha lê, aponta possibilidades de uso do tempo, mas não atribui características aos personagens.

Quando olhamos neste primeiro momento não conseguimos perceber onde a vizinha está já que ela já chegou da maratona, mas olhando no canto direito, a vizinha esta lá tomando um banho, sua casa é bem organizada, tem dois andares.

Quando é descrito que o vizinho coleciona discos da velha guarda, a vizinha é descrita em seguida como bagunceira já que “depois não encontra” o que estava

procurando. Na ilustração desta cena a casa da vizinha esta toda bagunçada, com coisas espalhadas, mas isso porque ela procura algo, pois se repararmos é a mesma parte da casa da cena anterior, onde estava tudo organizado.

O vizinho já viajou o mundo inteiro, já a vizinha não dá para saber, o que é certeza é que ela gosta muito de estudar, já que ela é representada lendo, tem uma estante do tamanho do mundo e depois ainda aparece com um “manual do químico moderno”.

A vizinha é descrita pelo autor como sonhadora, tem projetos e desejos, como por exemplo, de tocar clarineta, mesmo em meio tantas atividades.

O vizinho sai para levar o canário a um passeio e encontra com a vizinha no corredor levando o relógio ao concerto. Somente neste momento eles se cumprimentam e não passa de uma conversa superficial.

A vizinha volta com o relógio sem concertar e com um no livro chamado “manual do químico moderno”, já o vizinho não surpreende ao estar construindo uma cidade de papel e depois uma máquina que faz chover, enquanto a vizinha alimenta um rinoceronte.

Neste momento podemos perceber o quanto o homem está vinculado aos setores de construção, representando de acordo com IBGE do ano de 2009, 94,9% dos trabalhadores da área, contra apenas 5,1% de mulheres, apresentados no gráfico 3, da pagina 64.

O vizinho tem uma sobrinha quase da idade do neto da vizinha, e os dois vieram os visitar no mesmo dia. Podemos perceber pela análise da parte pictórica que neste momento, o vizinho preparou uma série de coisas para a sobrinha, decorou a casa com bexigas e bandeiras e fez um bolo para a recepção da menina. Foi muito interessante essa proposta da ilustradora, que desconstrói a imagem do homem, que não faz trabalho doméstico, que não é carinhoso.

A vizinha também surpreende, pois é ilustrada com o seu neto, brincando de batalha, onde os dois estão fantasiados. A fantasia da vizinha não é muito comum a uma mulher, mesmo tendo tons de rosa, surpreende muito, pois ela esta fantasiada de morcego.

O neto da vizinha e a sobrinha do vizinho os aproximam durante a história, o que não é incomum em nossa realidade, pois muitas famílias urbanas se aproximam devido a mediação das crianças, que muita das vezes frequentam o mesmo espaço escolar ou de brincar.

O vizinho e a vizinha têm estilos diferentes, mas os dois pertencem ao mesmo universo cultural, unidos na diversidade o livro quebra padrões e estereótipos de atividades femininas e masculinas, tanto que antes têm atividades intelectuais e práticas, domésticas e fora do lar no ambiente urbano que vivem pelas relações de parentesco, trata-se de uma história infantil sobre o mundo, a vida dos personagens adultos que provocam nas crianças a reflexão sobre a vida dos adultos que as cercam.

A cada cena vizinho e vizinha são ilustrados com roupas diferentes, focando na vizinha, ela não tem uma roupa predominantemente usada, ela usa saia com camiseta, vestido e até *shorts* curto, podemos identificar que está quebrando o padrão de como a figura feminina é representada, com vestidos, adereços e a cor rosa, como percebemos nos livros “Até as princesas soltam pum” (BRENMAN, 2008), “Quando estela era muito, muito pequena” (GAY, 2010), por exemplo.

Na última ilustração, quando a vizinha está na porta, podemos perceber no chão da sala diversos objetos, dos quais alguns são bem interessantes, com as cartas de baralho, um livro chamado “Alchemie & Mystik” ou em português “Alquimia e Misticismo”, um compêndio que concentra toda a rica tradição artística da alquimia, desde xilogravuras medievais a ilustrações de William Blake, como também em cima da mureta um quadro que contém a imagem de Marilyn Monroe, escrito POP ART, “que é abreviatura de Popular Art, foi um movimento artístico que se desenvolveu na década de 1950, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Foi na verdade uma reação artística ao movimento do expressionismo abstrato das décadas de 1940 e 1950” (POP Art, 2016).

No decorrer dos livros aparece em mesmos lugares obras diferentes, como de Picasso, por exemplo, mas a que citamos acima nos chamou a atenção, pois Marilyn Monroe foi um símbolo sexual nos anos 20. A análise pictórica nos permitiu enxergar traços da personalidade e da época a qual os vizinhos pertencem, do século XX.

2.2. Comportamento real ou idealizado da mulher.

> Até as princesas soltam pum
> Texto: Ilan Brenman / Ilustração: Ionit Ziberman
>
> Depois de chegar da escola, Laura chamou o pai e perguntou:

-- As princesas soltam pum?
-- Por que você quer saber isso? – perguntou o pai, curioso.
-- É que na escola rolou uma briga... Mas antes de contar o que aconteceu, quero que você responda a minha pergunta.
-- Acho que sim, as princesas soltam pum – respondeu o pai com muita delicadeza.
-- Não pode ser pai, na escola a discussão é sobre isso. O Marcelo falou para as meninas que a cinderela era uma peidona. As meninas todas falaram que isso era impossível, que nenhuma princesa no mundo soltava pum. Mas desconfiei que o Marcelo tivesse razão.
-- Mas pai, como você sabe que elas soltam pum?
O pai que amava livros e boas histórias, assim como a filha, se levantou foi até a biblioteca, olhou para Laura e fez um gesto com o dedo indicador na boca. Era para eles ficarem em silêncio. Depois de um tempo, o pai encontrou um livro que parecia ter mais de duzentos anos.
--O que é isso, pai?
O pai fez cara de mistério, levou a filha até seu escritório, trancou a porta e disse baixinho quase sussurrando:
-- Este é o livro secreto das princesas.
Ao ouvir aquilo, o coração de Laura disparou.
-- E o que conta esse livro, pai?
-- Todos os segredos das princesas mais famosas do mundo. Inclusive tem um capítulo chamado “Problemas gastrointestinais e flatulências das mais encantadoras princesas do mundo”.
-- Problemas gastrointestinais e flatulências das mais encantadoras princesas do mundo!? O que significa isso, pai?
-- Nesse capítulo, temos alguns relatos altamente secretos sobre os puns que as princesas soltaram. Você quer começar por quem?
-- Pai, é claro que quero começar pela Cinderela!!!
-- Sim!
-- Naquela noite, ela estava muito nervosa. Antes de ir para o baile, ela comeu duas barras de chocolate que a madrasta havia escondido na despensa. Na hora da dança, o príncipe apertou muito a cintura da Cinderela, ela não aguentou e soltou um pum bem no instante em que o relógio avisou que era meia-noite.
-- Ufa, pai! Quer dizer que o príncipe nem percebeu?
-- Não, filha.
-- E a Branca de Neve?
O pai pulou algumas páginas, passou o olho em cima delas e disse:
-- A comida dos anões era muito gordurosa, eles gostavam de torresmo, repolho refogado, queijos de todos os tipos, bolos de abricó... A Branca de Neve já estava estufada com toda aquela comida cheia de colesterol. Quando a madrasta deu a maçã envenenada para ela, não houve nem tempo de experimentá-la: Branca de Neve soltou um pum tão fedorento, que chegava a ser tóxico. Ela desmaiou por causa disso.
-- Por isso os anões a colocaram num caixão de vidro, para ninguém sentir o cheiro?
-- É evidente, minha filha.
-- E como o príncipe teve coragem de chegar perto dela?
-- Aqui no meu livro diz que, no dia em que o príncipe passou e viu o caixão de vidro, ele estava com uma gripe danada, o nariz todo entupido.
-- Ufa, se não fosse isso, a Branca de Neve estaria morta.

> -- Pode ter certeza – disse o pai convicto.
> -- E a Pequena sereia/
> O pai procurou por um tempo e, finalmente disse:
> -- Ela é a princesa que mais conseguia disfarçar seus problemas gástricos. Quando dava aquela vontadezinha... era só pular na água, e quando apareciam as bolhas... Ela dizia que eram as algas que estavam arrotando.
> -- Mas, mesmo soltando pum, elas continuam sendo lindas princesas, não é pai?
> -- Claro, filha. Elas são as princesas mais lindas do mundo, mas até as princesas soltam pum. O importante é você não espalhar esse segredo por aí.

Desde a capa podemos identificar elementos que são comumente atribuídos ao universo feminino: a cor rosa, o vestido rodado e a temática das princesa. Contudo, a análise sobre se foi orientação sexista ou não que levou a tais escolhas pela autora BRENMAN (2008) e ilustradora ZILBERMAN (2008), só é possível identificar se completarmos esta análise das figuras internas ao texto, bem como a análise do conteúdo da história.

A história inicia-se com Laura contando ao seu pai que na escola houve uma briga, mas que só iria contar de fato o que aconteceu quando ele respondesse se as princesas soltam pum. O pai de Laura disse que sim, o que não convenceu muita a menina. Para assegurar a filha sua resposta o pai vai até a biblioteca, e pega um dos livros com o nome “O livro secreto das princesas”.

Esta história estabelece um diálogo com contos clássicos como; “Cinderela” (SHARKEY, 1697), “Branca de Neve” (GRIMM, 1812) e “Pequena Sereia” (Andersen, 1837) e propõe uma explicação original para a clímax de cada uma das histórias.

Destacamos a existência de duas figuras masculinas: o pai, paciente, delicado e cheio de imaginação e respeito pelo problema que a personagem apresentava; o personagem Marcelo, que polemizou com as meninas da escola quando colocou em questão se as princesas encantadas teriam ou não características de meninas reais: a flatulência, como se isso, na representação infantil pudesse quebrar a aura de encanto sobre as princesas.

É interessante notar que a personagem, ao invés de se alinhar a posição das demais meninas de defesa das princesas como seres encantados, duvidou e foi pesquisar indagando ao seu pai.

O pai, ao explicar que as princesas podiam ter características de seres humanos, fato que aproxima princesas e meninas, podendo ser observado nas atribuições dadas as princesas, como: a gula, a capacidade de cometer erros, como mentir e furtar.

Deste modo é um texto interessante para o trabalho pedagógico com o conceito de igualdade entre os seres, por exemplo, os alimentos e seus efeitos gástricos e outros aspectos.

No que tange a representação da mulher o texto faz uma proposta interessante de misturar caracteres de meninas reais com os das princesas encantadas, o que oferece subsídio para uma discussão com as crianças sobre fantasia e realidade, o idealizado e o vivido, podendo-se debater criticamente a representação ideal da mulher princesas encantadas, mas que também tem problemas, defeitos, tal como as meninas no mundo real e educar as meninas para que não aceitem se enquadrar nos estereótipos da princesa como mulher idealizada.

Achamos interessante e importante dizer sobre essa disponibilidade do pai primeiro por estar em casa quando ela chega da escola e de explicar e esclarecer a confusão feita na cabeça de Laura.

O pai leva a menina no escritório e começa a ler o livro e a desmistificar que as princesas soltam pum. É muito interessante este livro, pois as crianças no geral acreditam que princesas são intocáveis e perfeitas, é claro que nos livros são, mas a história nos permite compreender que mesmo princesas delicadas, têm necessidades fisiológicas.

O pai começa a contar a história da cinderela, o autor usou uma maneira bem cômica de alterar as histórias tradicionais das princesas para acrescentar a parte que elas soltaram um pum.

Segundo o pai, a Cinderela soltou um pum por causa de algumas barras de chocolate que comeu, Branca de Neve peidou por causa das comidas dos anões que a deixavam estufada e, por último, a Pequena Sereia não aparece no livro que ela comeu, só que ela também peidou.

Nas ilustrações, as princesas Cinderela e Branca de Neve são retratadas da mesma maneira que Laura na capa do livro, com vestidos de inspiração vitoriana, cheia de volumes e detalhes, a Pequena Sereia só é retratada com a cabeça e calda de fora.

Laura questiona o pai se as princesas continuam a serem lindas mesmo soltando pum, o pai responde que sim e que é importante guardar segredo.

O livro destrói a imagem de princesa perfeita que as crianças têm, aproximando as tão famosas princesas do universo literário, às meninas comuns, dialogando de uma maneira delicada e gostosa, que as princesas também têm necessidades físicas e outras.

2.2.1 Menina não pode!

Palavras, palavrinhas e palavrões
Texto: Ana Maria Machado / Jótah

Era uma vez uma menina que gostava muito de palavras.
Estava sempre querendo aprender palavras novas. Prestava atenção toda a vez que ouvia uma diferente. Queria reparar como é que se usava, para poder repetir depois. Para ela, todas eram interessantes: as pequenas, as médias e as grandes. As palavrinhas, as palavras e os palavrões.
Só que os outros não achavam interessante. E, às vezes, nem ela mesma se entendia. Ou entendia os outros. Às vezes, ela ouvia alguém dizer umas palavras imensas e nem conseguia repetir direito. Como em um dia que um homem falou na rua:
-- Tem um paralelepípedo solto... Cuidado!
PARALELEPÍPEDO?
Mesmo com todo cuidado falando bem devagar, era difícil repetir. A língua dela se enrolava toda com um palavrão desse tamanho.
Mas outras vezes tinha umas palavras que ela ouvia e repetia sem dificuldade. Nem eram assim tão grandes. Algumas eram até bem pequenas. Mas as pessoas reclamavam:
-- Eu sei que hoje em dia muita gente não liga, minha filha, mas eu não acho bonito você ficar dizendo palavrão desse jeito – aconselhava a mãe.
-- Acho um absurdo você falar palavrão desta maneira. Ainda se fosse um menino, falando na rua, vá lá. Mas, desse jeito, parece um moleque daqueles bem mal-educados. Não quero mais saber disso, ou então vamos ter... – ameaçava o pai.
-- Que horror esta menina! – queixava-se o avô. – Vocês precisam tomar providências, ela anda com um vocabulário abominável.
-- Que coisa feia, uma mocinha sujando a boca com esses palavrões cabeludos... – zangava a avó.
A menina ficava ouvindo aquilo tudo sem entender direito.

Como é que podia haver palavrão cabeludo? E ela então ficava imaginando palavrões enormes, maiores que uma baleia, mais compridos que um trem, e bem carecas. Palavras bigodudas. Palavrinhas barbudas.
E aquelas coisas que o avô tinha dito:
VOCABULÁRIO ABOMINÁVEL...
Que tipo de palavrões seriam esses? Cabeludos? Louros? Cacheados? Ela nem conseguia repetir direito, quanto mais imaginar a cara deles... e aquela tal de PROVIDÊNCIAS?
Tinha também palavras que ela mesmo inventava, e nem sabia onde. Por exemplo, no dia em que a mãe explicou para ela que estava barriguda daquele jeito porque ia ter um neném, a menina ficou logo imaginando um nome para o bebê. Mas não sabia se ia ser menina ou menino. Então, inventou um nome que servia para qualquer um. Servia mesmo para qualquer coisa. Era Ausfosfós.
Nome gostoso de dizer, dava uma espécie de cosquinha dentro da boca. A menina achava muito divertido. Mas a família não achava nada engraçado. E ela pensava em voz alta e ria sozinha, de dar gargalhada:
-- Já imaginaram? Quando Ausfosfós for brincar na pracinha, todo mundo vai perguntar o nome. Aí babá vai dizer Ausfosfós; todo mundo vai cair na gargalhada. E na escola, quando chegar na hora da chamada e a professora chamar Ausfosfós, todo mundo vai morrer de rir e ficar olhando para ver quem é que responde presente. E na hora de ir à festa e namorar, já pensaram?
O pai e a mãe ficaram muito preocupados com toda essa conversa de Ausfosfós pra cá, Ausfosfós pra lá. Acharam até que ela estava xingando o irmãozinho que ainda nem tinha nascido. Mas a menina nem ligou. Falou em Ausfosfós vários dias, até cansar. Quando cansou, parou. E mudou de assunto.
É que aí ela já estava preocupada com outras coisas. Todos falavam tanto dos palavrões que ela dizia, mas tanto mesmo, que ela resolveu descobrir de uma vez por todas o que era afinal essa história de palavrão. O avô um dia explicou que eram palavras IMPUBLICÁVEIS.
-- E que é isso?
-- Isso o quê?
-- Esse palavrão que você acaba de dizer e eu não consigo...
-- Impublicável?
-- É...
-- Isso não é palavrão.
Essa não. Se uma palavra desse tamanho todo não é palavrão, como é que outras tão menores podem ser? O avô continuava:
-- Impublicável quer dizer que não se pode publicar. Que não pode ser escrito em livro, em jornal, em revista.
E explicou que eram aquelas palavras que nas histórias em quadrinhos saíam assim: (no livro aparece desenho de símbolos que representam palavrões).
A menina achou muito gozado isso de não poder escrever palavrão. Será que tinha uma borracha invisível indo atrás do lápis ou da caneta, apagando quando a gente tentasse escrever? Vai ver era por isso que não podia. Ou, então, eram palavras mágicas, que nem as histórias, que faziam as letras desaparecerem e virarem aqueles sinaizinhos malucos... Foi até o quarto, pegou um pedaço de papel e lápis de várias cores. Escreveu todas as palavras que viviam dizendo

que era palavrão. Pelo menos, todas as que ela consegui lembrar. Saíram todas escritas direitinho. E não apagaram. Quem quiser pode experimentar fazer uma lista dessas para ver se os palavrões ficam ou somem.
Outra coisa que a menina não entendia é como é que algumas palavras ás vezes são palavrões e outras vezes não são. Principalmente nome de bicho, tinha uma porção. Tinha vezes que ela dizia um deles e vinha alguém dizendo que era palavrão. Mas, um dia, quando foram à feira, a mãe mostrou um caixote cheio de pintinhos:
-- Olha que amor minha filha...
-- O quê?
-- Ali, olha. Um monte de pintos.
-- Pinto não é palavrão?
-- Na feira, não.
Francamente não dava para entender. Como é que as palavras podem se iguaizinhas e ficar maiores ou menores dependendo do lugar onde a gente está?
Uma vez a mãe explicou que palavrão é uma espécie de xingamento, que não tem nada a ver com o tamanho da palavra:
-- Por exemplo, minha filha, quando você andava com a mania de chamar todo mundo de bunda-mole...
-- Mesmo que eu tivesse pensado em uma bunda pequenininha? Cusfofós vai ser bunda-mole, mas daquelas miudinhas...
-- De qualquer jeito, é xingamento, é palavrão.
-- E gelatina é palavrão?
-- Não, que ideia...
-- Treme à toa, que nem bunda-mole.
-- Mas gelatina é comida, não é xingamento.
-- Peru também.
-- Aí, meu Deus! – suspirou a mãe. – Tem horas que você me faz perder a paciência...
A menina continuava:
-- Todo mundo lá no colégio falava bunda-mole.
E a mãe:
-- Então todo mundo era feio.
A menina bem que pensou que ninguém fica feio por causa de palavras. Mas não disse isso. Disse foi outra coisa em que também estava pensando:
-- Outro dia eu disse que teve uma bruta festa no colégio e aí você falou que era um palavrão. Não sei por quê. Eu não estava xingando nada, estava era gostando.
-- Não foi bem bruta que você disse.
-- Se não foi bruta, foi quase igual.
-- Mas aí, do jeito que você disse agora, não faz mal.
Como é que podia fazer mal? Feito uma coisa estragada que a gente come e depois fica com dor de barriga? Palavra pode deixar alguém doente? Nisso, ela lembrou de outra coisa:
-- Aquele dia que papai xingou o síndico de imbecil e doente mental era palavrão?
-- Não, imbecilidade é doença.
-- Não entendo.
-- Deixa pra lá.
Mas era difícil deixar pra lá.

Até que um dia, quando tinha acabado de dizer uma palavrinha bem pequena, só duas letras, mas que era justamente uma daquelas que a avó chamava de palavrão cabeludo, a empregada aconselhou:
-- Lá na minha terra, a gente bota pimenta na boca da criança que fica dizendo essas coisas.
Acharam uma boa ideia. E puseram pimenta na língua da menina. Foi um horror!
Primeiro ardeu, queimou, encheu os olhos de lágrimas... E quando ela conseguiu falar no meio do choro só disse assim:
-- Por que vocês não pegam essa ..... dessa pimenta e enfiam no .....? (no lugar dos pontinhos, no livro há símbolos que representam palavrões).
Foi um deus nos acuda. Fizeram um escândalo enorme e resolveram levar a menina ao doutor para resolver o problema de uma vez por todas.
Desde o instante em que entrou na clínica, ela foi ficando muito preocupada. Nunca tinha visto tanto palavrão enorme junto na vida dela. Tinha uma placa com um nome de médico e embaixo estava escrito OTORRINOLARINGOLOGISTA.
Na sala onde os pais entraram com ela estava assim:
ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.
E mais: FONOAUDIOLOGIA.
Ela foi ficando assustada. Não dava nem para ler direito essas palavronas. Nem que treinasse a vida toda, não ia nunca conseguir dizer essas coisas. Pelo menos, era o que achava. Eram palavras maiores do que ela.
Ficou ouvindo uns pedaços da conversa dos pais com o doutor. Tinha cada coisa assim:
AGRESSIVIDADE REPRIMIDA
PERSPECTIVA DA MATERNIDDE
MANIFESTAÇÃO DA ANSIEDADE
RESPONSABILIDADE
CULPABILIZAR
E mais uma porção de palavras que a menina tinha certeza de que nunca ia poder dizer direito sem ficar toda atrapalhada. Aí foi dando aflição nela, um desespero, uma vontade de chorar. Para que é que tinham trazido ela naquele lugar? Será que era para ela aprender de uma vez por todas?
Para ver que não adiantava se meter e ficar repetindo tudo o que ouvia, porque não ia conseguir mesmo?
Ficou achando que ia dar um nó na língua se experimentasse. Nunca, nunquinha que ia acertar. Resolveu então ficar bem boazinha e não falar mais, não falar coisa nenhuma, para não correr o risco de dizer o que não devia, levar pimenta na boca e ainda por cima repetir todos aqueles palavrões da clínica.
Bem que o doutor quis conversar com ela, até com um jeito amigo.
Mas não adiantou. Ela não respondeu nada. É que, quando resolvi uma coisa, era pra valer.
Os pais e o doutor desistiram e deixaram para conversar com ela outro dia. Só que não conseguiram. A menina não falava mais mesmo. Brincava, até ria, mas não falava.
Mas pensava muito. Pensava coisas que talvez não conseguisse falar. Pensava que ninguém gostava dela. Pensava que os pais preferiam que ela fosse um menino, para poder ser moleque de rua e dizer todos os palavrões que soubesse. Pensava que ninguém queria

saber dela, porque tinha a boca suja e cabeluda. Pensava que iam mandar que ela fosse embora. Ou deixar que ela ficasse para trás, perdida em algum lugar. E, principalmente, pensava que era por isso tudo que a mãe tinha um neném novo na barriga, um menino para ficar no lugar dela e todo mundo poder gostar dele, bem moleque.
O tempo ia passando e a família tentava conversar com ela. A avó perguntava:
-- Como é, meu bem, já resolveu deixar de ser teimosa?
Nada.
O pai propunha:
-- Vamos ter uma conversa séria, e você conta para o papai por que fica nessa insistência se recusando a falar.
A mãe implorava:
-- Filhinha, pelo amor de Deus, não faça uma coisa dessas com a sua mãe, eu não mereço isso, depois de tudo o que fiz por você esses anos todos... Ainda mais no estado em que estou... Esta menina parece uma desalmada.
Ela até que ia responder, mas ainda bem que a mãe falou desalmada. Porque aí a menina ficou sem saber se isso era palavrão e preferiu continuar muda, mesmo achando que devia ser só uma palavra ou uma palavrinha, senão a mãe não estaria dizendo.
E não respondeu nada.
O avô aconselhava:
-- Vocês ficam estragando essa menina com vontades, dá nisso. No meu tempo, não tinha essas psicologias. Mas com uma boa surra e castigo, num instante ela ficava boa. E tem mais, Acho que se ela não falar com os outros, ninguém devia falar com ela.
A menina ficou ainda mais assustada. Se ninguém falasse com ela, aí mesmo é que nunca ia aprender o que pode dizer. Além disso, se ficasse sem falar com ela, só podia ser mesmo porque não gostavam dela.
Até que um dia quando ela acordou, achou a casa um silêncio...
Não tinha ninguém no quarto dos pais. Nem na sala. Na cozinha, a empregada cumprimentou:
-- Bom –dia, dona dorminhoca. O pessoal foi todo para a maternidade. Chegou a hora do neném nascer.
Então era isso. Viver é assim: quando o neném nasce, as pessoas vão todas embora e deixam a outra filha para trás. Tinha chegado a hora dela. Será que era isso mesmo? Nem deu tempo para pensar muito. O telefone tocou. A empregada atendeu e depois voltou toda animada:
-- já nasceu, foi tudo bem, sua mãe está boa, a neném também. É uma menina. Seu pai mandou dizer que amanhã você vai lá com sua avó, para conhecer a irmãzinha. O nome dela vai ser Lúcia.
Que bom, então ela ia poder ir junto ver... Ninguém estava deixando ela para trás, pelo menos por enquanto. E uma menina, que ótimo!... Quem sabe ia até brincar com ela um dia. Mas ia se chamar Ausfosfós, lá isso ia...
No dia seguinte quando a avó passou para apanhar a menina, ela já estava de banho tomado, cheirosa, prontinha há um tempão, louca para ver como é que ia ser.
A maternidade até parecia a clínica. Um corredor grande e claro. De vez em quando umas placas com palavrões. OBSTETRÍCIA era uma. Mas ela nem reparou muito, porque viu que tinha uma porção de portas e em quase todas tinha um sapatinho de tricô pendurado.

Até que a avó dela parou em frente de uma porta, que tinha o número 36, um sapatinho cor-de-rosa e o nome Lúcia. A menina pensou que depois ia dar um jeito de escrever Ausfosfós, mas era muito alto e não ia ser nada fácil alcançar.
Entraram.
A mãe estava recostada numa cama, sem aquele barrigão, e o pai estava sentado perto. Todos felizes, pegaram a menina no colo, abraçaram, beijaram, fizeram carinho:
-- Que saudade da minha linda...
-- Agora temos duas garotas maravilhosas.
Maravilhosa parecia um palavrão, grande assim. Mas devia ser uma palavrinha. Os pais estavam dizendo aquilo tão cheios de sorrisos... E ela até achava que ia conseguir repetir, se quisesse.
-- A neném já esta vindo.
E veio mesmo. Tão pequenininha, quase careca, de olhos fechados, quietinha, no colo da enfermeira. Aí a mãe pôs a neném no colo do pai e segurou a menina. De repente, ela perguntou:
-- Quer pegar sua irmã no colo? Eu ajudo...
A menina teve uma sensação tão boa (tão MARAVILHOSA, pensou) que respondeu que sim. Sem falar, só com a cabeça e um sorriso.

E quando a neném estava no colo dela, de repente abriu os olhos, abriu bem a boca e começou a gritar uma palavrinha bem pequenininha:
-- Nhém, nhém, nhém, nhém,!...
-- Esta neném vai dar trabalho – disse a avó. – Vocês vão se ver doidos com essas duas.

Aí a menina teve certeza que Nhém devia ser um palavrão daqueles bem cabeludos e que a irmã era ótima. Elas iam ser muito amigas. Ninguém ia poder com elas, de tanto que iam aprontar juntas. Iam brincar na rua feito dois moleques e dizer todos os palavrões cabeludos, bigodudos, barbudos e carecas que quisessem, e todas as palavrinhas, e todas as palavras também. Agora elas eram duas, e quem se metesse com elas ia ouvir só. E quando a neném foi sossegando, ficou tão bonitinha que a menina pensou que a cara dela não combinava com o nome de Ausfosfós. E chamou:
-- Oi, Lu!
Eram duas palavrinhas bem pequenininhas, as primeiras que ela dizia em tanto tempo e tinha esperança de que ninguém reparasse na novidade.
Mas foi um alvoroço. Todos começaram a rir, a dar gritinhos de bom!, a fazer cara de bobo, a mãe até chorou de alegria, ficou a família toda dando beijos, abraços e apertuchos na menina, como se nunca tivessem visto uma garota falando. Ela então resolveu que ia mesmo falar de novo. Ia justamente reclamar que aquela confusão já estava enchendo o saco, quando o pai perguntou:
-- Você esta se sentindo bem, minha filha?
E ela achou que estava, apesar de tudo. Afinal, agora estava descobrindo que não ia ser largada para trás só porque algumas pessoas enxergam cabelo nas palavras. Ouviu todo aquele Nhém - Nhém - Nhém, olhou para a irmã, deu um sorrisão bem moleque e resolveu responder com um palavrão novo e bem enorme, que era para todo mundo ficar logo sabendo que daí para frente aquela dupla de meninas ia ser fogo:

MARAVILHOSAMENTE, pô!

O livro “Palavras, palavrinhas e palavrões” é um livro bem humorado que conta a história de uma menina, que só conseguia entender palavrão como uma palavra extensa com muitas letras no sentido literal. Isso é comum às crianças da faixa etária de sete a quatorze anos de idade, que é conhecido no âmbito da teoria de Piaget como fase das operações concretas, nesta fase a criança começa a fazer a seriação, classificação e:

> [...] É a partir deste estádio (operações concretas) que começam a ver o mundo com mais realismo, deixam de confundir o real com a fantasia. É neste estádio que a criança adquire a capacidade de realizar operações. Podemos definir operação como a ação interiorizada - realizada no pensamento, componível - composta por várias ações ; reversível - pode voltar ao ponto de partida. A criança já consegue realizar operações, no entanto, precisa de realidade concreta para realizar as mesmas, ou seja, tem que ter a noção da realidade concreta para que seja possível à criança efetuar as operações (CARVALHO, 2006, n.p.).

Na capa e maior parte da história a menina esta com um macacão rosa, camisa branca e tênis verde, com cabelos amarrados de “maria-chiquinha”. Assim como nos livros “Até as princesas soltam pum” (BRENMAN, 2008) e “Quando Estela era muito, muito pequena” (GAY, 2010), a cor rosa é utilizada para identificar a menina.

Esta cor foi utilizada pelos ilustradores para atrair crianças do sexo feminino para a leitura. Isto demonstra que eles assimilam e reproduzem o rosa como cor feminina, reforçando o estereótipo da “mulher feminina”, como aquela que usa rosa, privilegiadamente.

O livro já inicia descrevendo um conflito que a menina tem com as palavras, e em seguida a história descreve a menina levando bronca de sua mãe e seu pai por dizer palavrões. O fato que chama atenção nesta cena é a fala do pai, que adverte a menina e diz que “se fosse um menino, falando na rua” não haveria problema e que a menina parecia “um moleque bem mal-educado” (pag. 8).

Percebemos na fala do pai que são aceitáveis comportamentos de dizer palavras de baixo calão somente nos meninos, enquanto por meninas não são aceitos, o que explica numa visão sexista do uso do vocabulário e reforça a visão machista que às mulheres é proibido proferir palavras de baixo calão.

A sociedade impõe ao gênero feminino delicadeza, educação, beleza, fragilidade e uma série de atributos que deveria ser cultivados tanto por homens quanto por mulheres. Se for mal trabalhada pela professora na sala de aula, os alunos podem achar que o gênero masculino tem superioridade e privilégios se comparados ao feminino, reproduzindo assim o machismo, que se legitima como naturalização da inferioridade feminina.

O avô e a avó, também opinam sobre o comportamento da menina, onde a avó afirma “uma mocinha sujando a boca”, nos passando novamente a ideia desenvolvida no paragrafo anterior.

Os personagens adultos da história advertem a menina a todo tempo, a avó dirige-se à menina com ironia, a mãe com chantagem emocional, alegando que cuidou delas todos os anos, a fala da mãe também nos remete a figura de mulher como chantagista. O pai da menina, assim como o avô, é patriarca e autoritário, sem contar com o “conselho” de usar por meio da violência para educar a menina do avô, sugerindo colocar pimenta na boca dela e a agredi-la.

A personagem principal da história esta em fase de aprendizado, descrita o tempo inteiro pela autora com curiosa, agitada e que quase sempre aparece ilustrada com um livro ou gibi.

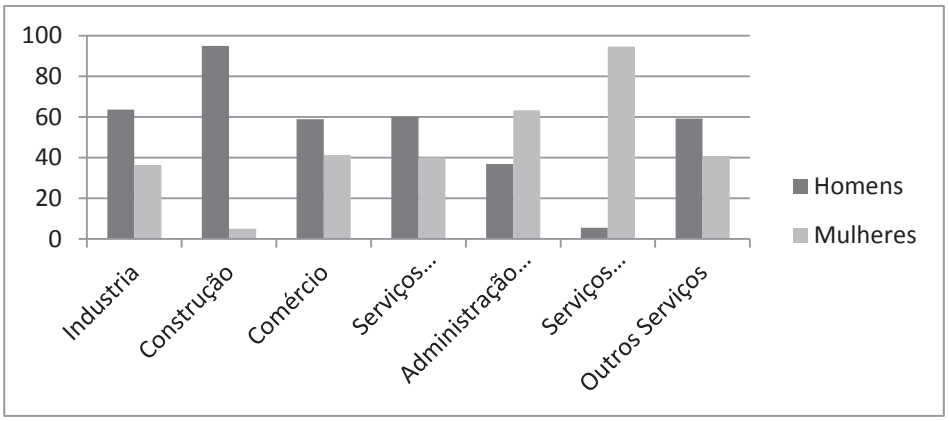
Na história podemos perceber a presença de três gerações, a mãe da menina, a avó e a própria menina e posteriormente a sua irmã, Lúcia. Nos livros que apareceram os componentes familiares, podemos identificar que são convencionais com pai e mãe e em alguns casos avós e irmãos.

No livro aparecem, três mulheres ativas no mercado de trabalho, a babá, a empregada da família e a enfermeira da maternidade. No livro não aparece se a mãe e a avó trabalham fora do lar.

Gostaríamos de apresentar aqui um gráfico, no qual podemos observar os dois grupos de mulheres que aparecem nos livros, a de profissionais com trabalho remunerado, sendo a babá, a empregada doméstica e a enfermeira no livro “Palavras, palavrinhas e palavrões” (MACHADO, 2011), a mãe de Carlota, funcionário do correio do livro “A melhor família do mundo” (LÓPEZ, 2010) e o grupo de “desocupados”, que também aparecem no livro “Palavras, palavrinhas e palavrões” (MACHADO, 2011), na avó e mãe da menina, no livro “A melhor família do mundo” (LÓPEZ, 2010), com a avó de Carlota que é aposentada e também a vizinha do livro “Vizinho, Vizinha” (MELLO, 2002), segundo o IBGE, dentre os

desocupados 56, 5% são mulheres e elas também representam 63,6% da inatividade economicamente.

Gráfico 3: Distribuição da população ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo 2009.



Fonte: IBGE, 2010.

Observamos também assim como nessa família descrita no livro “Palavras, palavrinhas e palavrões” (MACHADO, 2011), a mulher é maioria no trabalho doméstico, representando cerca de 95,5%. Isso nos leva a pensar que, talvez, muitas das mulheres que se declaram desocupadas ou inativas, na verdade, são trabalhadoras domésticas que contribuem indiretamente para o capital, pois atuam na produção e reprodução dos trabalhadores (as) e casa, diariamente garantindo-lhes a sobrevivência e a saúde.

A família descrita no livro tem poder aquisitivo suficiente para pagar uma empregada e uma babá e fazer as vontades da menina segundo o avô, também podemos observar uma casa bem ampla nas ilustrações.

Depois que o neném de sua mãe nasce a menina se arruma para ver sua irmã, coloca um vestido cheio de pregas, com uma bolsa e sandália rosa, o que é um estereótipo sexista, como já mencionamos anteriormente.

Já na maternidade, a menina é ilustrada com sua vó em frente a uma porta escrito Lúcia, com sapatinhos e corações rosa. Podemos perceber que cada porta tem um nome (pag.36 e 37), onde o nome é feminino há sempre coração ou algo rosa e quando é menino, é representado por bola ou estrelas e artigos azul.

Depois de entrar no quarto, a menina e a avó aguarda a chegada da neném que é trazida pela enfermeira e mais uma vez o rosa atribuído ao gênero feminino aparece, na manta que envolve a menina e na blusa.

De uma forma geral, o que mais nos chamou a atenção nessa obra foi o comportamento da menina, mal compreendida pelos pais, avós e até pelos médicos, e as características apontadas pela autora como características femininas e masculinas.

O livro é sexista, machista e não indicamos o trabalho dele na sala de aula, pois a história mostra uma menina duplamente oprimida, primeiro por ser criança com dúvidas comuns à fase de desenvolvimento que está e depois por ser menina, não podendo agir de forma espontânea, sendo comparada o tempo inteiro com um menino, sendo agredida verbalmente pela família e posteriormente fisicamente, com as pimentas que foram colocadas em sua boca.

2.2.2 Misoginia.

> Feminina de Menina, Masculino de menino
> Texto; Márcia Leite / Ilustração: Sônia Magalhães
>
> Alguém precisa dizer as meninas que elas não são princesas de verdade...
> Será que elas acreditam que os meninos existem só por causa delas? Como aqueles príncipes bobos, que aparecem no final dessas histórias de fadas, só para salvar a princesa?
> Alguém já pensou em contar para os meninos que eles não são heróis de verdade?
> Sabe o que eu acho?
> A verdade mais verdadeira é que os meninos só conseguem bancar os heróis quando brincam de lutar com meninos menores que eles.
> Alguém deveria ter coragem de avisar essas meninas que elas não são as pessoas mais especiais do mundo. Nem as mais bonitas. Nem as mais perfumadas. Nem as mais delicadas.
> Grande coisa!
> Uma flor pode ser tudo isso e não é uma menina!
> Alguém deveria ter coragem de avisar esses meninos que eles não precisam ficar fingindo que são corajosos, fortes e espertos.
> Grande coisa!
> As meninas também podem ser tudo isso.
> E a gente nem tem vergonha de chorar na frente de ninguém!
> As meninas são as pessoas mais convencidas que eu já conheci.
> Os meninos são capazes de fazer todas as coisas que as meninas fazem, acontece que os meninos só não fazem porque não querem.
> E isso é problema dos meninos e não delas!

Para mim as meninas são melhores que os meninos apenas em duas coisas:
Elas conseguem ficar cheirosas o dia inteiro, mesmo sem tomar banho.
Elas são capazes de encontrar coisas que a gente perde e pensa que nunca mais vai achar.
Os meninos são pessoas muito do contra. Eles falam uma coisa e fazem outra.
Eles dizem que menino não chora. Mas quando um menino se machuca feio, ele não chora? Claro que chora.
Eles dizem que a gente fica de mal por qualquer coisinha. E quando o time de futebol dos meninos perde o campeonato? Eles xingam, eles choram, eles ficam de mau humor.
Eu acho que os meninos são melhores que as meninas em duas coisinhas:
Eles não têm medo de insetos nojentos.
Eles conseguem fazer xixi de pé.
Eu acho que as meninas são umas grandes fofoqueiras... Alguém conhece uma menina que consiga guardar segredo? Eu que não!
Quando a gente quer que todo mundo fique sabendo de algum segredo, mas tem vergonha de ser o primeiro a contar, é só chamar uma menina e contar pra ela.
Experimenta!
Eu acho que os meninos são muito nervosinhos...
Eles não têm paciência para explicar as coisas. Se a gente não entende o que eles dizem da primeira vez, vão logo dizendo “deixa pra lá!”. Mas quando eles não entendem uma coisa, começam a xingar e depois acabam desistindo, fingindo que não tem importância.
Eu acho que as meninas são seres muito irritantes.
Elas fazem de tudo para nos provocar. Conhecem todos os truques pra deixar a gente muito, mas muito nervoso.
E quando as meninas vão para um cantinho e ficam olhando pra gente, cochichando e dando risada?
Ai, que raiva!
E quando elas convidam a gente pra brincar e de repente, por qualquer coisinha, dizem que não querem mais?
Ai, que ódio!
E quando elas fecham os olhos, tampam as orelhas e cantam “lá, lá, lá, lá, lá” só para não ouvir o que a gente está falando?
Só existe uma coisa mais irritante que uma menina: muitas meninas!
Os meninos são as pessoas mais nojentas que existem no mundo.
Eles arrotam alto, pra todo mundo ouvir... Tiram meleca do nariz e grudam-na parede... Limpam a boca na roupa ou na toalha, mastigam a comida, depois cospem no prato...
Os meninos sempre inventam alguma coisa bem asquerosa pra irritar as meninas. E eles adoram quando a gente fica com nojo e grita.
As meninas são um tipo de gente muito dedo-duro...
Como elas conseguem fazer aquela cara de anjinho depois de acusar os meninos injustamente?
Todos os adultos, não sei por quê, sempre acreditam mais em uma menina do que em um menino.
Os meninos pensam que são muito engraçados...
Eles vivem fazendo piada de qualquer coisinha, mesmo quando não tem graça nenhuma. Parecem uns bolos.

Dá a maior raiva quando os meninos começam a imitar as meninas. Eles ficam ridículos falando com vozinha fina e rebolando, mas se acham muito engraçados... Mas quando uma menina faz alguma gracinha com a cara deles, a coisa é diferente: ficam vermelhos de vergonha, abaixam os olhos e às vezes até choram.
Eu acho que as meninas são as pessoas mais mandonas do mundo...
Nunca deixam os meninos fazerem as coisas como eles querem. Só o jeito delas está bom.
As meninas têm a irritante mania de expulsar os meninos das brincadeiras de repente, só porque resolveram brincar de outra coisa.
Quando uma menina convida um menino pra brincar, pode ir se preparando. Elas sempre nos mandam fazer as coisas mais chatas.
É por isso que menino não gosta de brincar com menina!
Só sendo menina pra aguentar outra menina!
Menino é o ser vivo mais folgado que existe.
Quem é que vive esquecendo as coisas e depois fica pedindo emprestado? Os meninos, claro...
Quem é que faz a maior bagunça durante as brincadeiras e sempre dá um jeito de sair depressa antes da hora da arrumação? Os meninos, é lógico!
Eu acho que os meninos são os mamíferos mais folgados do planeta, muito mais do que um bicho-preguiça...
As meninas falam que são vaidosas mas eu acho que elas são umas frescas... Alguém morre se ficar sem tomar banho e pentear os cabelos um dia?
Menina morre.
Alguém aguenta ficar sem brincar, só para não sujar a roupa?
Menina aguenta.
Alguém prefere ficar na frente do espelho do que na frente da televisão?
Menina prefere.
Os meninos são um tipo de gente muito esquisita.
Parece que eles escolhem roupa de olhos fechados. Nada combina com nada. Também parece que os meninos ainda não sabem que já inventaram o sabonete, o pente e a escova de dentes...
O maior problema das meninas é que elas são muito delicadinhas...
São muito cheias de lacinhos, de fivelinhas, de cor-de-rosinha, de ursinhos, de florzinhas, tudo fofinho, tudo arrumadinho... tudo chatinho.
Meninos são muito selvagens...
Eles são muito cheios de chulé, de cabelo despenteado, de boné virado, de palavrão que não pode dizer, de machucado no joelho, de orelha suja, de puxão de cabelo nas meninas...
Algumas vezes os meninos conseguem ser um pouco legais, mas só as vezes.
De vez em quando eles são bonzinhos, principalmente quando brigam com alguém para nos proteger.
De vez em quando, os meninos fazem a gente morrer de rir das besteiras que eles falam, dividem o lanche com a gente, sentam do nosso lado para saber por que a gente esta chorando...
De vez em quando eles nem parecem meninos...
Algumas vezes, só algumas vezes, eu acho as meninas um pouco simpáticas...

> De vez em quando até que elas são engraçadas e divertidas, ajudam a gente com a lição de casa, emprestam borracha, convidam pra festa de aniversário.
> De vez em quando elas nem parecem meninas...
> Eu nunca vou confessar pra nenhum menino, mas se eles não existissem o mundo ia ser uma chatice só.
> A gente não ia ter de quem se queixar. A gente não ia ter com quem brigar. A gente não ia ter de quem ficar com raiva.
> As meninas dizem que não gostam dos meninos porque eles são muito diferentes da gente.
> Eles são muito MASCULINOS.
> Eu acho que o mundo ia ficar muito sem graça se só existissem menino... Mas as meninas não podem saber disso.
> Se elas não existissem, a gente não ia ter ninguém para provocar. A gente não ia ter de quem dar risada. A gente não teria alguém para ficar imitando.
> Meninas são bem diferentes de meninos.
> Elas são muito FEMININAS, acho que é por isso que a gente não gosta delas.
> Eu já expliquei porque não gosto de meninos.
> BEM, MAS DE UM MENINO EU GOSTO MUITO.
> Esse segredo eu não coto pra ninguém. Nem para minhas amigas! Meninas são muito fofoqueiras!
> Eu quero que as meninas fiquem bem longe de mim.
> BOM, EU ATÉ GOSTO QUANDO UMA MENINA FICA PERTO DE MIM. SÓ UMA.
> Mas ela nunca vai ficar sabendo. Não conto para ela, muito menos para um menino. Eles vão morrer de dar risada!

Ao realizarmos as análises, percebemos que o livro “Feminina de menina, Masculino de menino”(LEITE, 2011), possuí três momentos: o primeiro é o que a autora tenta propor a desconstrução de comportamentos e adjetivos direcionados ao feminino e masculino, o que segundo a nossa análise, a autora não consegue, já que ela reforça falas misóginas das crianças que elas aprendem com os adultos; o segundo momento é o que a autora faz menção a uma série de adjetivos, que na sua maioria são ofensivos aos dois gêneros, e por último, o terceiro momento que é quando os gêneros reconhecem seu próprio defeito. Os adjetivos, definições e significados atribuídos no livro, foram colhidos pela autora no decorrer de sua própria vida como criança, adulta e mãe.

No livro podemos perceber que sempre quem fala o defeito é do gênero oposto., retratando a misoginia, que consiste na guerra dos sexos, reproduzindo e disseminando ainda mais o machismo, que diferente do que muitos pensam, não é só prejudicial à mulher, mas também ao homem, que têm que provar a todo instante sua macheza, não podendo chorar, se expressar, entre outras coisas. O machismo, sexismo e misoginia, também dividem homens e mulheres os impedindo de

identificar o real problema da sociedade, que segundo Reed (2008) é a atual conjuntura econômica e organizacional da divisão do trabalho, onde a “[...] a subordinação de um sexo é parte e consequência de uma pressão mais ampla da exploração da massa trabalhadora por parte dos capitalistas [...](REED, 2008, p. 104).

Colocando homens contra mulheres o sistema esta erradicando a possibilidade de uma revolução em nossa sociedade

> [...] classe contra classe deve ser a linha mestra da luta pela libertação da humanidade em geral, e da mulher em particular. Somente uma vitória revolucionária sobre o capitalismo, dirigida pelos homens e mulheres trabalhadoras e apoiadas por todos oprimidos, pode resgatar as mulheres de seu estado de opressão e garantir-lhes uma vida melhor numa nova sociedade[...] (REED, 2008, p. 105).

A tentativa de desconstrução continua ao dizer que as meninas têm qualidades, mas que outras coisas como a flor também tem, e nem por isso são especiais.

Podemos observar que nesses trechos dos livros, já vamos ter uma ideia do que veremos a seguir, dois lados em embate.

Na página dez, começa o segundo momento do livro, o qual consideramos o mais preocupante, onde meninos e meninas começam a dizer uma série de adjetivos negativos referentes ao outro gênero.

Nas frases são colocados pontos positivos como “ os meninos são melhores em” algumas atividades como pegar “insetos nojentos” e fazer “xixi de pé”, se fazermos o caminho inverso, podemos entender que as meninas são nojentas e medrosas na hora de pegar insetos. Meninas são fofoqueiras, irritantes, provocativas, pirracentas, dedos-duro, fingidas, mandonas entre outros adjetivos que aparecem no livro.

As meninas também ofendem meninos, mas podemos observar que os insultos destinados aos meninos são referentes à falta de educação como arrotar alto para todo mundo ouvir (pag. 15). Já os adjetivos atribuídos às meninas são de caráter moral, psicológico.

Assim como nossa análise no livro “A casa das dez furunfunfelhas” (GOMES, 2010), achamos interessante listar os estereótipos contido no livro, os que fomentam e caracterizam a misoginia existente na obra.

Quadro 4: Estereótipos, defeitos e mania: Meninas x Meninos.

Meninas	Meninos
Feias	Fingidos
Convencidas	Chorões
Nojentas	Nervosos
Fofoqueira	Mal educados
Irritantes	Nojentos
Provocativas	Sem higiene
Dedo-duro	Mentirosos
Frescas	Sem graça
Vaidosas demais	Bobo
Delicadinhas	Vergonhosos
Chatas	Selvagens
Choronas	Agressivos
Inconvenientes	Palhaços

Ao analisarmos esta obra, a consideramos imprópria para se trabalhar na escola, o livro não supera o senso comum das crianças, e o ambiente escolar é um dos primeiros que ocorrem *bulling,* trabalhar este livro pode ajudar as crianças aumentar o vocabulário de uma forma negativa e criar novos conflitos.

E o terceiro e último momento é o que os dois gêneros conseguem identificar no outro qualidades e em si mesmos defeitos, mas tudo ocorre em segredo, pois meninas e meninos tem que ser perfeitos e superiores ao outro sexo.

O livro classifica os meninos e meninas o tempo inteiro, porém como o nosso objeto de pesquisa é o gênero feminino, podemos observar que a reprodução do machismo e sexismo estão bem presentes em cada característica e estereótipo usado, reforçando como exemplo, que mulher tem em sua genética a fofoca, a intriga, entre outros aspectos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Na realidade, um professor medíocre pode conseguir que os alunos se tornem mais instruídos, mas não conseguirá que sejam mais cultos; ele desenvolverá— com escrúpulo e com consciência burocrática— a parte mecânica da escola, e o aluno, se for um cérebro ativo, organizará por sua conta .— e com a ajuda de seu ambiente social a "bagagem" acumulada (Antônio Gramsci).

O percurso realizado neste trabalho permitiu inicialmente que entendêssemos a proposta do governo ao desenvolver o PNAIC, como política pública a fim de melhorar os desempenhos dos alunos de ensino fundamental em leitura e escrita, ratificando o compromisso de alfabetização até os oito anos de idade, que, como vimos anteriormente é uma política que veio de fora do país, com a conferência de Jomtien (1990), tendo que atender as demandas do Banco Mundial que foi um dos financiadores do evento. Inicialmente o Brasil atendeu as especificações da conferência com o Programa Pró-Letramento, e hoje com o PNAIC.

Apresentamos a importância da literatura dentro do PNAIC, a qual entendemos como um “fio de Ariadne”, por se apresentar como um recurso, um caminho muito interessante e profícuo para se empreender uma alfabetização de sucesso a partir da motivação dos alunos, sob a mediação de historias ilustradas que tem um caráter lúdico, constitui-se de uma peça artística que torna a difícil tarefa de aquisição das habilidades técnicas necessárias à leitura e à escrita mais motivada.

Dada à importância da literatura no contexto escolar e no PNAIC, o nosso objeto de pesquisa foram os livros fornecidos e indicados pelo próprio programa, a fim de identificar se há reprodução da ideologia machista, considerando a mesma como uma “peste” que acaba com as relações respeitosas dentro de nossa sociedade, gerando uma guerra de gênero feminino contra masculino, nos fazendo esquecer que todos são do mesmo gênero, o humano, e que a nossa batalha é contra o capital, o único responsável pela opressão da massa que gera essas retaliações ao sexo feminino.

Constatamos que quase todas as obras guardam uma certa ambiguidade nesse aspecto, pois algumas delas, ao mesmo tempo que oferecem excelentes subsídios para a problematização de preconceitos que levam à representação machista de mulher, em outros momentos também contemplam tais abordagens machistas do gênero feminino.

Percebemos que nos livros analisados estabelece-se incidentalmente ou propositalmente uma diferença entre homens e mulheres e, na maioria deles a figura feminina é representada de forma hierarquizada como os seres mais frágeis, como podemos observar nas obras “Palavras, palavrinhas e palavrões” (MACHADO, 2011), “A casa das dez furunfunfelhas” (GOMES, 2010) e “Femina de Menina, Masculino de Menino” (LEITE, 2011).

A figura feminina sempre esta atrelada a defeitos, sendo demonstrada no livro “A casa das dez furunfunfelhas” (GOMES, 2010), onde a autora já ressalta uma mania da personagem antes dela falar, como: “cheia de si”, “nariz empinado”, “metida a gringa” e outros, foram os adjetivos citados, desvalorizando a imagem de mulher. Pudemos identificar esta mesma questão no livro “Feminina de Menina, Masculino de Menina” (LEITE, 2011), onde a misoginia fica clara, pois a todo tempo meninas atacam meninos e vice e versa, e não há uma problematização por parte da autora, o que dificulta a possibilidade de desenvolver um trabalho com o livro na sala de aula.

Além dos livros que contém violência verbal, no livro “palavras, Palavrinhas e Palavrões” (MACHADO, 2011), o personagem avô, faz apologia a violência física, incentivando os pais a punirem a menina com “tapas” e a colocarem a pimenta na boca da menina, o que posteriormente foi feito e teve como resultado uma menina duplamente oprimida. Este livro foi um dos piores livros que analisamos o tempo inteiro a personagem principal é subjugada por ser menina e criança, maltratada e agredida, reafirmando a nossa hipótese inicial, de que as obras teriam a reprodução do machismo, sexismo e chauvinismo.

Como já mencionado, o livro é de extrema importância no contexto escolar, e ele sozinho não pode alfabetizar e nem instruir, cabendo ao professor o direcionamento desse “fio de Ariadne”.

No livro “Quando Estela era muito, muito pequena” (GAY, 2010), identificamos traços fiéis da cultura determinadas as meninas, crescer para educar, cuidar e alimentar, já desenvolvendo instinto materno desde cedo.

Os livros “A melhor família do mundo” (LÓPEZ, 2010), “Vizinho, Vizinha” (MELLO, 2002) e “Até as princesas soltam pum” (BRENMAN, 2008), segundo a nossa análise, são os melhores livros para se trabalhar na sala de aula, sendo o primeiro um livro que trata de uma temática difícil, como a adoção, aproximando a

criança de uma história tão complexa, mas de uma forma simples, onde a menina também adota a família, que é composta por pai e mãe trabalhadores, colocando as mulheres em igualdade com os homens, não evidenciando ou reproduzindo qualquer traço do machismo. O que também pode ser observado no segundo livro, que conta a história de dois vizinhos e suas múltiplas tarefas diárias, colocando a mulher no mesmo patamar que o homem, tanto na independência, já que os dois moram sozinhos, quanto na educação cultural que ambos têm.

O terceiro livro “Até as princesas soltam pum” (BRENMAN, 2008), conta a história de uma menina inquieta e curiosa, para saber se as princesas soltam pum. O pai da personagem desconstrói de uma maneira delicada, que as princesas soltam pum assim como as meninas e que nem por isso deixam de ser encantadas, aproximando meninas de princesas, mas, desmistificando a imagem de mulher perfeita, que têm necessidades emocionais e físicas.

O PNAIC, embora proporcione ao professor materiais diversificados para auxiliar no trabalho cotidiano da sala aula, ao mesmo tempo, atribuí mais atividades ao docente, já que para participar do pacto demanda um certo tempo fora do horário normal de trabalho para fazer cursos de aperfeiçoamento, e muitas vezes o culpa pelo mal rendimento dos alunos nos sistemas de avaliações, desconsiderando a hipótese de uma revisão destes materiais e métodos de trabalho.

Como já discutimos no primeiro capítulo, o PNAIC tem pontos positivos, como os materiais utilizados no programa, que ajudam na alfabetização dos alunos, mas por outro lado tem um caráter de “consertar” ou “remendar” problemas bem maiores, como a má formação de professores, com a abertura de novas instituições privadas de ensino, sem a menor infraestrutura para formar um profissional de qualidade, ou até mesmo a desmotivação dos profissionais de educação, que trabalham em duas ou três cargas horárias a fim de complementar o baixo salário oferecido pelos estados e municípios.

Podemos perceber que tudo é um ciclo vicioso, onde o sistema nos captura de tal maneira que não conseguimos se identificar nele. O professor tem uma má formação, alfabetiza mal, o aluno cresce “mal educado” e continua na massa sendo explorado pelo capital.

Na epígrafe no início de nossas considerações finais, colocamos um trecho do livro de Gramsci (1982), onde ele diz que um professor medíocre pode instruir de maneira genial um aluno, mas que nem por isso o aluno pode ser culto, reforçando o

nosso posicionamento final de que o professor tem que ter a audácia e ousadia de apresentar esses livros, mesmo os que reproduzem o machismo e outras formas de preconceitos, usando-os como arma e incitação de debates dentro da sala de aula, pois de nada adianta os alunos codificarem siglas, e não conseguirem entendê-las dentro de sua realidade.

O professor desta maneira é protagonista do processo educativo, por seus conhecimentos e ações podendo reverter a herança de uma sociedade corrompida por uma moral distorcida, onde o único a ser beneficiado é o capital, que continua nos alienando e nos separando, e com essa separação nos impossibilita de identificarmos o nosso verdadeiro inimigo, mas para isso ele precisa muito mais do que uma formação continuada, precisa de salário, carreira, estabilidade e condições de trabalho para ele mesmo, se formar continuamente como intelectual, podendo ter contato com objetos de cultura que deverão enriquecer sua apreciação sobre os materiais que ele recebe para educar seus alunos de forma crítica.

A literatura contém um posicionamento ideológico, cabe a nós educadores a reprodução do mesmo ou criarmos um novo, pois a emancipação do gênero feminino só ocorrerá (junto!!!!!!) a do gênero humano.

REFERÊNCIAS

Análise preliminar. In: anais do 5º encontro internacional de Educação comparada. Belem, 2012, p. 1-18. Disponível em: http://www.sbec.org.br/evt2012/trab25.pdf. Acesso 23/4/2016.

ARIES, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara Koogan S.A., 1981, p. 157 e 163.

BARTHES, Roland. Aula. Digital Source. Cutrimix. São Paulo 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais (Documento Introdutório). Brasília, DF: MEC/SEF, 1997, p.28.

BRASIL, Ministério da Educação . Primeiros resultados - Médias de desempenho do SAEB/2005 em Perspectiva Comparada. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/jaqueline/Desktop/SAEB1995_2005%20tab.pdf > Acesso em: 05 mar de 2015.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Acervos Complementares Alfabetização e Letramento nas diferentes Áreas do Conhecimento. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília : A Secretaria, 2012b.

BRASIL. PORTARIA Nº 1.458, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2012. Diário Oficial: Seção 1. N 243, 2012c, p.15.

BRASIL, Resolução Nº 4 de 27 de fevereiro de 2013. Ministério da Educação Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Conselho Deliberativo. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/resolucao_cd_04_2013.pdf Acesso em: 14 de Dez de 2015. p. 13.

BRASIL. Ministério da Educação; Ministério da Fazenda.. Portaria interministerial Nº 8, de 5 d novembro de 2015. https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=PIM&num_ato=00000008&seq_ato=000&vlr_ano=2015&sgl_orgao=MF/MEC Acesso em 23/4/2016.

BRENMAN, Ilan; Até as princesas soltam pum. Ilustrações Ionit Ziberman. São Paulo: Brinque-book, 2008.

CAMARGO, Orson. "A mulher e o mercado de trabalho"; Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>. Acesso em: 05 de abril de 2016.

CAMUS, Albert.. A peste. 1947. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000026.pdf Acesso em: 05 de abril de 2016.

CARVALHO, Sílvia Pires de. Crescimento da Criança segundo Piaget. Trabalhos de Psicologia – 12º ano. Nota positiva, 2006. Disponível em: http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/psicologia/psicologia_trabalhos/cresccriancapiaget.htm Acesso em: 10 de Abr de 2016.

COSTA, Áurea; SOUZA, Gilberto; FERNANDES NETO, Edgar. A proletarização do professor: neoliberalismo e educação. São Paulo: Luiz e Rosa Sundermann, 2009.

DADOS NACIONAIS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES. Compromisso e atitude. Disponível em: http://www.compromissoeatitude.org.br/dados-nacionais-sobre-violencia-contra-a-mulher/ Acesso em: 05 de abril de 2016.

DIAS, Sheila Graziele Acosta; LARA, Ângela Mara de Barros,. A conferência de Jomtien e suas principais expressões na legislação educacional brasileira da década de 1990: O caso da LDB, do PCN. Primeiro simpósio Nacional de Educação. XX Semana da Pedagogia. Unioeste. Cascavel- PR. Nov de 2008, p.6.

DICIO; Significado de vestido. Dicio Dicionário Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras. Todas as palavras de A a Z.2009 à 2016 . Disponível em: http://www.dicio.com.br/vestido/ Acesso em: 18 de Fev de 2016.

DUARTE, Newton. O Bezerro de Ouro, o Fetichismo da Mercadoria e o Fetichismo da Individualidade. Crítica ao fetichismo da Individualidade. Newton Duarte (org). Campinas, SP: Autores Associados, 2004, p. 1-20.

FURINI, Isabel. Como escrever livros infantis? Conheça 5 ganchos literários. Livros e Pessoas. Ago de 2015. Disponível em: http://www.livrosepessoas.com/2015/06/22/como-escrever-livros-infantis-conheca-5-ganchos-literarios/ Acesso em: 18 de fev de 2016.

GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão; FACINCANI, Eliane Fernandes Facincani. Literatura Infantil e escola: Algumas considerações. p.3, 2007.

GAY, Marie – Louise; Quando Estela era muito, muito pequena. Tradução Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-book, 2010.

GOMES, Cristiane; Revolução Industrial. Info escola: Navegando e Aprendendo. Copyright 2008 Disponível em: http://www.infoescola.com/historia/revolucao-industrial/ Acesso em: 18 de fev de 2016.

GOMES, Leonice; A casa das dez furunfunfelhas. Ilustrações Romont Willy; São Paulo: Mundo Mirim, 2010.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a Organização da Cultura. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1982.

IBGE; MULHER NO MERCADO DE TRABALHO : PERGUNTAS E RESPOSTAS. Distribuição da população ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo 2009*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf Acesso em: 01 de Mar de 2016.

INDICADORES da qualidade na educação / Ação Educativa, Unicef, PNUD, Inep-MEC (coordenadores). – São Paulo :Ação Educativa, 2004.

INEP, Portal. O que é Saeb. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/saeb/aneb-e-anresc>. Acesso em: 05 de mar de 2015.

JOMTIEN, Declaração Mundial sobre Educação para Todos. PLANO DE AÇÃO PARA SATISFAZER AS NECESSIDADES BÁSICAS DE APRENDIZAGEM. Brasília, DF: UNIFEC, 1990.

JUNGES, Rafaela. Meninos que brincam com bonecas viram meninas? Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos. Lajeado, nov. de 2014. Disponível em: www.univates.br/bdu/bitstream/10737/712/1/2014RafaelaJunges.pdf Acesso em: 05 de abril de 2016.

LAMOGLIA, Cláudia Valéria Abdala; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. Ciênc. saúde coletiva vol.14 no.2 Rio de Janeiro Mar./Apr. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000200028 Acesso em: 05 de abril de 2016.

LEITE, Márcia; Feminina de menina, masculino de menino. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

LLOSA, Mario Vargas. A literatura é um denominador comum da experiência humana. Conti e outras artes e afins. 04 de FEV de 2015 Disponível em: http://www.contioutra.com/literatura-e-um-denominador-comum-da-experiencia-humana-mario-vargas-llosa/ Acesso em: 15 de Mar de 2015.

LÓPEZ, Susana; A melhor família do mundo. Ilustrações Ulises Wensell; Tradução Rodrigo Vilela. Curitiba: Base Sistema Educacional, 2010.

LUZ, Iza Cristina Prado da Luz; FERREIRA, Diana Lemes. Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa: Formação, Avaliação e Trabalho Docente em Análise. 2014 Disponível em: http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/IzaCristinaPradodaLuz-ComunicacaoOral-int.pdf Acesso em: 14 de DEZ de 2015.

LUZ, Iza Cristina Prado da. A repercussão do programa pró-letramento no Trabalho de professores de escolas públicas: uma
Análise preliminar. In: anais do 5º encontro internacional de Educação comparada. Belem, 2012, p. 1-18. Disponível em: http://www.sbec.org.br/evt2012/trab25.pdf. Acesso 23/4/2016.

MACHADO, Ana Maria; Palavras, palavrinhas e palavrões. Ilustrações Jotah. 1 Ed. Curitiba: Editora Champagnat, 2011.

MARTINS, Lígia Márcia. Da formação Humana em Marx à Crítica da Pedagogia das Competências. Crítica ao fetichismo da Individualidade. Newton Duarte (org). Campinas, SP: Autores Associados, 2004, p. 53-73.

MELLO, Roger; Vizinho, Vizinha. Ilustrações Graça Lima e Mariana Massarani; São Paulo: Companhia das letrinhas, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Entendendo o Pacto. 2012a. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>. Acesso em: 20 de mar de 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Pacto pela Alfabetização na Idade Certa. 2012b. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/pacto_livreto.pdf Acesso em: 04 de Abr de 2016.

MIOTO, R; LIMA, T. Ensaio: Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300004&script=sci_arttext Acesso em: 14 de Dez de 2014.

NICOLAY, Deniz Alcione. A noção de infância na Didática Magna de Comenius. Educação Unisinos, v. 15, n.1, p. 03 – 12, jan. 2011.

NUNES, Bianca. Era uma vez...A capa ilustrada. No princípio, coisa de camelô. Guia do estudante. 01 de Ago de 2008. Disponível em: http://guiadoestudante.abril.com.br/ aventuras-historia/era-vez-capa-ilustrada-436239.shtml Acesso em: 18 de Fev de 2016.

OLIVEIRA, Elisangela dos Santos; CYPRIANO, Alessandra Martins Constantino; O Planejamento Educacional no Brasil nos Séculos XX e XXI: Aspectos Históricos. Brasil:200? Disponível em: <http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT5/GT5_Comunicacao/ElisangeladosSantosdeOliveira_GT5_integral.pdf>. Acesso em: 15 de mar de 2015.

PAGAMUNICI, Ana. O que é machismo?. Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado, 2011. Disponível em: http://www.pstu.org.br/node/9022 Acesso em: 05 de abril de 2016.

POP Art. Sua pesquisa. Com. Copyright © 2004 – 2016. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/pop_art.htm Acesso em: 05 de abril de 2016.

PROBST, Elisiana Renata. A evolução da mulher no mercado de trabalho. Rh Portal – Têndencias. Set de 20015. Disponível em: http://www.rhportal.com.br/artigos/rh.php?idc_cad=xg7w7vuh9 Acesso em: 26 de Abr de 2016.

RAMOS, Anna Cláudia; AGUIAR, Luiz Antonio. POR UM ESPAÇO ESPECIAL PARA A LITERATURA NA ESCOLA. SÃO PAULO: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004. P. 4.

REED, Evelyn. Sexo contra sexo ou classe contra classe. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. São Paulo: SEE: CENP, 2004.Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004. ROSA, Amanda da; Polêmica: As cores não definem gênero, aprenda!. Escrito no Jardim. 05 de Set de 2015. Disponível em: http://www.escritonojardim.com/polemica-cores-nao-definem-genero-aprenda/ Acesso em: 18 de Fev de 2016.

SANTOS, Cintia Maria Basso. A Literatura Infantil nos Primeiros Anos Escolares e a Pedagogia de Projetos. Linguagens & Cidadania , Santa Maria - RS, 2001.

SANTOS, Fernanda Beatriz Silva dos. Portadores de Texto. Trabalho de Conclusão de Curso. São Leopoldo, Nov de 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35713/000816085.pdf > Acesso em: 01 de Fev de 2016.

SCHEIBE, Leda. Valorização e Formação dos Professores para a Educação Básica: Questões Desafiadoras para um novo Plano Nacional de Educação. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 112, p. 983. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 de Mar de 2015.

SIGNIFICADOS. Significado de Machismo. Disponível em: http://www.significados.com.br/machismo/ Acesso em: 05 de abril de 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique; Dicionário de Conceitos Históricos. Ed. Contexto – São Paulo; 2006. Disponível em: http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_ETNIA.pdf Acesso em: 18 de Fev de 2016.

SMIGAY, Karin Ellen von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041214154032.pdf Acesso em: 27 de Abr de 2016.

ZIBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. P. 20.

ANEXO

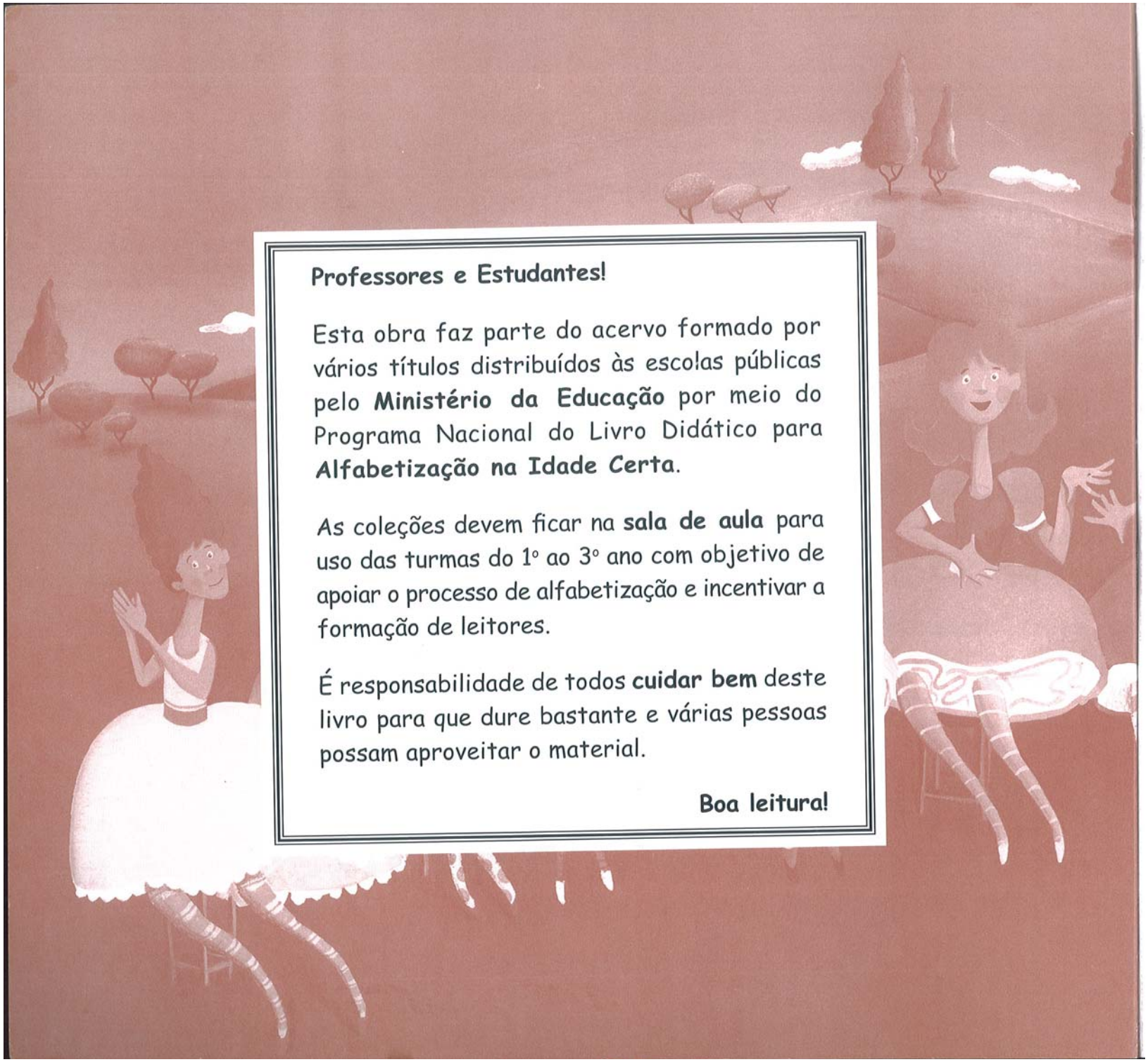
Lenice Gomes

Ilustrações: Romont Willy

A casa das Dez Furunfunfelhas

Alfabetização na Idade Certa 2013
FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Para uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano
VENDA PROIBIDA

MUNDO MIRIM



Professores e Estudantes!

Esta obra faz parte do acervo formado por vários títulos distribuídos às escolas públicas pelo **Ministério da Educação** por meio do Programa Nacional do Livro Didático para **Alfabetização na Idade Certa**.

As coleções devem ficar na **sala de aula** para uso das turmas do 1º ao 3º ano com objetivo de apoiar o processo de alfabetização e incentivar a formação de leitores.

É responsabilidade de todos **cuidar bem** deste livro para que dure bastante e várias pessoas possam aproveitar o material.

Boa leitura!

© 2010 by Editora Mundo Mirim. All rights reserved.
Rua Martim Francisco, 636 – 01226-000 – São Paulo, SP – Brasil
Telefax: (11) 3823-1060
Televendas: 0800 7730 456
editorial@mundomirim.com.br • www.mundomirim.com.br

ISBN: 978-85-617-3059-8

Printed in Brazil – Impresso no Brasil

Projeto gráfico: Rui Cardoso Joazeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gomes, Lenice
A casa das dez Furunfunfelhas / Lenice Gomes; ilustrações Romont Willy. – São Paulo: Mundo Mirim, 2010. – (Série Passa Anel)

ISBN: 978-85-617-3059-8

1. Literatura infantojuvenil I. Willy, Romont. II. Título. III. Série.

10-08612 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Diretor Geral: Marcos Antônio Mendes, CMF
Diretor Editorial: Luís Erlin Gomes Gordo, CMF
Gerente Editorial: J. Augusto Nascimento
Assistente Editorial: Isabel Ferrazoli
Produção Gráfica: Carlos Eduardo P. de Sousa


Para Sylvia Orthof (*in memoriam*)
e para Valentina, minha sobrinha.


Está vendo aquela casa cheia de fitas?
É a casa das dez Furunfunfelhas.
Nela tem uma placa:


ESTA CASA ESTÁ LADRILHADA.
QUEM A DESLADRILHARÁ?
O DESLADRILHADOR.
QUEM A DESLADRILHAR
BOM DESLADRILHADOR SERÁ.

As irmãs Furunfunfelhas, sempre muito animadas,
gostam de se reunir numa grande roda na calçada
e, assim, vão soltando seus nós da língua.
A primeira Furunfunfelha, muito senhora de si, fala:

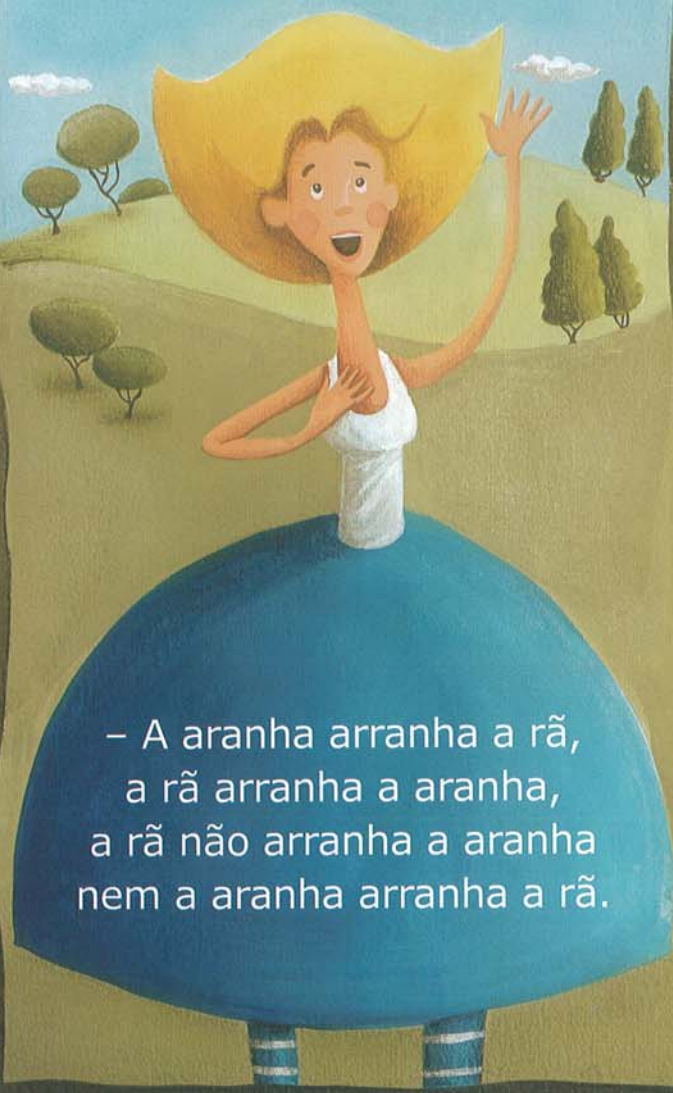


– Fui ao cinema-nema-nema-nema
ver um filme chato-chato-chato-chato.
Era de cachorro-osso-osso-osso,
tinha carrapato-pato-pato-pato.



Deu um tangolomango nela,
não ficaram senão nove
Furunfunfelhas.

A segunda Furunfunfelha,
com o nariz arrebitado,
tropeça aqui, tropeça lá,
brinca:



– A aranha arranha a rã,
a rã arranha a aranha,
a rã não arranha a aranha
nem a aranha arranha a rã.





Deu um tangolomango nela,
não ficaram senão oito
Furunfunfelhas.

A terceira Furunfunfelha,
se sacudindo de contente,
melodia:



– Maria-mole
é molenga.
Se não é molenga,
não é maria-mole.
É coisa malemolente,
nem mala, nem mola,
nem Maria, nem mole.



Deu um tangolomango nela,
não ficaram senão sete
Furunfunfelhas.

A quarta Furunfunfelha,
para lá de Chiquita Bacana,
cantarola:



– Esta burra
trota, trota, trota.
A burra trota, trinca,
a murta brota,
brota a murta
ao pé da porta.



Deu um tangolomango nela,
não ficaram senão seis
Furunfunfelhas.

A quinta Furunfunfelha, com
ares de que tudo sabe, tagarela:

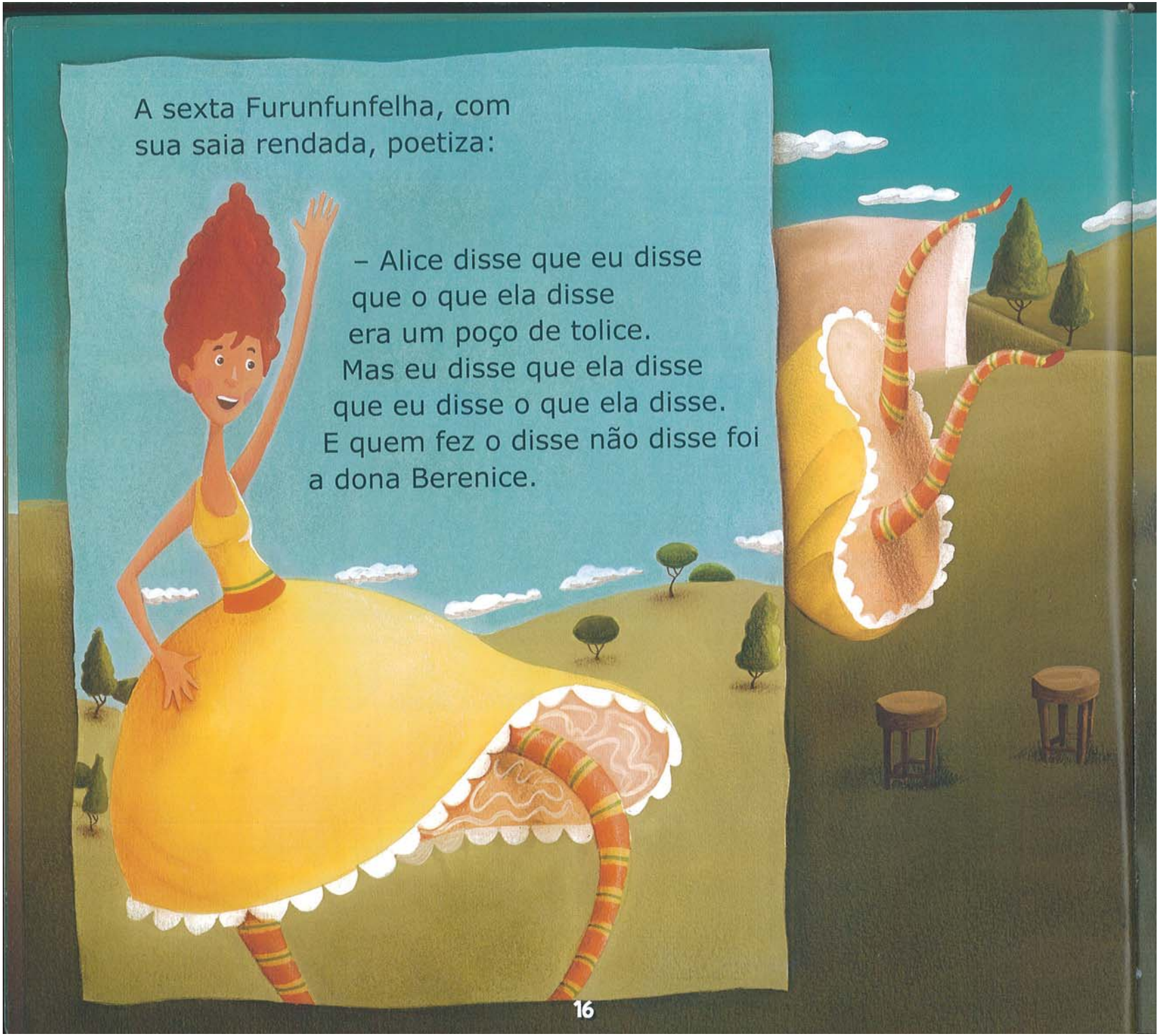
– Se cada um vai
à casa de cada um,
é porque cada um
quer que cada um lá vá.
Se cada um não fosse
à casa de cada um,
é porque cada um não queria
que cada um fosse lá.






Deu um tangolomango nela,
não ficaram senão cinco
Furunfunfelhas.

A sexta Furunfunfelha, com
sua saia rendada, poetiza:

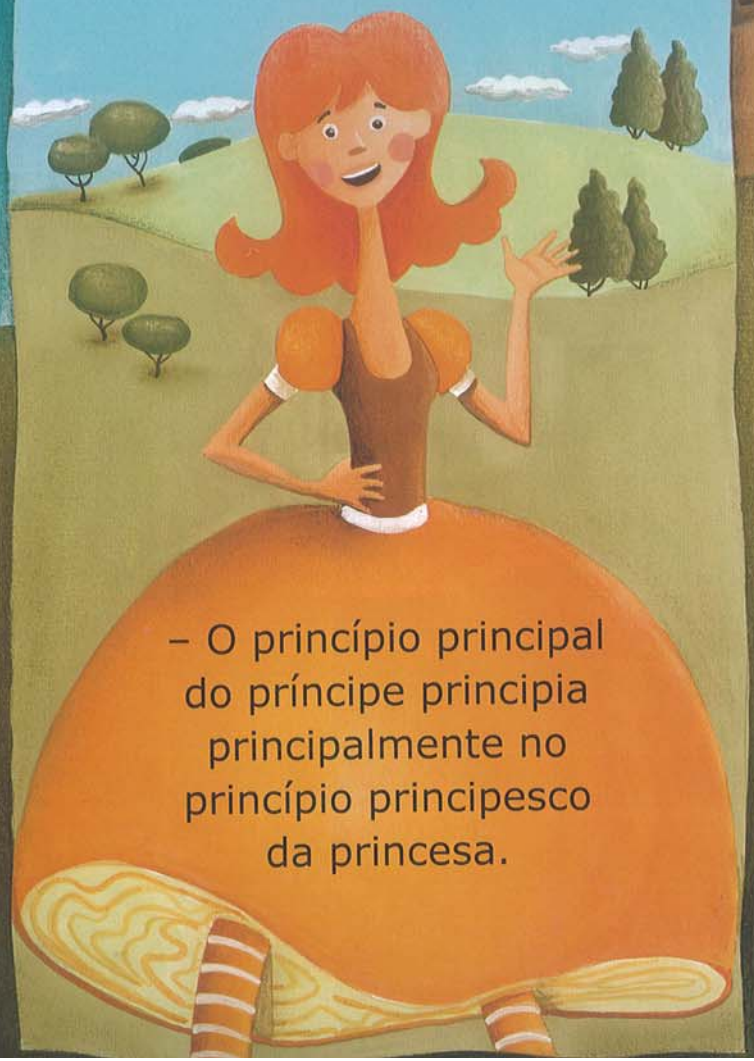


– Alice disse que eu disse
que o que ela disse
era um poço de tolice.
Mas eu disse que ela disse
que eu disse o que ela disse.
E quem fez o disse não disse foi
a dona Berenice.



Deu um tangolomango nela,
não ficaram senão quatro
Furunfunfelhas.

A sétima Furunfunfelha, magricela que só ela, anuncia:



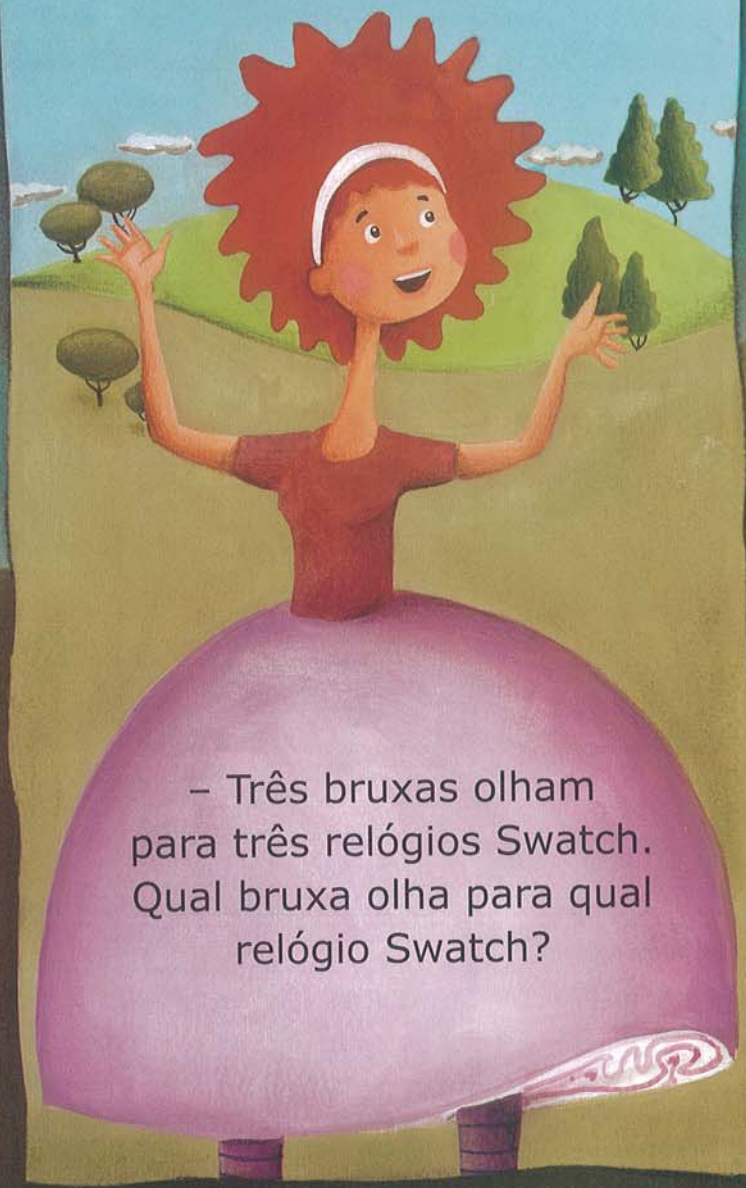
– O princípio principal do príncipe principia principalmente no princípio principesco da princesa.


Deu um tangolomango nela,
não ficaram senão três
Furunfunfelhas.


A oitava Furunfunfelha,
dando nozinhos no
cabelo, fofoca:
– Maria é de
Jaguamimbaba,
mas seu marido é de
Jaguamambi.
Ela é boa cozinheira
e sempre diz que farofa
feita com farinha fofa
faz uma fofoca feia.

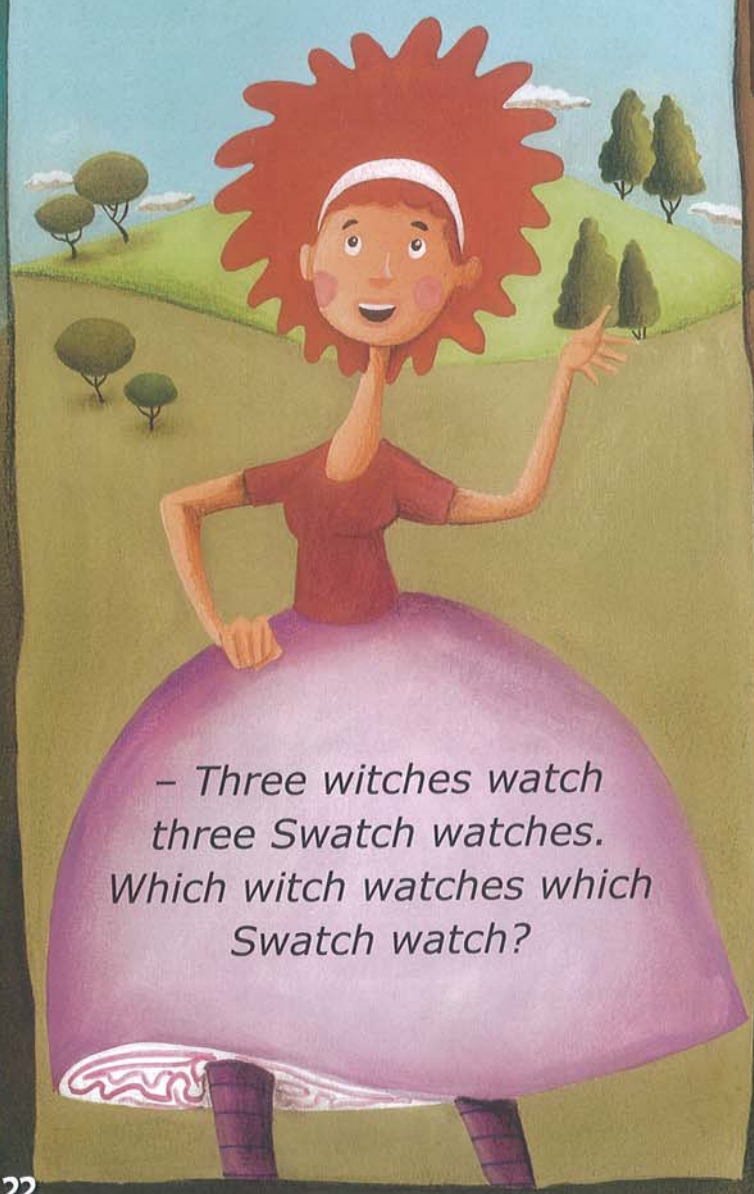

Deu um tangolomango nela,
não ficaram senão duas
Furunfunfelhas.

A nona Furunfunfelha, com os olhos brilhantes, revela:



– Três bruxas olham para três relógios Swatch. Qual bruxa olha para qual relógio Swatch?

Essa Furunfunfelha era metida a gringa:



– Three witches watch three Swatch watches. Which witch watches which Swatch watch?


Deu um tangolomango nela,
não ficou senão uma
Furunfunfelha.

A décima Furunfunfelha, metida a elegante no seu salto fino, rima:

– No alto daquela serra
está uma pega a papar a fava.
A pega papa a fava
para a fava não papar a pega.





Deu um tangolomango nela,
não ficou nenhuma
Furunfunfelha.

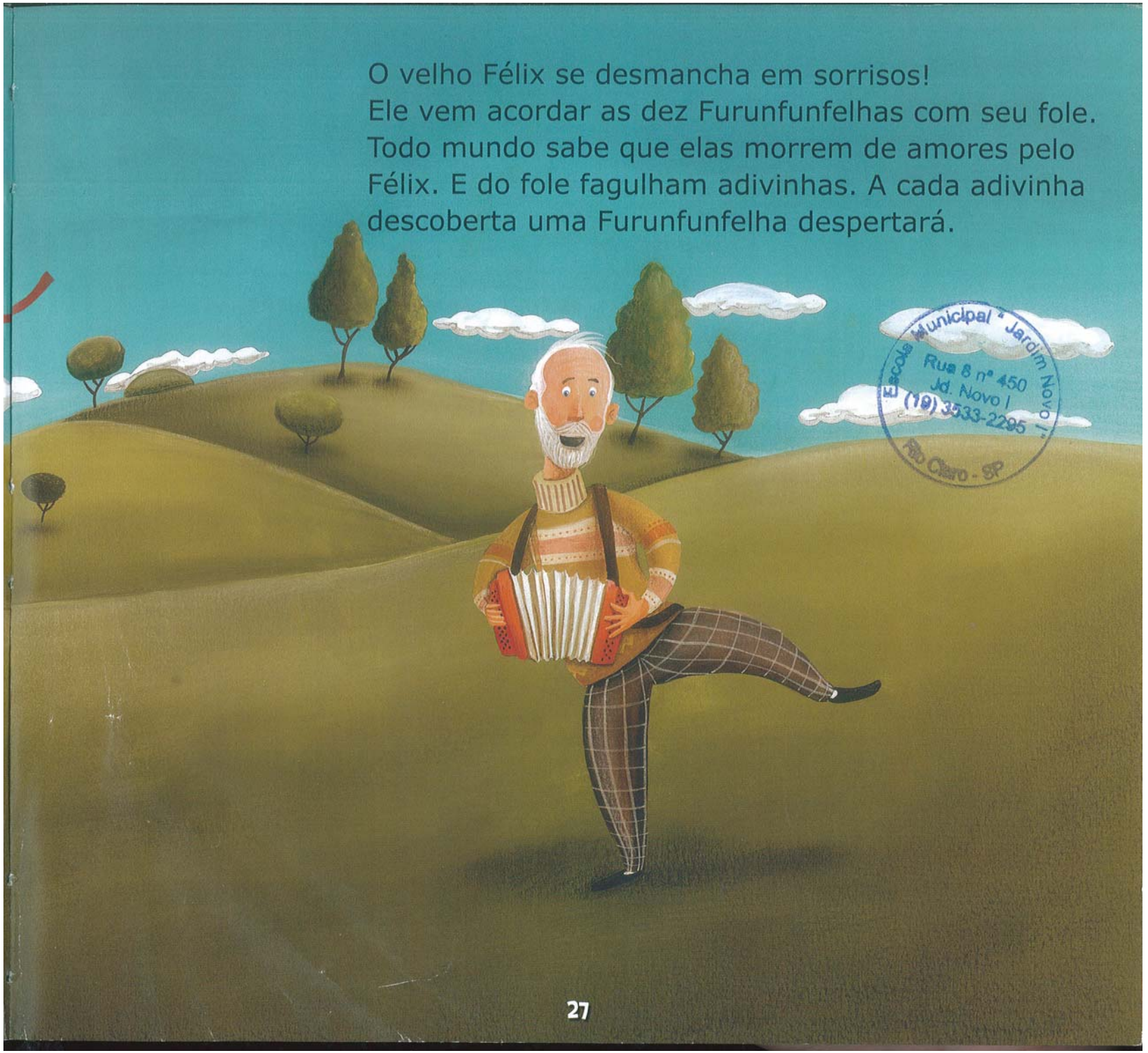
A rua ficou muda.

(....)

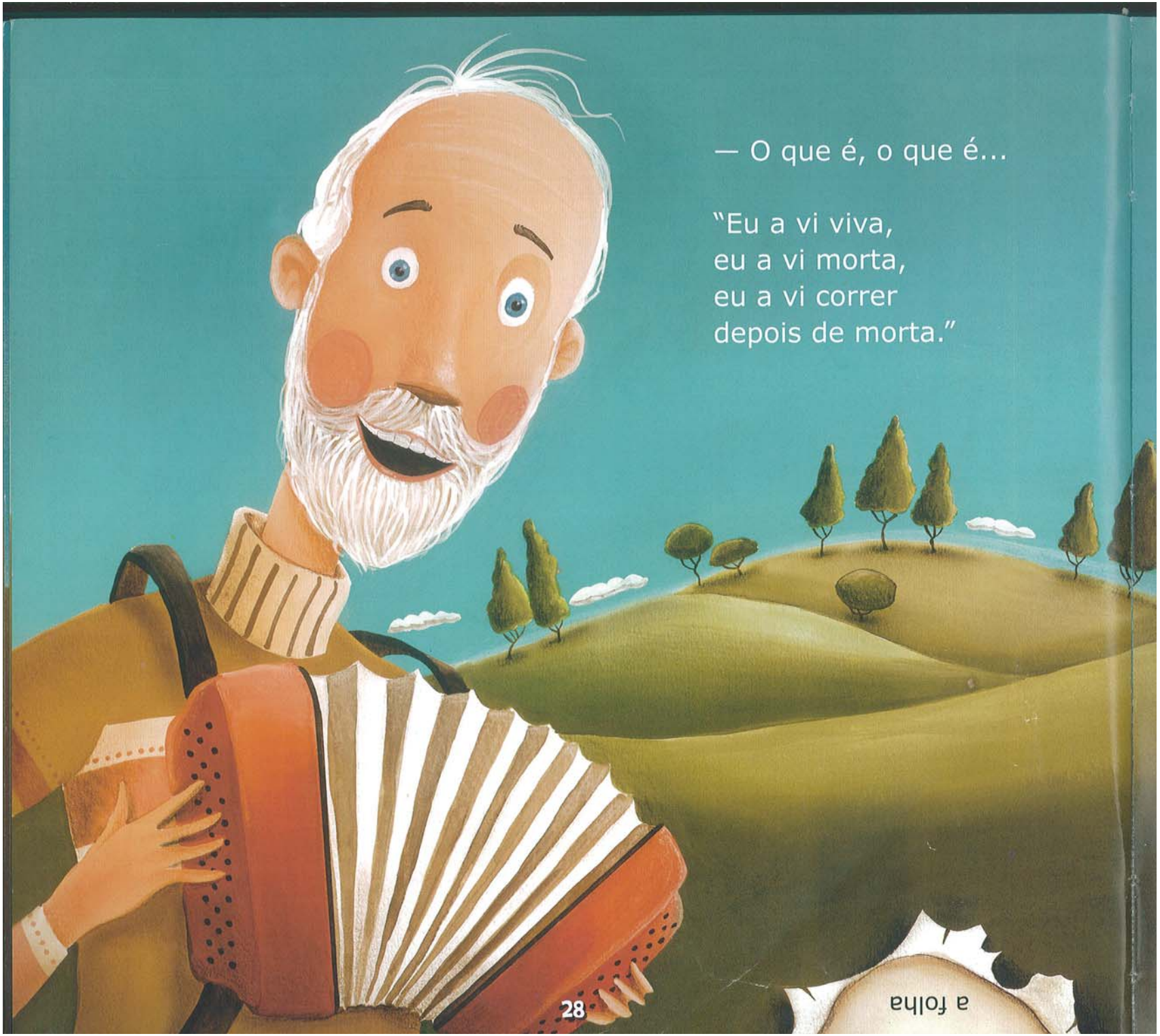
De repente, um menino em cima do telhado, de onde tudo observava, grita:



O velho Félix se desmancha em sorrisos!
Ele vem acordar as dez Furunfunfelhas com seu fole.
Todo mundo sabe que elas morrem de amores pelo Félix. E do fole fagulham adivinhas. A cada adivinha descoberta uma Furunfunfelha despertará.



Escola Municipal "Jardim Novo I"
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP


— O que é, o que é...
"Eu a vi viva,
eu a vi morta,
eu a vi correr
depois de morta."
a folha

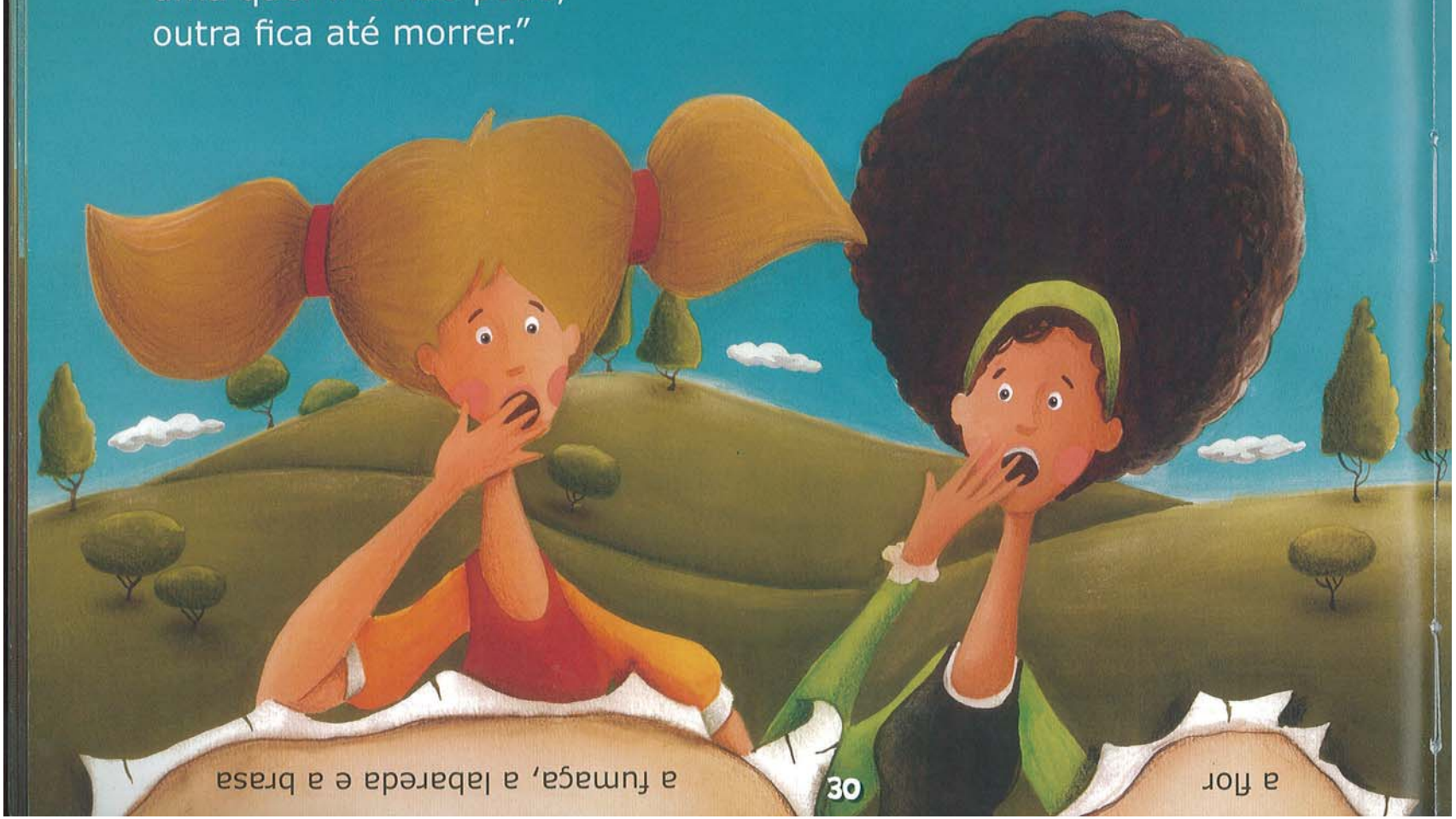
"Aqui estão
muitas irmãs.
Levam anos no mar
e ainda não sabem nadar."

"Irmão e irmã são
e jamais juntos estão.
Quando ele vem, ela vai,
e, se ela chega, ele sai."

E, com isso, acordam cinco Furunfunfelhas meio sonolentas.
Entusiasmadas com o velho Félix, começam a dizer:

"São três irmãs numa casa:
uma foge sem querer,
uma quer ir e não pode,
outra fica até morrer."

"Seu botão ninguém aperta,
seu perfume ninguém vende,
sua cor não é pintura,
sua beleza surpreende."

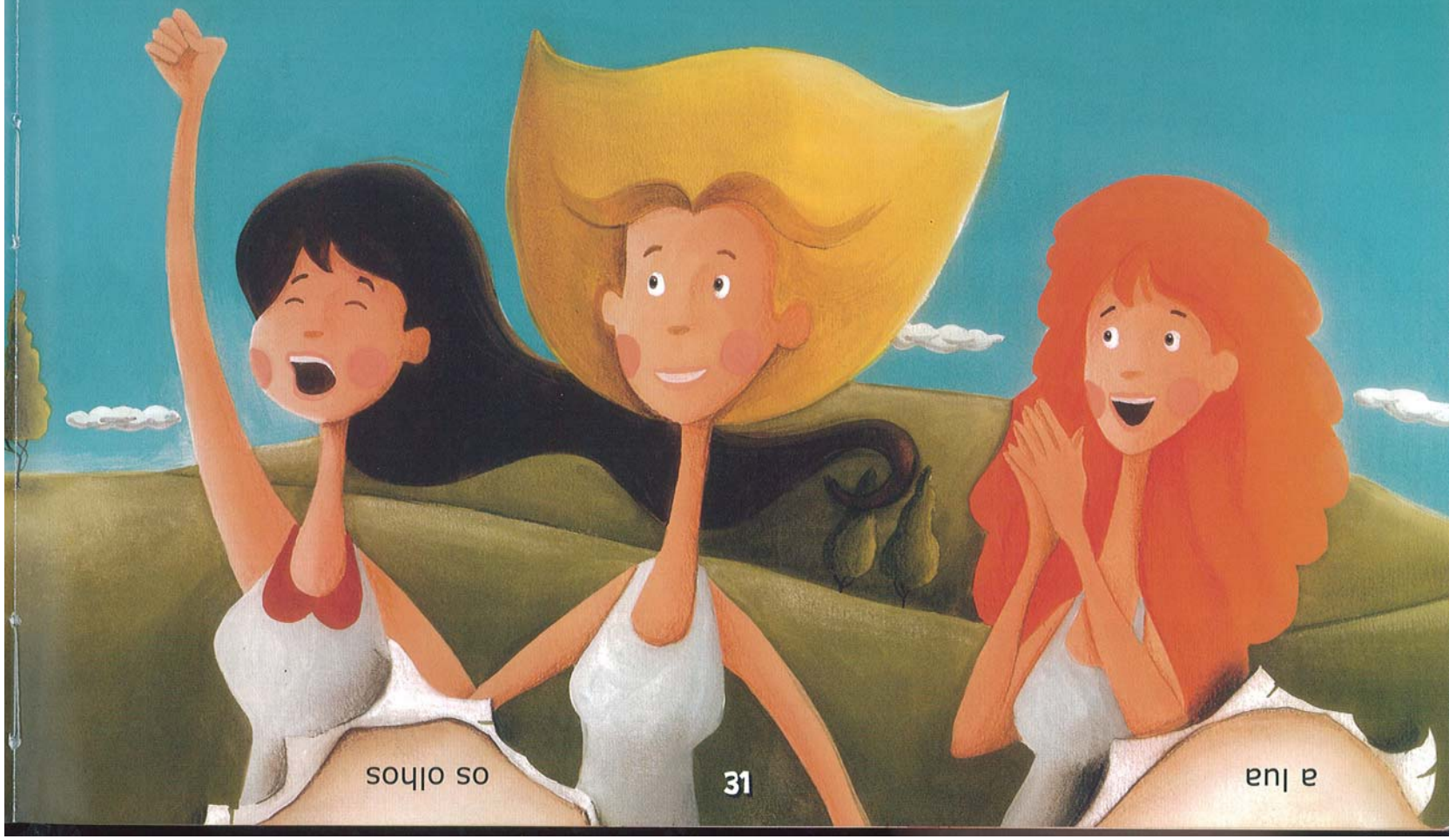


a fumaça, a labareda e a brasa

a flor

"Duas bolas coloridas
carregam um brilho profundo.
São como duas janelas
mostrando a vida e o mundo."

"Brilha, mas não é joia,
boia redonda e nua,
cresce e desaparece,
durante a noite flutua."



As outras cinco Furunfunfelhas vão acordando.
E Félix, envolvido no jogo, recomeça a tocar o fole:

"Umas vão
e outras vêm.
Debaixo do céu
se mantêm."

"Amarelo é meu centro,
branca sou ao redor,
me consultam os namorados,
quando apareço na primavera."

a margarida

as nuvens

"Quando eu te vejo, me vês,
quando me vês, eu te vejo
e não aparento ser feio."

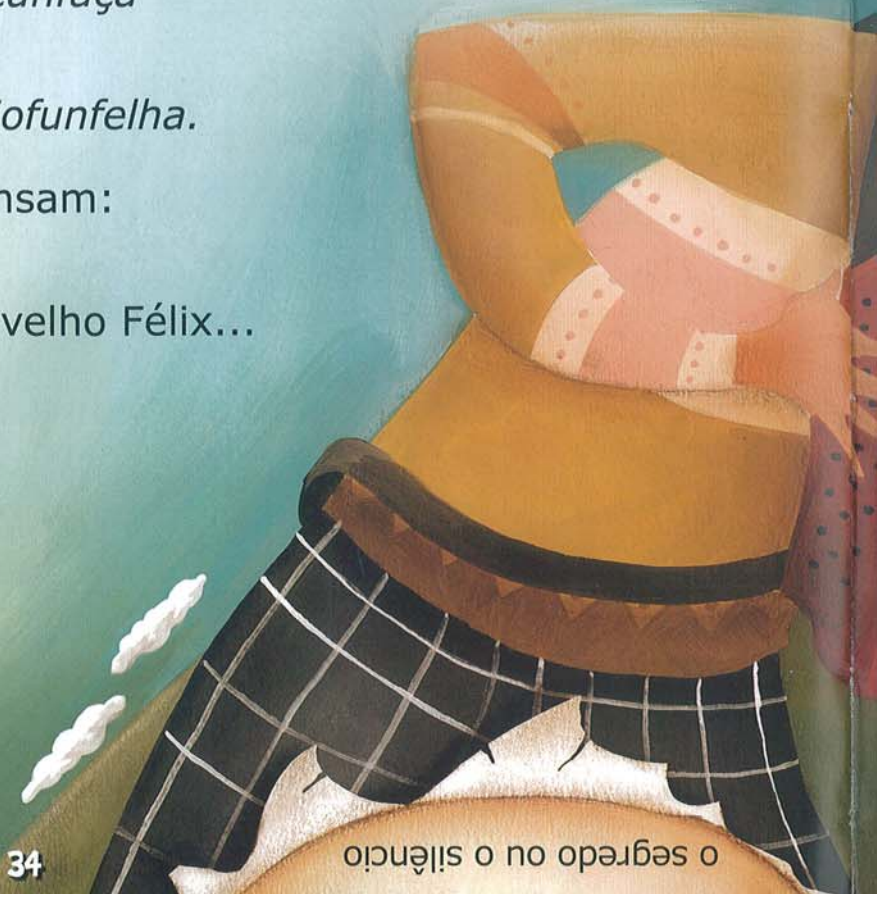
"Somos sete e todas nós
boa harmonia formamos.
Os nossos nomes dependem
do lugar que ocupamos."

E, deixando o fole de lado, o velho Félix foi experimentar
estes desenrolares tão conhecidos das dez irmãs:

– Era uma vez um cantador
furunfunfor, triunfunfor, miserincuntor
que foi à cantoria
furunfunfaça, triunfunfaça, miseruncunfaça
e se enamorou por uma
Furunfunfelha, triunfunfelha, misteriofunfelha.

E elas olham uma para a outra e pensam:
"será comigo ou com ela?".
E as Furunfunfelhas vão cercando o velho Félix...
A quem Félix vai dar o coração?
Deu um tangolomango nele,
e perguntam as dez irmãs:

– O que é uma coisa que
se quebra ao falar?




O velho Félix acorda e toma de novo seu fole.
O menino no telhado aplaude aquela animação.
E as Furunfunfelhas desatam as línguas:
– Não sei se é fita,
não sei se é fato,
o fato é que o velho Félix
nos fita mesmo de fato.



A escritora

Lenice Gomes

Lá em casa somos quase dez Furunfunfelhas, contando mãe, irmãs, sobrinhas e amigas. Todas com suas manias e tangolomangos. Eu sou a Furunfunfelha escritora e minha mania é escrever e contar histórias. Sem nenhuma modéstia, foi a mim que o velho Félix pediu a mão em casamento. Aceitei não. Quem ia escrever histórias para vocês, para meu filho Luiz Marcelo, aos meus sobrinhos João Gabriel e João Victor e à nossa gata Rica? Ele foi embora com seu fole, e eu e elas voltamos a travalinguarfurunfunfelhanimadamente.



O ilustrador

Romont Willy

Nasci em Teresina, no Piauí. Cheguei em Brasília ainda bebê, onde moro e trabalho. Como a maioria dos ilustradores, o gosto pelo desenho veio de criança, acho que quando eu tinha uns 8 anos, e nunca mais me deixou. Comecei a trabalhar profissionalmente como ilustrador em uma revista em Brasília, e logo depois vieram os convites para ilustrar livros. Já trabalhei para várias editoras e agências de publicidade. Minha técnica preferida é a pintura manual, em que utilizo vários materiais em um único desenho.



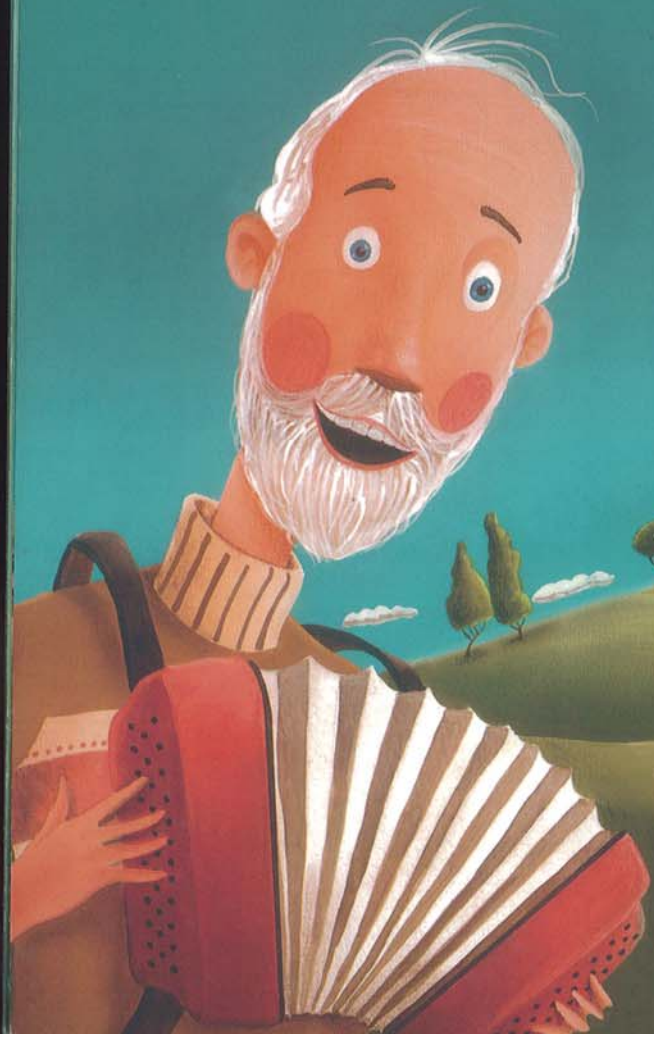

Escola Municipal "Jardim Novo I"
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP

PASSA ANEL

O que é, o que é: "umas vão e outras vêm. Debaixo do céu se mantêm".

Agora, tente repetir várias vezes e bem depressa: "a aranha arranha a rã, a rã arranha a aranha, a rã não arranha a aranha nem a aranha arranha a rã".

Conseguiu? Pois, para salvar as dez Furunfunfelhas de um fim trágico, você vai precisar acertar muitos trava-línguas e adivinhas. Aceita o desafio?





ISBN: 978-85-617-3059-8

MUNDO MIRIM

A melhor família do mundo



Alfabetização na Idade Certa 2013
FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Para uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano
VENDA PROIBIDA

Susana López

Ulises Wensell

Sefe

MENSAGEM AO LEITOR

Professores e Estudantes!

Esta obra faz parte do acervo formado por vários títulos distribuídos às escolas públicas pelo **Ministério da Educação** por meio do Programa Nacional do Livro Didático para **Alfabetização na Idade Certa.**

As coleções devem ficar na **sala de aula** para uso das turmas do 1º ao 3º ano com objetivo de apoiar o processo de alfabetização e incentivar a formação de leitores.

É responsabilidade de todos **cuidar bem** deste livro para que dure bastante e várias pessoas possam aproveitar o material.

Boa leitura!

EM "JARDIM NOVO I"
TOMBO Nº 3221
ORIGEM SME
DATA 27/08/13

Escola Municipal "Jardim Novo I"
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP

A melhor família do mundo

Título original *La mejor familia del mundo*
© Susana López (texto)
© Ulises Wensell (ilustrações)
Ediciones SM, 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

López, Susana
A melhor família do mundo / Susana López ; ilustrações Ulises Wensell ; tradução Rodrigo Villela.
-- Curitiba : Base Sistema Educacional, 2010.

Título original: La mejor familia del mundo
ISBN 978-85-7534-612-9

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

1ª edição brasileira dezembro de 2010

Todos os direitos reservados a

SEFE – SISTEMA EDUCACIONAL FAMÍLIA E ESCOLA LTDA.
Rua Atílio Bório, 438 • Alto da Rua XV
CEP: 80045-120 • Curitiba-PR
Fone/Fax: (41) 3023-4616
E-mail: contato@sefesistema.com.br

A melhor família do mundo



Susana López

Ulises Wensell

Tradução Rodrigo Villela

Sefe

Numa linda manhã de maio,
Carlota estava brincando
no jardim do orfanato
quando a diretora
a chamou na sua sala.







– Carlota, uma família te adotou.
Virão te buscar amanhã – disse.
Carlota cruzou os dedos e fez um pedido:
"Espero que seja a melhor família do mundo".

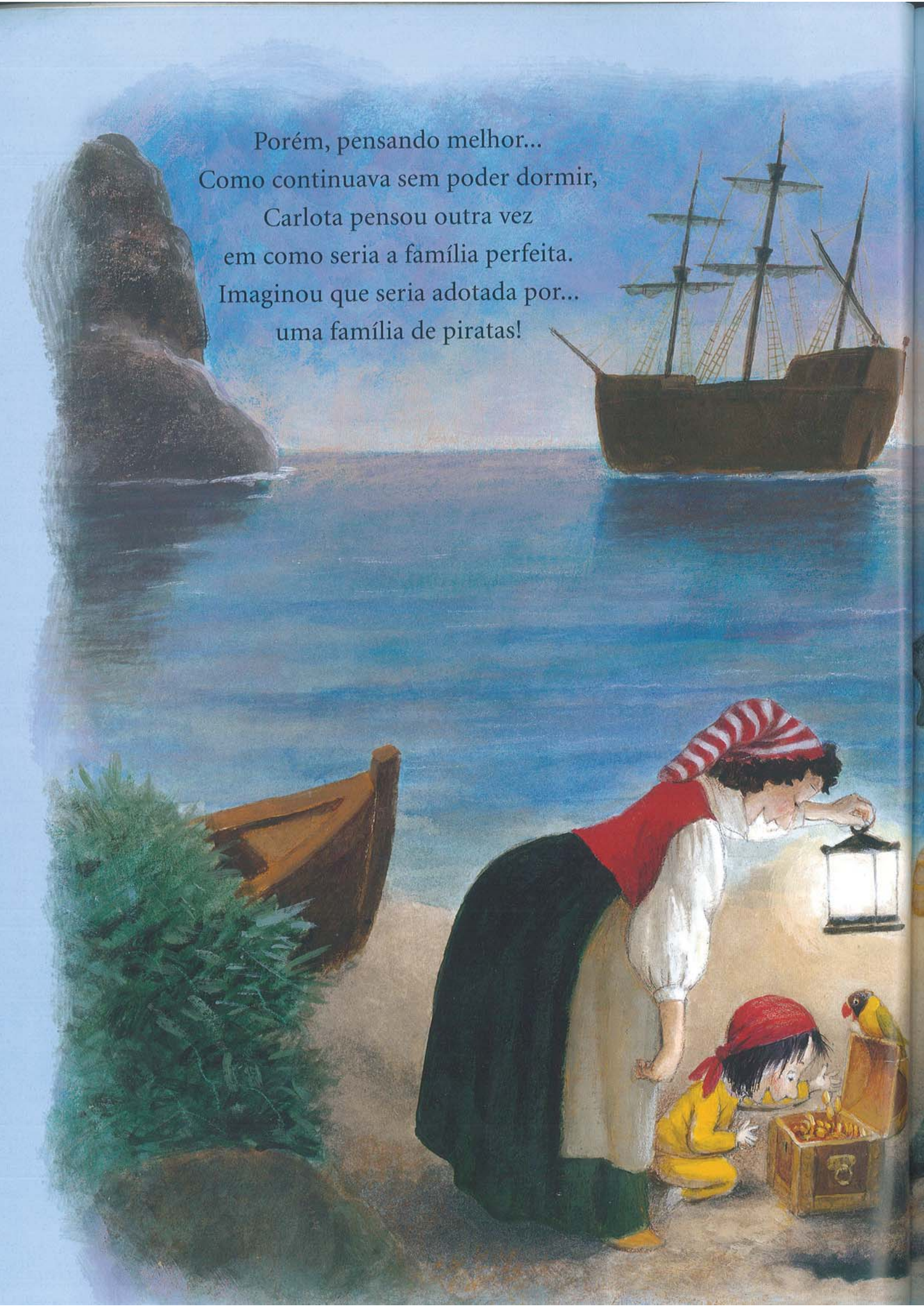
Nessa noite, Carlota não conseguiu dormir de tão nervosa
e ficou pensando em como seria a família perfeita.
Imaginou que seria adotada por...
uma família de doceiros!



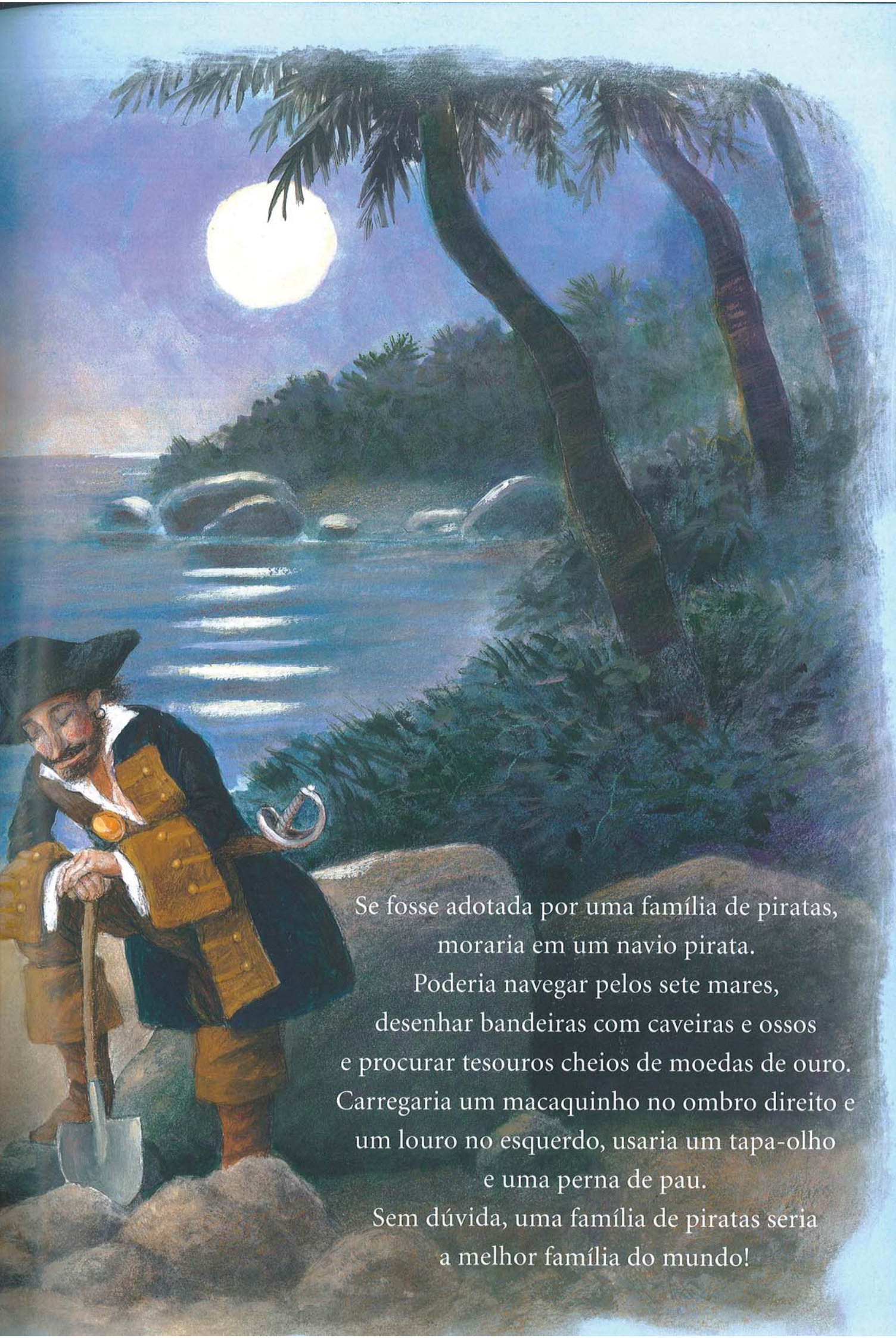


Se fosse adotada por uma família de doceiros, moraria numa confeitaria.
Poderia passar o dia entre bolos, doces, pudins e bombons,
escrever mensagens com açúcar em cima dos bolos
e lamber o merengue dos doces com cobertura.
Teria *palmier* de chocolate no café da manhã,
no almoço, no lanche e no jantar.
Sem dúvida, uma família de doceiros seria
a melhor família do mundo!





Porém, pensando melhor...
Como continuava sem poder dormir,
Carlota pensou outra vez
em como seria a família perfeita.
Imaginou que seria adotada por...
uma família de piratas!



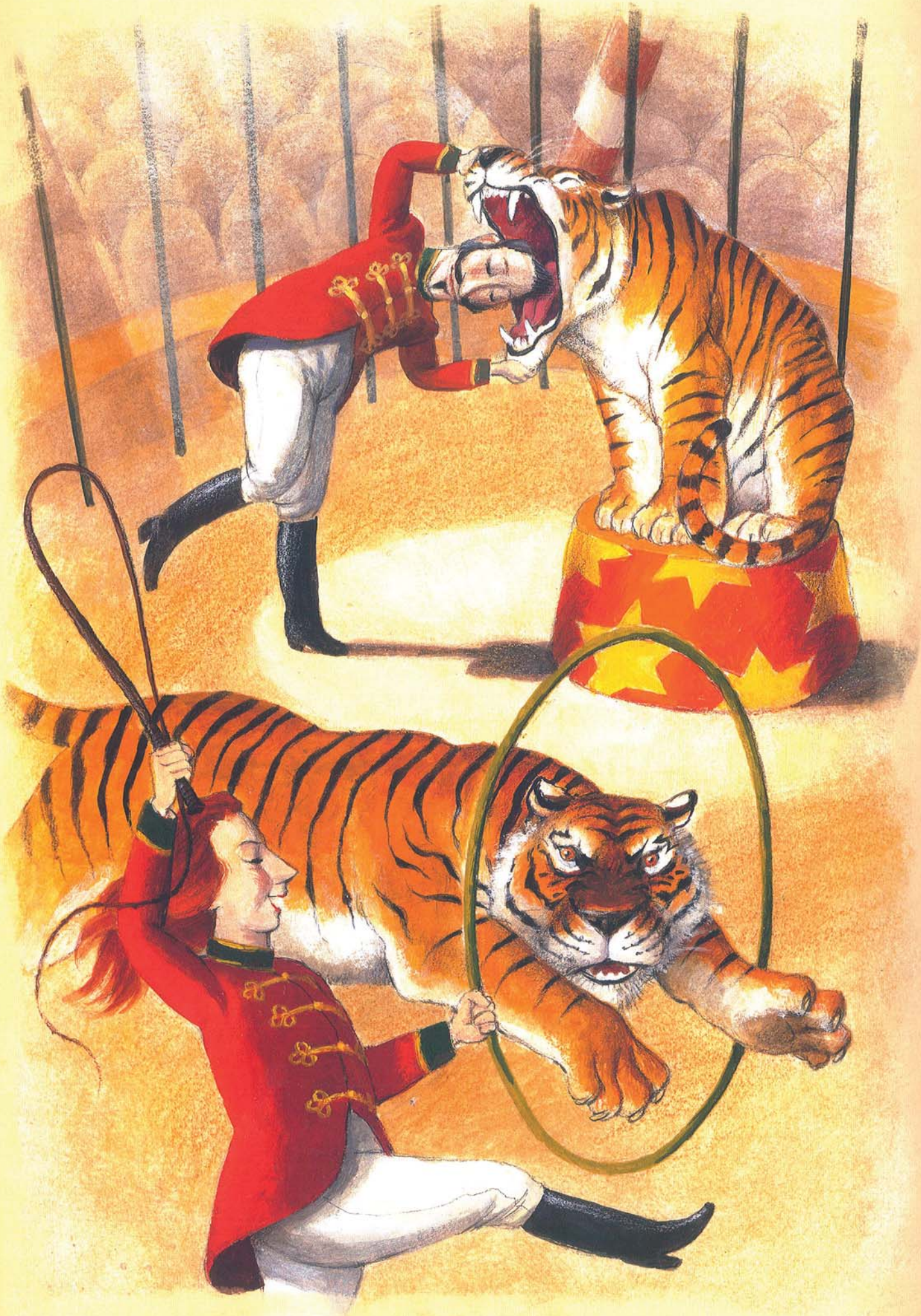
Se fosse adotada por uma família de piratas,
moraria em um navio pirata.
Poderia navegar pelos sete mares,
desenhar bandeiras com caveiras e ossos
e procurar tesouros cheios de moedas de ouro.
Carregaria um macaquinho no ombro direito e
um louro no esquerdo, usaria um tapa-olho
e uma perna de pau.
Sem dúvida, uma família de piratas seria
a melhor família do mundo!

Porém, pensando melhor...
Como ainda não conseguia dormir,
Carlota pensou outra vez em como seria
a família perfeita.
Imaginou que seria adotada por...
uma família de domadores de tigres!

Se fosse adotada por uma família de domadores,
moraria em um circo.
Poderia passar o dia brincando com os tigres,
enrolar o bigode dos filhotes
e contar as listras de sua pelugem.
Levaria um tigre-de-bengala ao colégio
para ser a mais popular no recreio.
Sem dúvida, uma família de domadores seria
a melhor família do mundo!

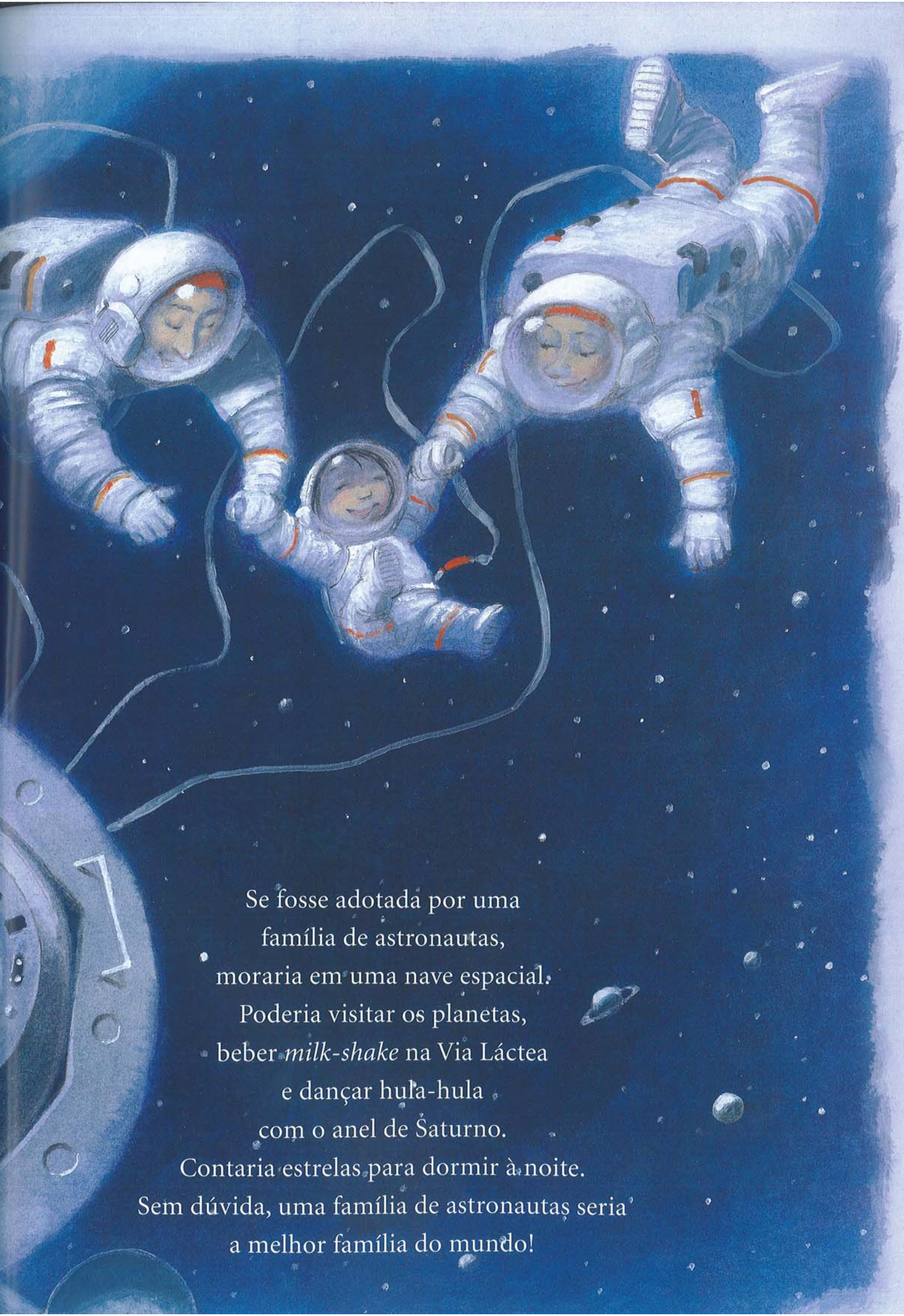
Escola Municipal "Jardim Novo I"
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP







Porém, pensando melhor...
Como ainda estava sem sono,
Carlota pensou outra vez em
como seria a família perfeita.
Imaginou que seria adotada por...
uma família de astronautas!



Se fosse adotada por uma
família de astronautas,
moraria em uma nave espacial.
Poderia visitar os planetas,
beber *milk-shake* na Via Láctea
e dançar hula-hula
com o anel de Saturno.
Contaria estrelas para dormir à noite.
Sem dúvida, uma família de astronautas seria
a melhor família do mundo!



Porém, pensando melhor...
Surpresa, Carlota olhou para a janela
e se deu conta de que já tinha amanhecido.
Tinha ficado a noite inteira sem dormir
e sua nova família tinha chegado
para buscá-la!

Os Perez.





Leonor,
a nova mãe de Carlota,
é funcionária do correio.
Não é doceira,
mas todas as tardes,
quando volta do trabalho,
compra para Carlota
um enorme *palmier* de chocolate
para o lanche.

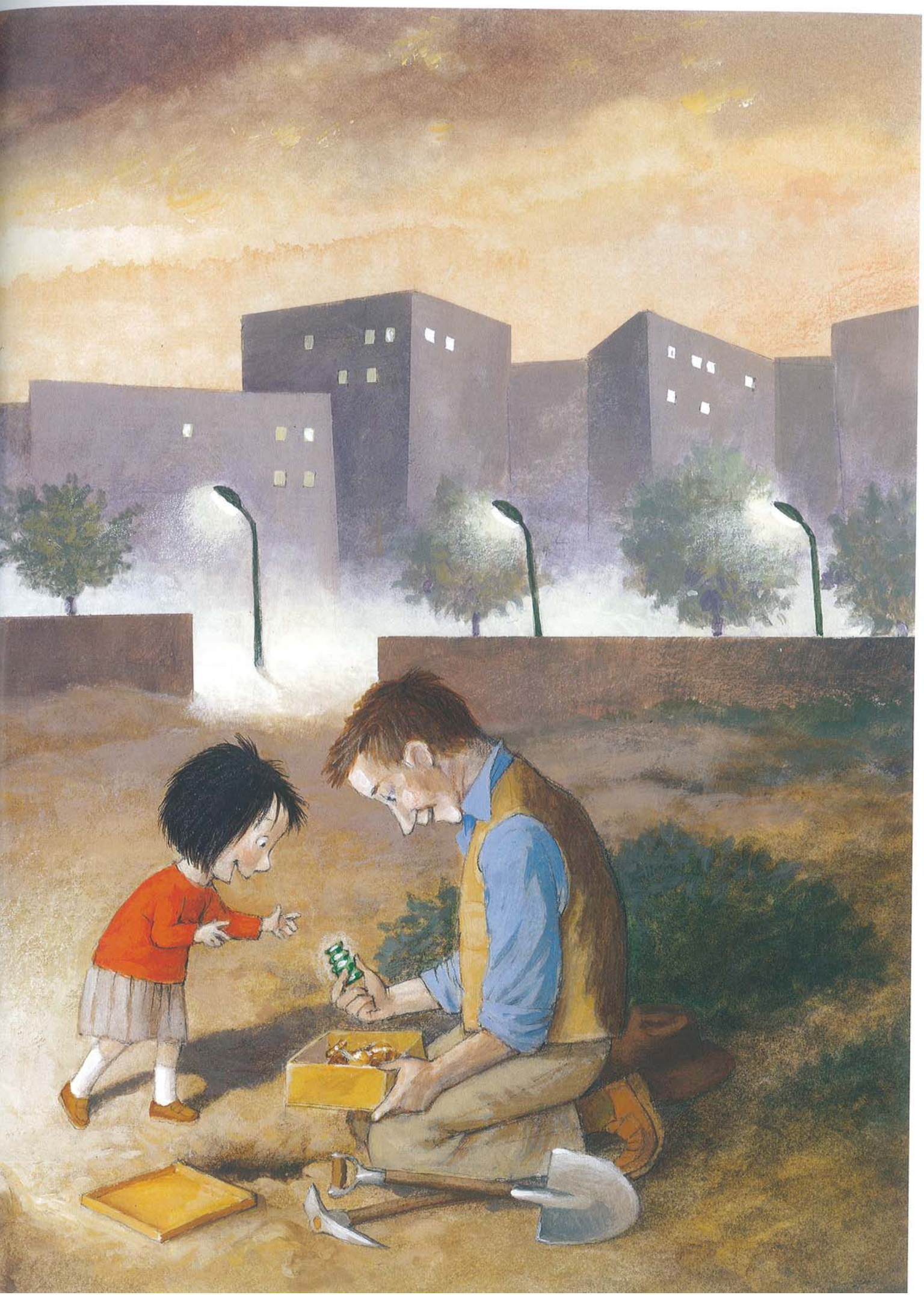


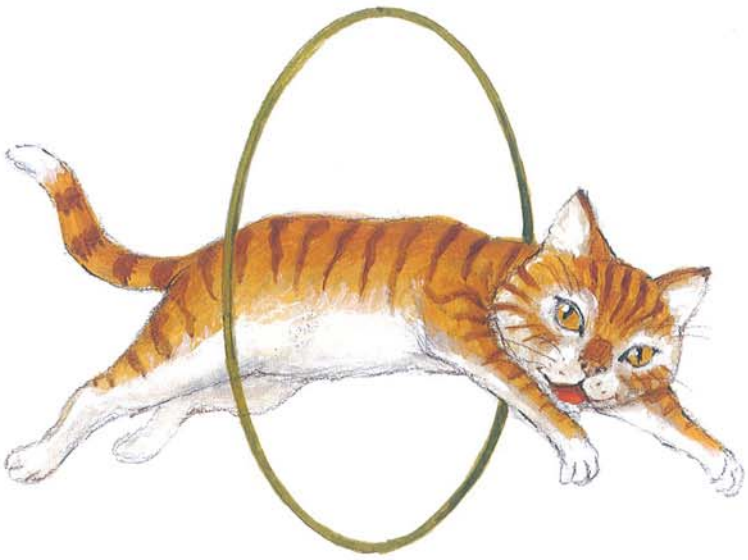




Roberto,
o novo pai de Carlota,
trabalha como corretor de seguros.
Não é pirata,
mas adora brincar com Carlota
de procurar tesouros escondidos
no terreno baldio do bairro.







Elvira,
a nova avó de Carlota,
é aposentada.
Não é domadora de tigres,
mas tem dois gatos,
Bigode e Bruno,
que passam o dia cochilando
no seu colo e adoram
sardinhas.









Pedro,
o novo irmão de Carlota,
estuda na mesma escola que ela.
Não é astronauta,
mas colou no teto
do seu quarto estrelas
que brilham no escuro
para que ele e Carlota
possam contá-las à noite
antes de dormir.





E assim, sob o
teto estrelado do
seu quarto, Carlota Perez
finalmente pôde dormir
e não precisou ficar
imaginando mais.
Tinha conseguido a
melhor família do mundo.



Numa linda manhã, Carlota recebeu a notícia de que havia sido adotada. Seu primeiro pensamento: "Espero que seja a melhor família do mundo". Ansiosa com a novidade, começou a imaginar como seria essa família.



Susana López nasceu em Madri, Espanha, em 1978. Formou-se em Comunicação Audiovisual e trabalhou como tradutora durante dois anos. Hoje, escreve roteiros para televisão e contos para crianças.

Ulises Wensell nasceu em 1945, também em Madri. É pintor e ilustrador autodidata. Por seus trabalhos recebeu o Prêmio Nacional de Ilustração da Espanha, o Prêmio Lazarillo, entre outros.

ISBN 978-85-7534-612-9

Sefe

Até as princesas soltam pum



Alfabetização na Idade Certa 2013
FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Para uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano
VENDA PROIBIDA

Ilan Brenman
Ionit Zilberman

BRINQUE-BOOK

Professores e Estudantes!

Esta obra faz parte do acervo formado por vários títulos distribuídos às escolas públicas pelo **Ministério da Educação** por meio do Programa Nacional do Livro Didático para **Alfabetização na Idade Certa**.

As coleções devem ficar na **sala de aula** para uso das turmas do 1º ao 3º ano com objetivo de apoiar o processo de alfabetização e incentivar a formação de leitores.

É responsabilidade de todos **cuidar bem** deste livro para que dure bastante e várias pessoas possam aproveitar o material

Boa leitura!

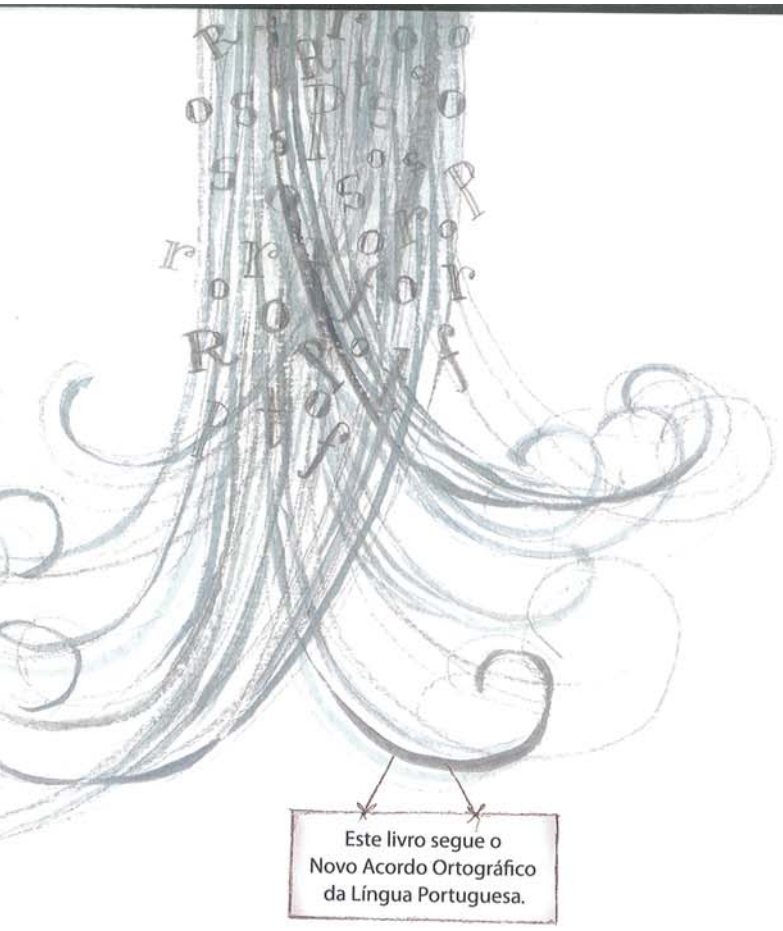
EM "JARDIM NOVO I"
TOMBO Nº 2557
ORIGEM SME
DATA 23/05/13

Ilan Brenman

Ionit Zilberman

Até as princesas soltam pum

14ª reimpressão
BRINQUE-BOOK



Este livro segue o
Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.



Copyright do texto © Ilan Brenman, 2008
Copyright das ilustrações © Ionit Zilberman, 2008
Todos os direitos reservados.
Impressão: Hrosa
Reimpresso em novembro de 2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B847a
Brenman, Ilan, 1973 - Até as princesas soltam pum / texto de Ilan Brenman ;
ilustrações de Ionit Zilberman. - São Paulo : Brinque-Book, 2008. il.

ISBN 978-85-7412-239-7
I. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Zilberman, Ionit, 1972-.
II. Título.

08-1517. CDD: 028.5
CDU: 087.5
17.04.08 17.04.08 006265

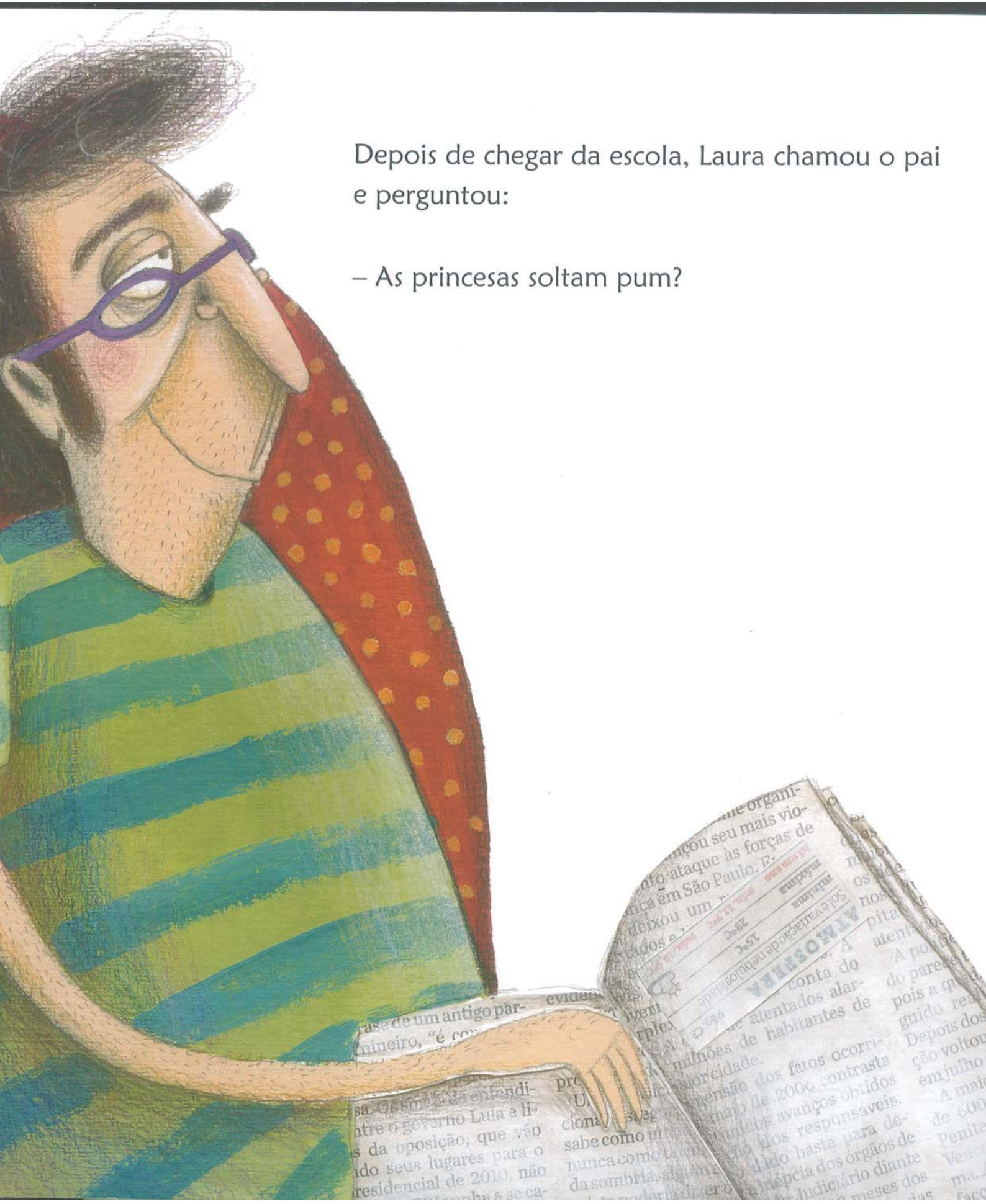
Direitos reservados a todo o território nacional pela
BRINQUE-BOOK Editora de Livros Ltda.
Rua Mourato Coelho, 1215, Vila Madalena – CEP: 05417-012
São Paulo – SP – Brasil – Tel. / Fax: (11) 3032-6436
www.brinquebook.com.br - brinquebook@brinquebook.com.br

Para Tali, a rainha das minhas princesas.

Ilan

À Julie.

Ionit



Depois de chegar da escola, Laura chamou o pai e perguntou:

– As princesas soltam pum?

– Por que você quer saber isso? – perguntou o pai, curioso.

– É que na escola rolou uma briga... Mas antes de contar o que aconteceu, quero que você responda a minha pergunta.

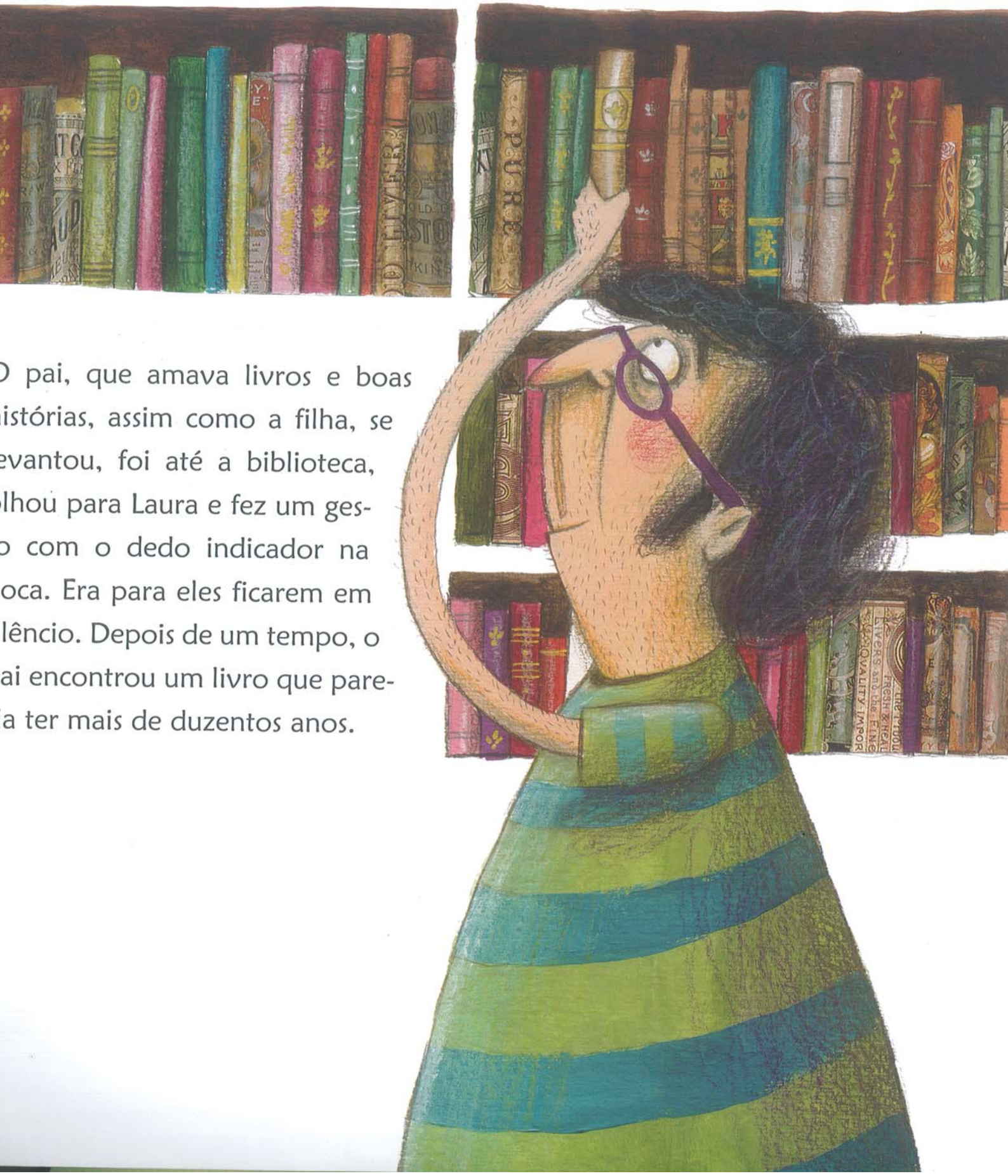
– Acho que sim, as princesas soltam pum – respondeu o pai, com muita delicadeza.





– Não pode ser pai, na escola a discussão era sobre isso. O Marcelo falou para as meninas que a Cinderela era uma peidona. As meninas todas falaram que isso era impossível, que nenhuma princesa no mundo soltava pum. Mas desconfiei que o Marcelo tivesse razão.

– Mas pai, como você sabe que elas soltam pum?



O pai, que amava livros e boas histórias, assim como a filha, se levantou, foi até a biblioteca, olhou para Laura e fez um gesto com o dedo indicador na boca. Era para eles ficarem em silêncio. Depois de um tempo, o pai encontrou um livro que parecia ter mais de duzentos anos.



– O que é isso, pai?





O pai fez cara de mistério, levou a filha até seu escritório, trancou a porta e disse baixinho, quase sussurrando:

– Este é o livro secreto das princesas.

Ao ouvir aquilo, o coração de Laura disparou.


O livro
secreto
das princesas

– E o que conta esse livro, pai?

– Todos os segredos das princesas mais famosas do mundo. Inclusive tem um capítulo chamado "Problemas gastrointestinais e flatulências das mais encantadoras princesas do mundo".

– Problemas gastrointestinais e flatulências das mais encantadoras princesas do mundo!? O que significa isso, pai?



– Nesse capítulo, temos alguns relatos altamente secretos sobre os puns que as princesas soltaram. Você quer começar por quem?

– Pai, é claro que quero começar com a Cinderela!!!

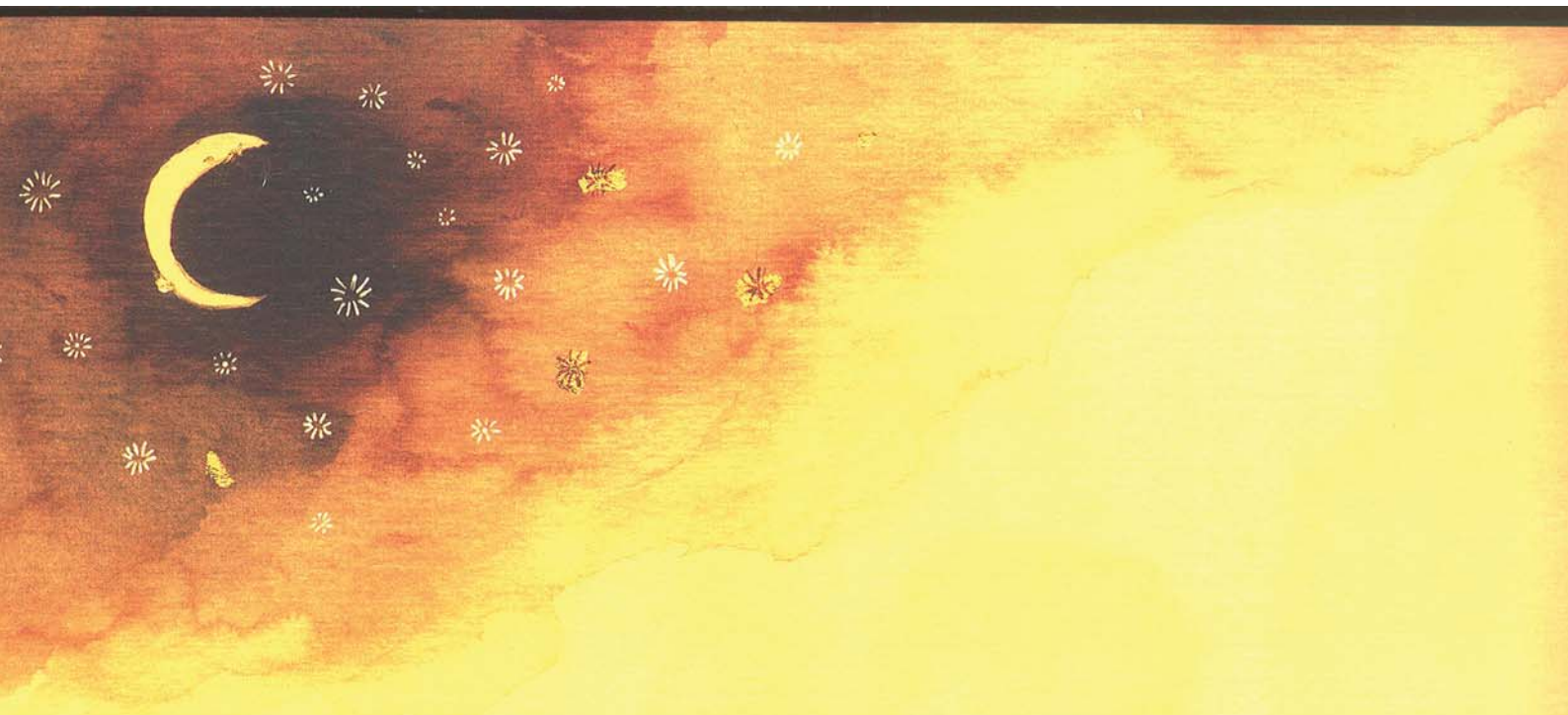
O pai foi folheando o livro, parou numa parte, leu e disse para a filha:

– Você lembra da noite do baile da Cinderela?

– Sim!

Escola Municipal "Jardim Novo I"
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP





– Naquela noite, ela estava muito nervosa. Antes de ir para o baile, ela comeu duas barras de chocolate que a madrasta havia escondido na despensa. Na hora da dança, o príncipe apertou muito a cintura da Cinderela, ela não aguentou e soltou um pum bem no instante em que o relógio avisou que era meia-noite.

– Ufa, pai! Quer dizer que o príncipe nem percebeu?

– Não, filha.



– E a Branca de Neve?



O pai pulou algumas páginas, passou o olho em cima delas e disse:

– A comida dos anões era muito gordurosa, eles gostavam de torresmo, repolho refogado, queijos de todos os tipos, bolos de abricó... A Branca de Neve já estava estufada com toda aquela comida cheia de colesterol. Quando a madrasta deu a maçã envenenada para ela, não houve nem tempo de experimentá-la: Branca soltou um pum tão fedorento, que chegava a ser tóxico. Ela desmaiou por causa disso.



– Por isso os anões a colocaram num caixão de vidro, para ninguém sentir o cheiro?

– É evidente, minha filha.

– E como o príncipe teve coragem de chegar perto dela?

– Aqui no meu livro diz que, no dia em que o príncipe passou e viu o caixão de vidro, ele estava com uma gripe danada, o nariz todo entupido.

– Ufa, se não fosse isso, a Branca de Neve estaria morta.

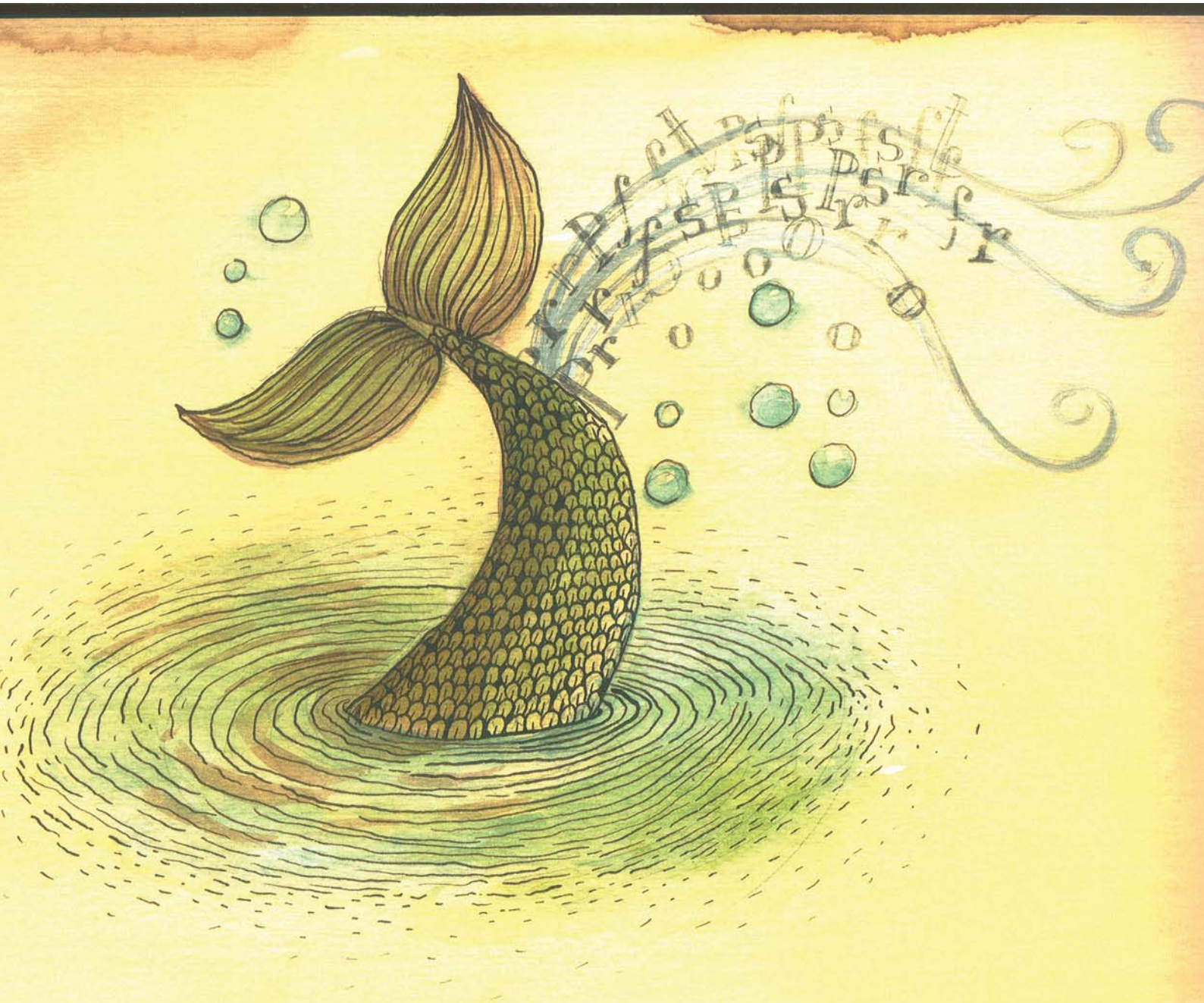
– Pode ter certeza – disse o pai convicto.



– E a Pequena Sereia?



O pai procurou por um tempo e, finalmente, disse:



– Ela é a princesa que mais conseguia disfarçar seus problemas gástricos. Quando dava aquela vontadezinha... Era só pular na água, e quando apareciam as bolhas... Ela dizia que eram as algas que estavam arrotando.

– Mas, mesmo soltando pum, elas continuam sendo lindas princesas, não é, pai?





– Claro, filha. Elas são as princesas mais lindas do mundo, mas até as princesas soltam pum. O importante é você não espalhar esse segredo por aí.



ILAN BRENMAN é psicólogo, formado pela PUC de São Paulo, doutor pela Faculdade de Educação da USP. Autor de mais de 18 livros, tais como, *Clara*, *As 14 pérolas da Índia*, *Gabriel*, *Pai, todos os animais soltam pum?* e *Gabriel, já para o banho!*, editados pela Brinque-Book. É contador de histórias há mais de 16 anos. Mais informações: www.ilan.com.br.

IONIT ZILBERMAN nasceu em Tel Aviv, mas há muitos anos vive em São Paulo. Formou-se em artes plásticas e atualmente trabalha como ilustradora. Adora livros infantis (não só quando está trabalhando), e tem vontade de fazer cinema de animação. Ionit também ilustrou outros dois livros publicados pela Brinque-Book: *João Boboca ou João Sabido?* e *As 14 pérolas da Índia*.



O pai de Laura pegou o livro secreto das princesas
e contou para a filha algo que ninguém sabia...
Descubram esse segredo e não contem pra ninguém.

Leia também *Pai, todos os animais soltam pum?*



ISBN 978-85-7412-239-7

9 788574 122397

BRINQUE-BOOK

Em *Feminina de menina, masculino de menino*, Márcia Leite fala – de um
o original, verdadeiro, engraçado e delicioso de se ler – exatamente:

o que as meninas pensam sobre elas mesmas e as outras meninas,
e nunca contaram nem contariam para um menino;
o que os meninos pensam sobre eles mesmos e os outros meninos,
e nunca contaram nem contariam para uma menina;
o que as meninas pensam sobre todos os meninos e jamais, em hipótese
nenhuma, pensariam em contar para um menino;
e o que os meninos pensam sobre todas as meninas e jamais, em hipótese
nenhuma, pensariam em contar para uma menina.

Se você for um menino, vai poder saber o que as meninas pensam sobre
s mesmas e as outras meninas e todos os meninos... e **UM** em especial.
E se você for uma menina, vai poder saber o que os meninos pensam sobre
s mesmos e os outros meninos e todas as meninas... e **UMA** em especial.
Márcia realiza a proeza de se alternar na pele de dois narradores que se
tocriticam e criticam o "outro time", mas enxergam qualidades e defeitos
n ambos. *Feminina de Menina, Masculino de Menino* oferece material para
flexão, revelações surpreendentes sobre o sexo oposto e muita diversão de
rma leve e cuidadosa, promovendo a tolerância e o armistício na "guerra"
ais antiga da humanidade.

FLAVIO DE SOUZA
escritor, dramaturgo,
roteirista de cinema e TV

LeYa
leya.com.br
Casa da Palavra
www.casadapalavra.com.br
9 788577 340590
ISBN 978-85-7734-059-0

Már

FEMININ
de MENIN
Masculi
de Meni

Ilustrações de Sônia Magalhã

Casa da Palavra

ofessores e Estudantes!

ta obra faz parte do acervo formado por rios títulos distribuídos às escolas públicas lo **Ministério da Educação** por meio do ograma Nacional do Livro Didático para **fabetização na Idade Certa**.

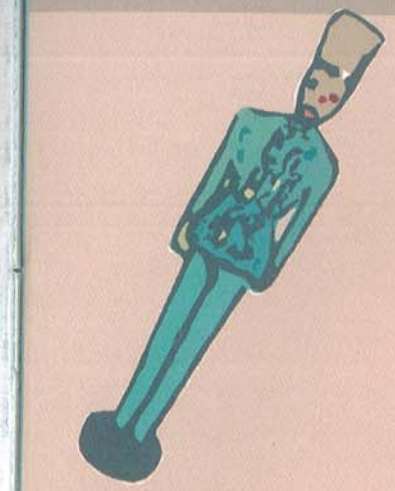
coleções devem ficar na **sala de aula** para das turmas do 1º ao 3º ano com objetivo de oiar o processo de alfabetização e incentivar a rmação de leitores.

esponsabilidade de todos **cuidar bem** deste o para que dure bastante e várias pessoas ssam aproveitar o material.

Boa leitura!

EM "JARDIM NOVO I"
TOMBO Nº 3235
ORIGEM SME
DATA 27/08/13

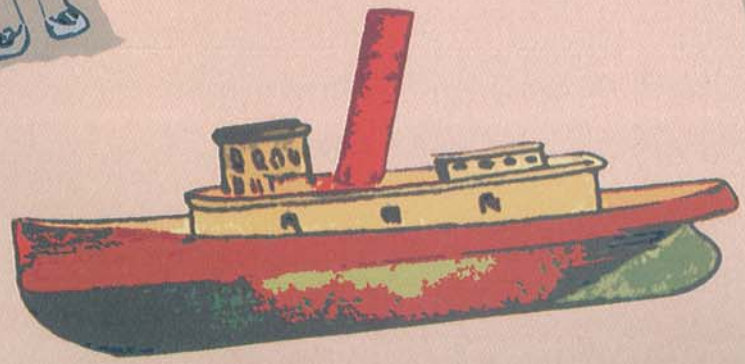
Escola Municipal "Jardim Novo I"
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP



FEMININ
de MENINA
Masculin
de Menin







ight © 2011 Márcia Leite
ight © 2011 das ilustrações Sônia Magalhães
ight © 2011 desta edição Casa da Palavra

os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610, de 19.2.1998.
oida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

r editorial **Pascoal Soto**
enação editorial **Tainã Bispo**
ltoria editorial **Januária Cristina Alves**[ISBI]

e produção editorial **Edições Jogo de Amarelinha**
o de textos **Ana Luiza Couto**
o gráfico **Estúdio Bogari**
ção **Sônia Magalhães**
isão de produção **Jairo Souza**

vro foi revisado seguindo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)
Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil.

Leite, Márcia
Feminina de menina, masculino de menino / Márcia Leite. – Rio de
: Casa da Palavra, 2011.
. color.

ISBN 978-85-7734-059-0

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Literatura brasileira.
o brasileiro. I. Título.

1 CDD 808.899282

da Palavra
ógeras, 6, sala 1.001, Rio de Janeiro, 20030-070
22223167 Fax: 21 22247461
@casadapalavra.com.br
asadapalavra.com.br

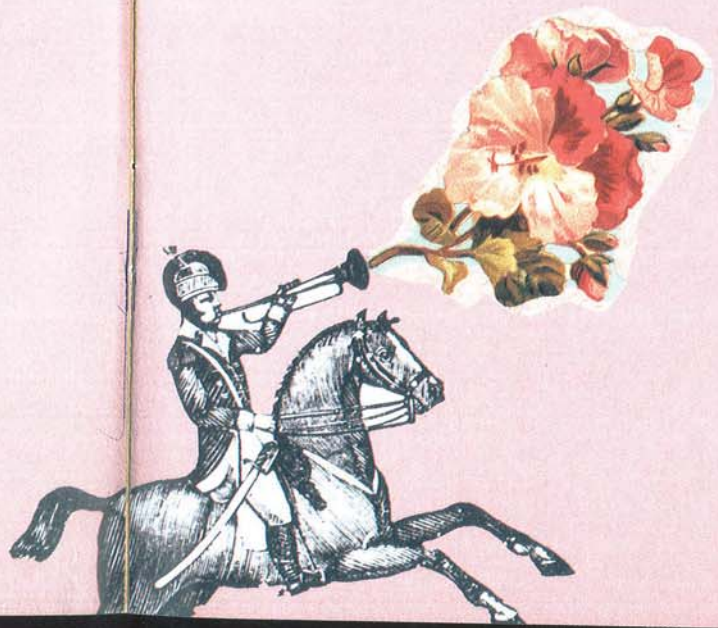
Márcia Leite

Feminina de menina
Masculino de menin



Ilustrações de Sônia Magalhães

Casa da Pala



Àqueles que são meninos ou m

Aos meus meninos Filipe e Le
meninas Júlia e Mariana.

E a todos os leitores crescidos
o olhar curioso e intrigado do
menina que um dia foram.

M DEVIA DIZER PARA AS MENINAS QUE ELAS
NCESAS DE VERDADE...

las acreditam que os meninos existem só por causa
aqueles príncipes bobos, que aparecem no final dessas
adas, só para salvar a princesa?





Alguém já pensou em contar para os menin
não são heróis de verdade?

Sabe o que eu ach

A verdade mais verdadeira é que os menino
conseguem bancar os heróis quando brincam
meninos menores que eles.

ter coragem de
inas que elas não
nais especiais do
mais bonitas. Nem
das. Nem as mais

coisa!

ser tudo isso e não

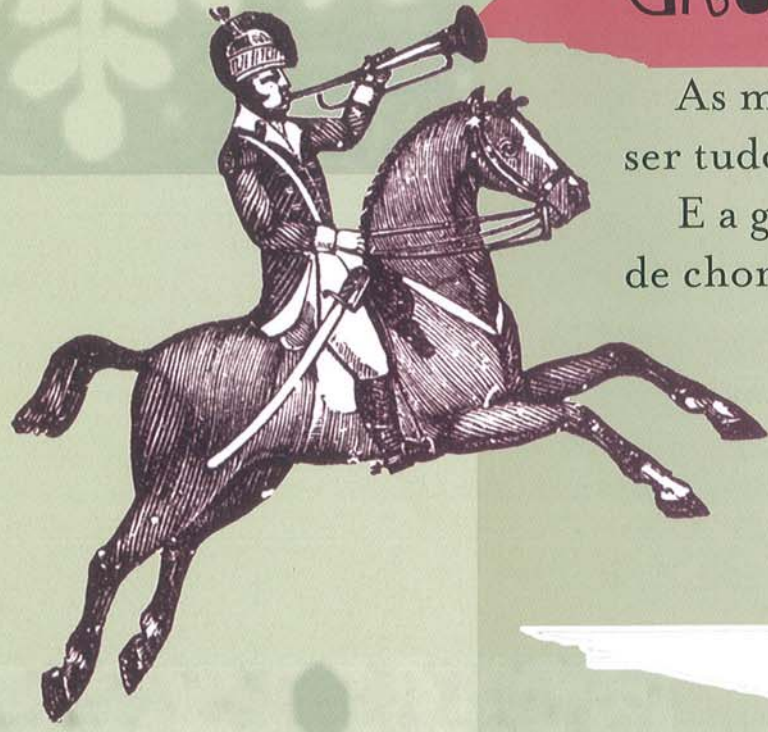


Alguém devia t
de dizer para esse
eles não precisam
que são corajosos,
espertos.

GRANDE

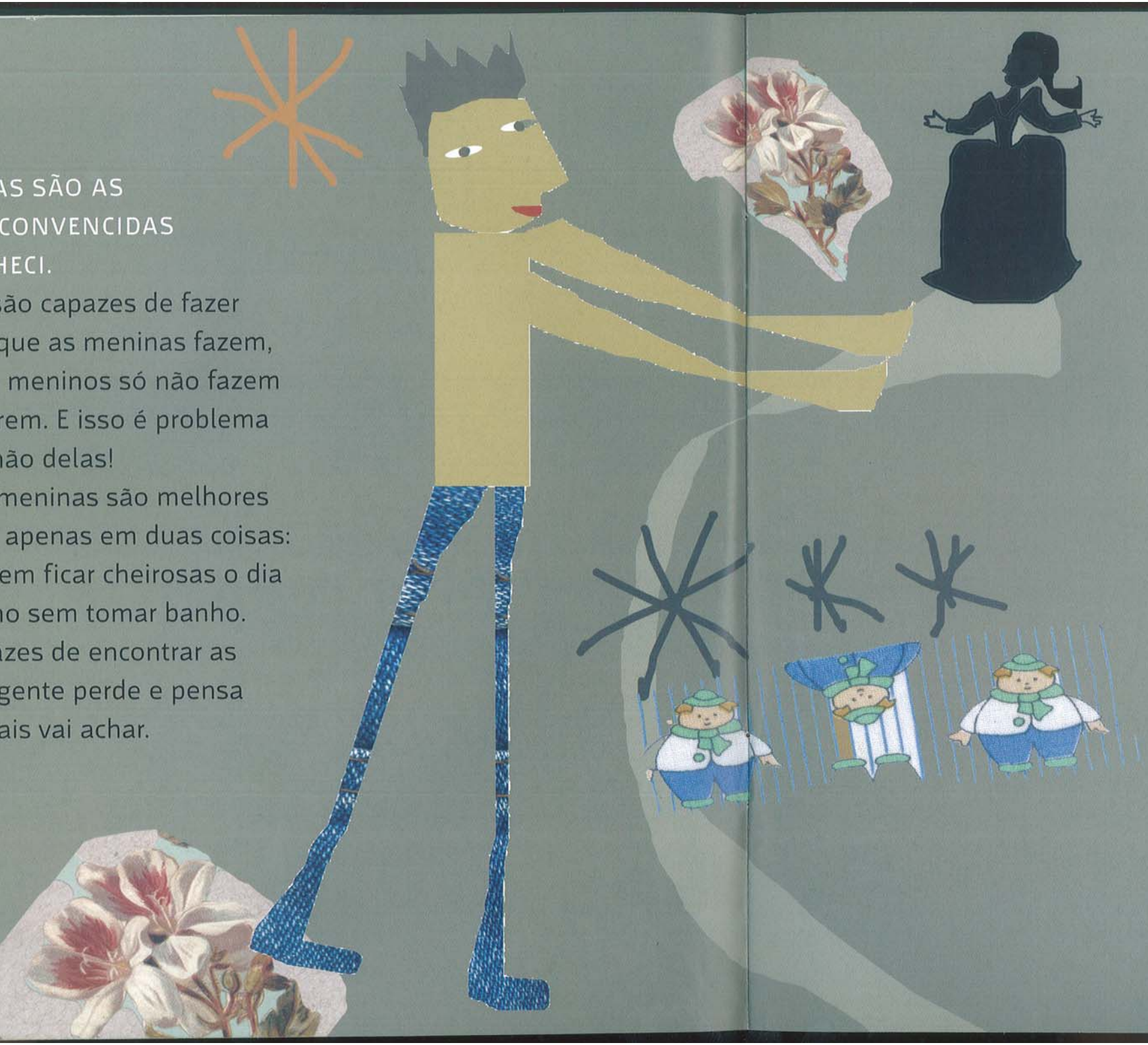
As meninas tam
ser tudo isso.

E a gente nem
de chorar na fren





AS SÃO AS
CONVENCIDAS
HECI.
são capazes de fazer
que as meninas fazem,
meninos só não fazem
rem. E isso é problema
não delas!
meninas são melhores
apenas em duas coisas:
em ficar cheirosas o dia
no sem tomar banho.
azes de encontrar as
gente perde e pensa
ais vai achar.



OS MENINOS SÃO
MUITO DO CONTRA. E
UMA COISA E FAZEM O

Eles dizem que meni
Mas quando um menin
feio, ele não chora? Cla

Eles dizem que a gen
por qualquer coisinha.
time de futebol dos me
o campeonato? Eles xin
choram, eles ficam de m

Eu acho que os meni
melhores que as menin
coisinhas:

- Eles não têm medo d
  nojentos.
- Eles conseguem faze



as meninas são
ofoqueiras... Alguém
enina que consiga
? Eu é que não!
nte quer que todo
pendo de algum
m vergonha de ser o
r, é só chamar uma
pra ela.

menta!

ACH
MENINOS SÃ
NERVOSINH

Eles não t
para explica
a gente não e
eles dizem d
vão logo dize
pra lá!". Mas
não entende
começam a x
acabam desis
que não tem

as meninas são seres

e tudo para nos
tem todos os truques
te muito, mas muito

meninas vão para um
olhando pra gente,
ando risada?

s convidam a gente
repente, por qualquer
que não querem mais?

s fecham os olhos,
nas e cantam

LÁ, LÁ"

r o que a gente está

a coisa mais irritante
a: muitas meninas!



OS MENI
PESSOAS MAI
QUE EXISTEM

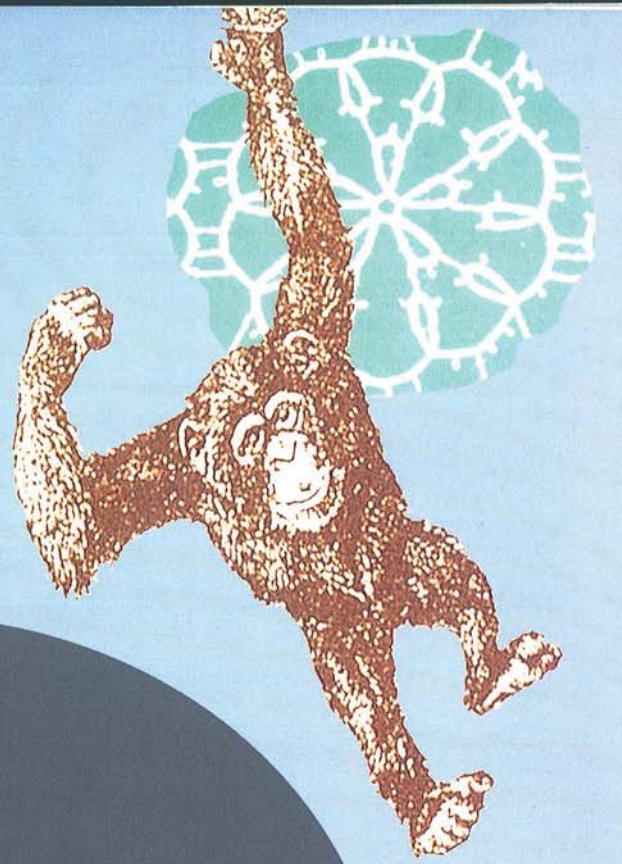
Eles arrota
todo mundo
meleca do na
na parede... L
boca na roupa
mastigam a co
cospem no pr

Os menino
inventam algu
bem asqueros
as meninas. E
quando a gen
nojo e grita.

R

AS SÃO UM TIPO DE GENTE MUITO DEDO-DURO...
nseguem fazer aquela cara de anjinho depois de acusar
stamente?
ltos, não sei por quê, sempre acreditam mais em uma
em um menino.





OS MENI
PENSAM QUE
ENGRAÇADO

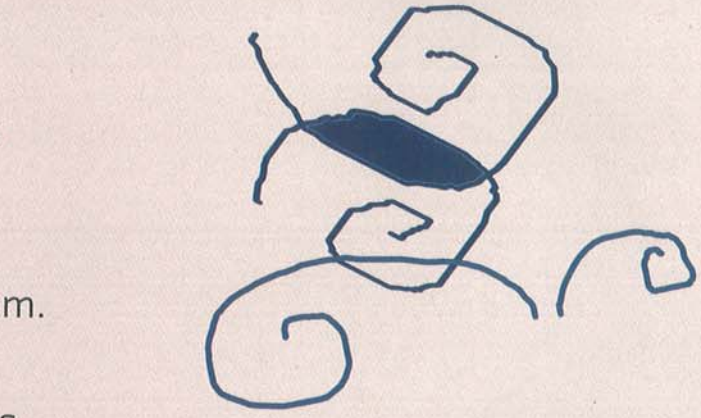
Eles vivem
de qualquer c
mesmo quand
graça nenhun
uns bobos.

Dá a maior
os meninos co
imitar as men
ficam ridícul
vozinha fina
mas se acham
engraçados...
uma menina
gracinha com
a coisa é difer
vermelhos de
abaixam os ol
até choram.



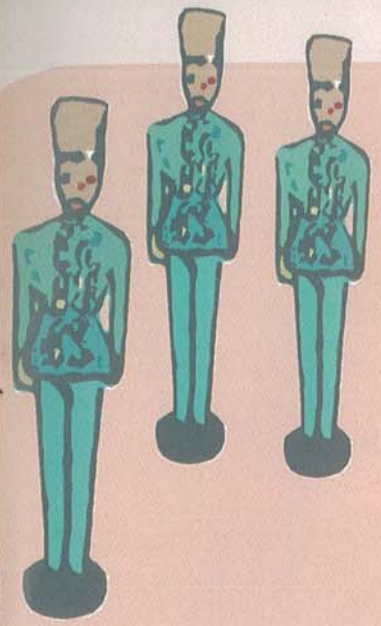
Escola Municipal " Jardim Novo I "
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP

UE AS MENINAS
S MAIS
MUNDO...
os meninos
s como eles
o delas está
delas está bom.
m a irritante
ar os meninos
de repente,
eram brincar
uando uma
um menino
ir se preparando.
mandam fazer
atas.
menino não
com menina!
pra aguentar









Menino É O SER VIVO
MAIS FOLGADO QUE EXISTE.

Quem é que vive esquecend
e depois fica pedindo empresta
meninos, claro...

Quem é que faz a maior bag
as brincadeiras e sempre dá un
depressa antes da hora da arru
meninos, é lógico!

Eu acho que os meninos são
mais folgados do planeta, muit
um bicho-preguiça...



lam que são vaidosas,
elas são umas frescas...
se ficar sem tomar banho
elos um dia?

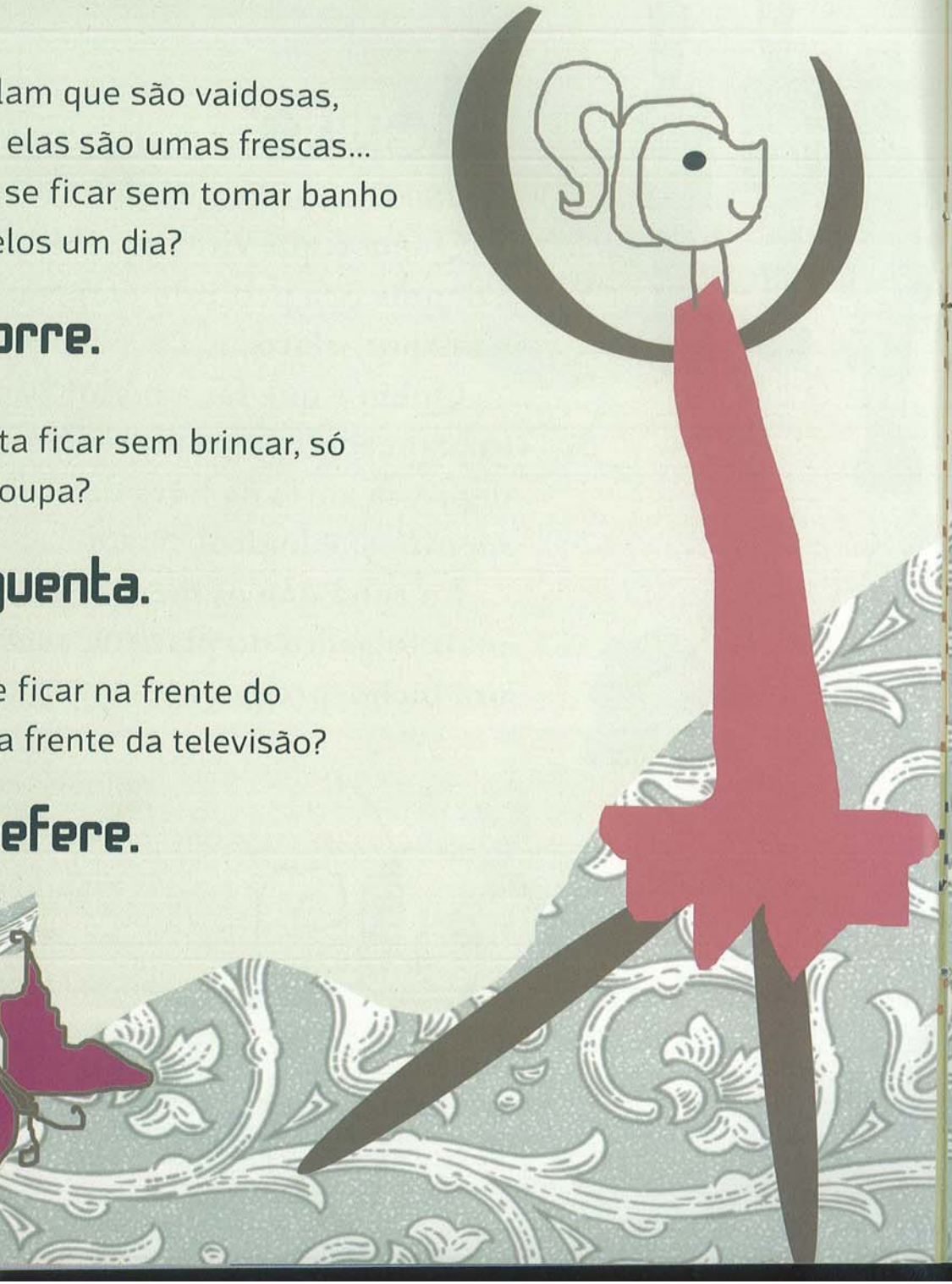
orre.

ta ficar sem brincar, só
oupa?

guenta.

e ficar na frente do
a frente da televisão?

efere.



OS MENINOS SÃO UM TIPO DE GENTE MUIT
Parece que eles escolhem a roupa de olhos fecha
combina com nada. Também parece que os menin
sabem que já inventaram o sabonete, o pente e a es





PROBLEMA DAS
ELAS SÃO MUITO

ias de lacinhos,
cor-de-rosinha,
orzinhas, tudo
madinho... tudo

Meninos

SÃO MUITO SELVA

Eles são muito d
de cabelo despente
virado, de palavrão
dizer, de machuca
de orelha suja, de
nas meninas...



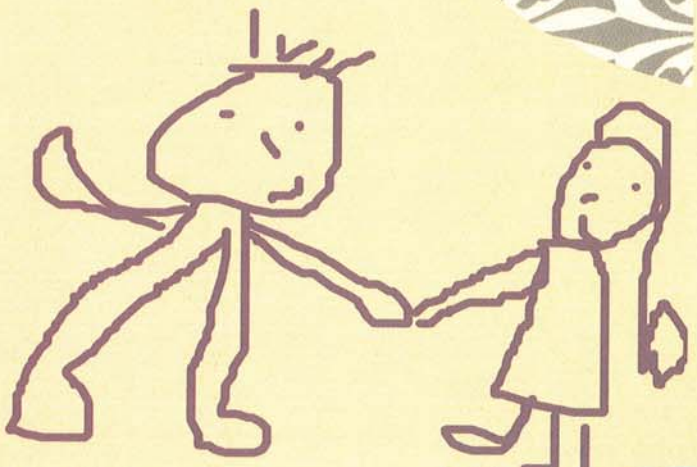


es os meninos
um pouco legais,

uando eles são
ncipalmente
com alguém para

uando, os meninos
norrer de rir das
es falam, dividem
gente, sentam do
saber por que a
ando...
uando eles

RECEM MENINOS...



Algumas vezes, só algumas vezes, eu acho as
pouco simpáticas...

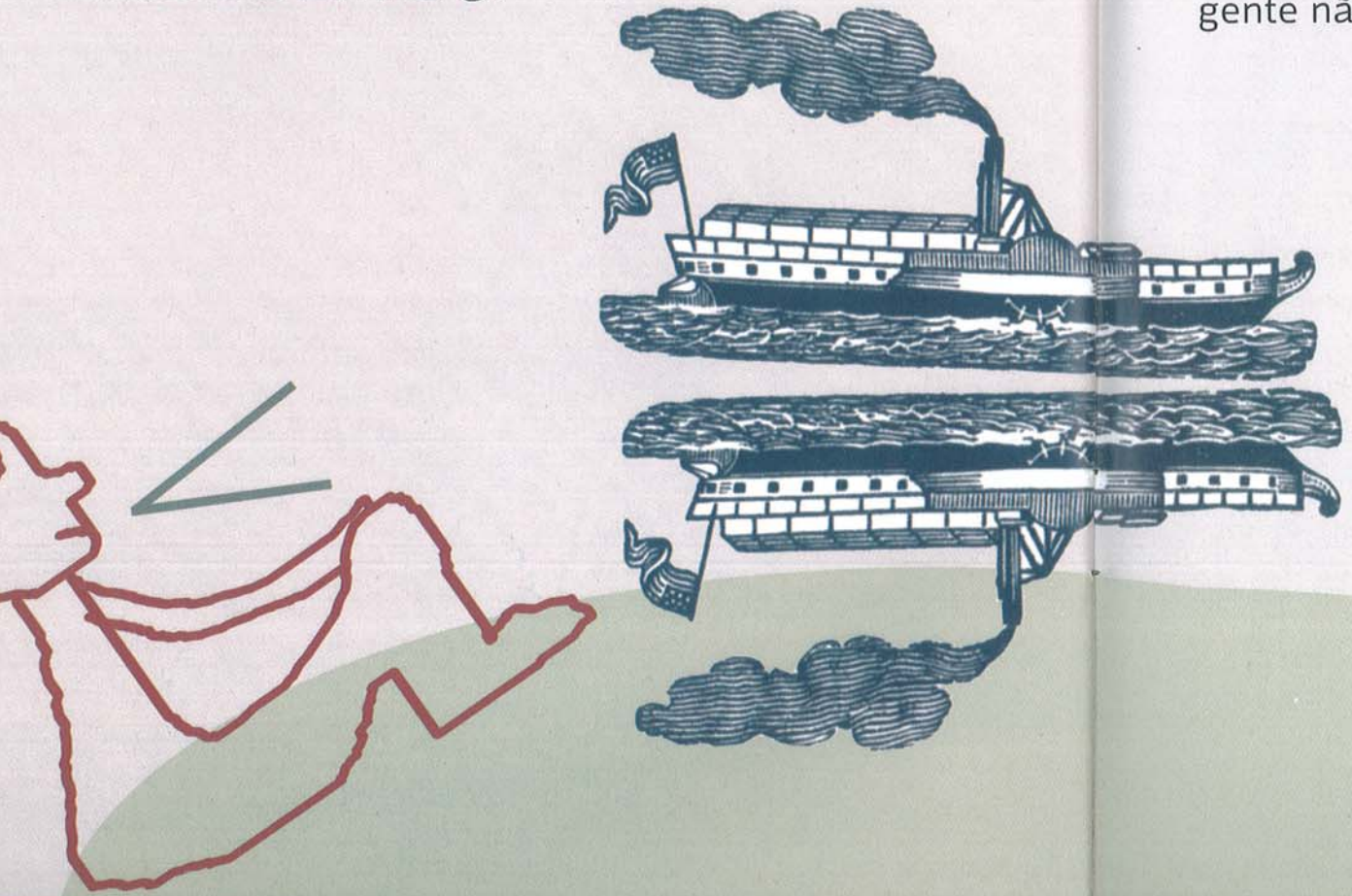
De vez em quando até que elas são engraçad
ajudam a gente com a lição de casa, emprestam
convidam pra festa de aniversário.

De vez em quando elas

nem parecem menina



ou confessar pra nenhum menino, mas
stissem o mundo ia ser uma chatice só.
ia ter de quem se queixar. A gente não
m brigar. A gente não ia ter de quem
.
dizem que não gostam dos meninos
muito diferentes da gente.
to **MASCULINOS**.



Eu acho que o mundo ia ficar muito sem graça se só
meninos... Mas as meninas não podem saber disso.

Se elas não existissem, a gente não ia ter ninguém p
A gente não ia ter de quem dar risada. A gente não teria
ficar imitando.

Meninas são bem diferentes dos meninos.

Elas são muito **Femininas**, acho que é p
gente não gosta delas.





Eu já expliquei por que
eu não gosto de meninos.

Bem,
MAS DE **UM** MENINO
EU GOSTO MUITO.

Esse segredo eu não conto
para ninguém. Nem para
minhas amigas! Meninas
são muito fofoqueiras!

Eu quero que as meninas
fiquem bem longe de mim.

Bom,
EU ATÉ QUE GOSTO QUANDO
UMA MENINA FICA PERTO DE
MIM. **SÓ UMA**.

Mas ela nunca vai ficar
sabendo. Não conto para ela,
muito menos para um menino.
Eles vão morrer de dar risada!



Márcia Leite

asci no século passado, no ano de 1960. Naquela
as meninas e os meninos não eram tão diferen-
que são hoje. Por exemplo: eu achava que meu
era muito nojento porque não tomava banho
o. Às vezes ele ligava a torneira do chuveiro e
va correr a água, sem se molhar, só para fingir
nha se lavado. O coitado achava que enganava
m! Outro exemplo: meu irmão me chamava de
da, só por que minha mãe vivia me elogiando
minhas notas e perguntando por que ele não
sim estudioso como eu.
epois que eu cresci, descobri que os homens e
lheres não são tão diferentes dos meninos e das
nas, e que a gente aprende a gostar das diferen-
a conviver muito bem com elas. E os meninos
em e aprendem a tomar banho direito!
uando meus filhos Filipe, Júlia e Mariana nas-
, tive a oportunidade preciosa de resgatar a me-
Márcia ao brincar com eles, ao conviver com o
fértil imaginário de cada um e, principalmen
contar-lhes histórias. Muitas histórias.

Quando eu era menina, gostava muito de ler,
que quando tinha um livro, uma enciclopédia ou
revista nas mãos, nem queria sair para brinca
meninos diziam que eu era uma boba. Depoi
cresci, o gosto pela leitura foi aumentando e ac
uma outra grande paixão: a escrita. Quando es
para crianças ou adolescentes, a menina Már
mesma que infernizava a vida de meus irmãos
brincava com meus filhos, hoje crescidos, apare
alguma forma nas minhas histórias.

Além de escrever, sou também editora e e
dora. Com o saldo de 25 anos como escritora, e m
livros publicados, imagino que um monte de me
e de meninas já leram ou vão ler alguma histór
eu escrevi. Essa alegria não tem preço, é como
aniversário todos os dias.

Sônia Magalhães

Araçatuba (SP), mas atualmente vivo e trabalho na ci-
Paulo.

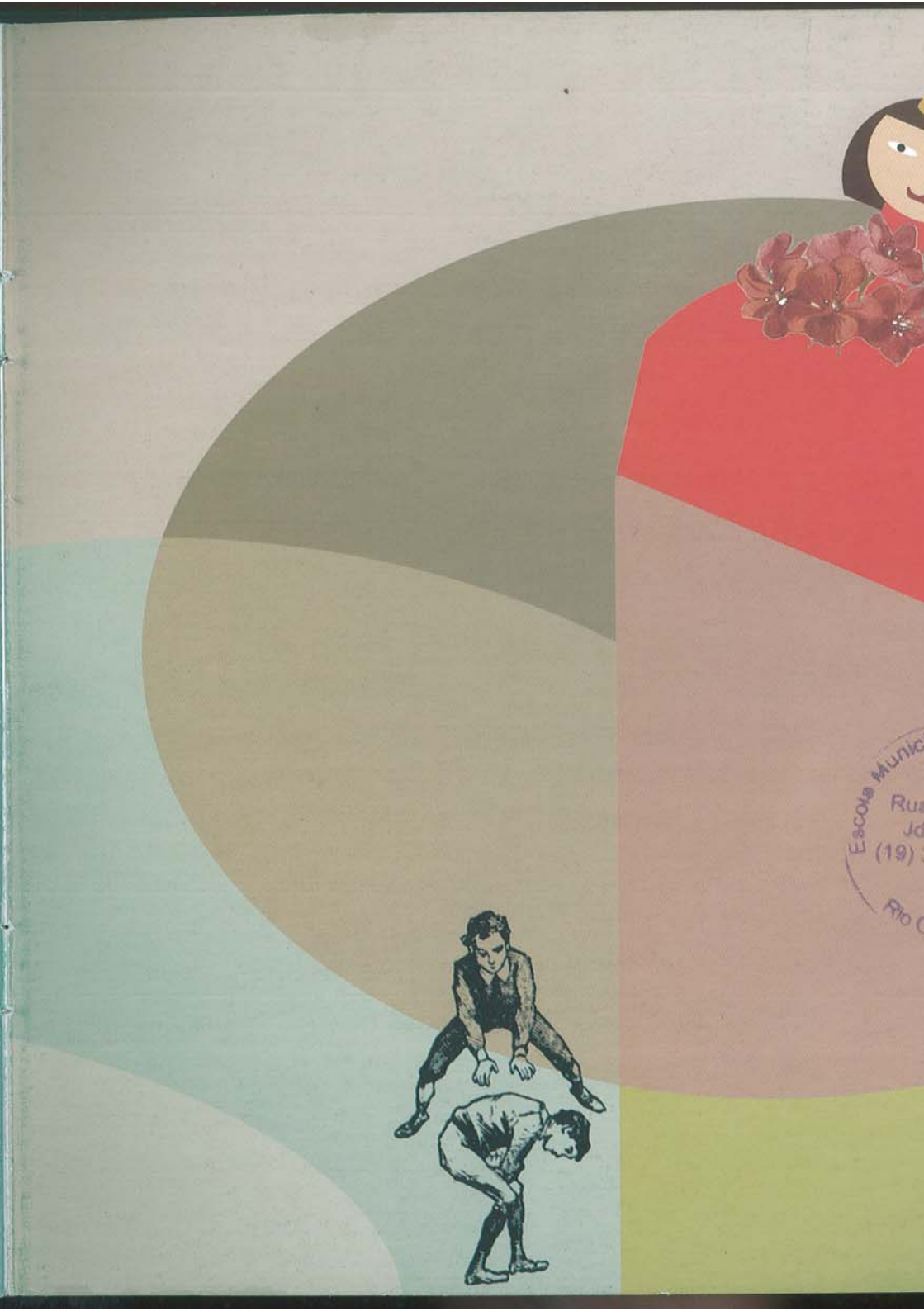
a Escola Superior de Artes Santa Marcelina. Trabalhei
de artes em escolas públicas e particulares, participei de
ivas em museus e centros culturais de São Paulo e assinei
adorias para exposições de arte na Universidade Federal
o, Minas Gerais.

a por tesouras desde criança, quando me dei conta estava
colando papéis profissionalmente. Minhas ilustrações
lizadas com essa técnica: a colagem.

ros ilustrados por mim receberam a menção Altamente
el da FNLIJ e foram incluídos no catálogo brasileiro para
vro Infantil de Bolonha, na Itália.

ro ***Feminina de menina, masculino de menino***, as ilus-
n concebidas procurando dialogar com o clima divertido
m imagens e colagens que remetem ao universo dos de-
tis.

recortar e de colar, gosto também de viajar, de ler, de ir
e árvores, de música e de chocolate.



a vez uma garota que gostava de palavras,
e palavrinhas e de... PALAVRÕES.
descobrir palavras novas. E se encantava com
as palavras que, sem mudar nada, ora diziam
ora, outra diferente. A família ia à loucura com
da menina de ficar colecionando e mastigando
palavras. E não tinha jeito... Era uma vez
então essa menina divertida. Mas, cuidado...
para ela não deixar você sem palavras!







ISBN 978-85-7292-231-9
9 788572 922319
90004971

Palavras, palavrinhas e PALAVRÕES
Ana Maria Machado
CHAMPAGNAT

Ana Maria Mach

Palavras

palavrinhas e







PALAVRÕ

CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

MENSAGEM AO LEITOR

fessores e Estudantes!

a obra faz parte do acervo formado por os títulos distribuídos às escolas públicas **Ministério da Educação** por meio do grama Nacional do Livro Didático para **abetização na Idade Certa**.

coleções devem ficar na **sala de aula** para das turmas do 1º ao 3º ano com objetivo de ar o processo de alfabetização e incentivar a mação de leitores.

esponsabilidade de todos **cuidar bem** deste para que dure bastante e várias pessoas sam aproveitar o material.

Boa leitura!

Palavras, palavrinhas e PALAVRÕES

Menção de Honra no Prêmio Apple – 1988
Instituto Jean Piaget, Genebra, Suíça



Ana Maria Machado

Ilustrações: Jótah

1ª edição

CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR
Curitiba – 2011

Copyright © Ana Maria Machado, 2011
Todos os direitos reservados à

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT

Rua Imaculada Conceição, 1155 – Prédio da Administração – 3º andar
Câmpus Curitiba – CEP 80215-901 – Curitiba – PR
Tel. (0-XX-41) 3271-1701 – Fax (0-XX-41) 3271-1435
E-mail: editora.champagnat@pucpr.br
Internet: www.editorachampagnat.pucpr.br

DIRETORA EDITORIAL
Silmara Sapiense Vespasiano
EDITORA
Ceciliany Alves
EDITORA ASSISTENTE
Flávia Muniz
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Lilia Pires
ASSISTENTE EDITORIAL
Tássia Regiane Silvestre de Oliveira
REVISORES
Adolfo José Facchini
Débora Andrade
Elvira Rocha
Maria Clara Barcellos Fontanella
COORDENADOR DE PRODUÇÃO EDITORIAL
Caio Leandro Rios
EDITORA DE ARTE
Andréia Crema
DIAGRAMAÇÃO, PROJETO GRÁFICO E CAPA
2 Estúdio Gráfico
GERENTE DE PRÉ-IMPRESSÃO
Reginaldo Soares Damasceno

Ana Maria Machado nasceu no Rio de Janeiro, formou-se em Letras e trabalhou como pintora, professora e jornalista antes de dedicar-se inteiramente à literatura infantil e juvenil. É autora de mais de 100 obras, publicadas em 19 países. Recebeu o prêmio Hans Christian Andersen em 2000. Em 2001 a Academia Brasileira de Letras lhe concedeu o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Foi eleita para a cadeira nº 1 da ABL em 2003.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Ana Maria, 1942 –
Palavras, palavrinhas e palavrões / Ana Maria Machado ; ilustrações Jótah. – 1. ed. – Curitiba : Editora Champagnat – PUC-PR, 2011.

ISBN 978-85-7292-231-9

1. Literatura infantojuvenil I. Jótah. II. Título.

11-00687 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Este livro foi publicado anteriormente pela Codecri (1981) e pela Quinteto (1986 e 1998).



vez uma menina que gostava muito de palavras.
querendo aprender palavras novas. Prestava atenção
uvia uma diferente. Queria reparar como é que se
der repetir depois. Para ela, todas eram interessantes:
médias e as grandes. As palavrinhas, as palavras
es.



os outros não achavam interessante. E, às vezes, nem
e entendia. Ou entendia os outros. Às vezes, ela ouvia
r umas palavras imensas e nem conseguia repetir
o no dia em que um homem falou na rua:

m paralelepípedo solto... Cuidado!



PARALELEPÍPEDO?

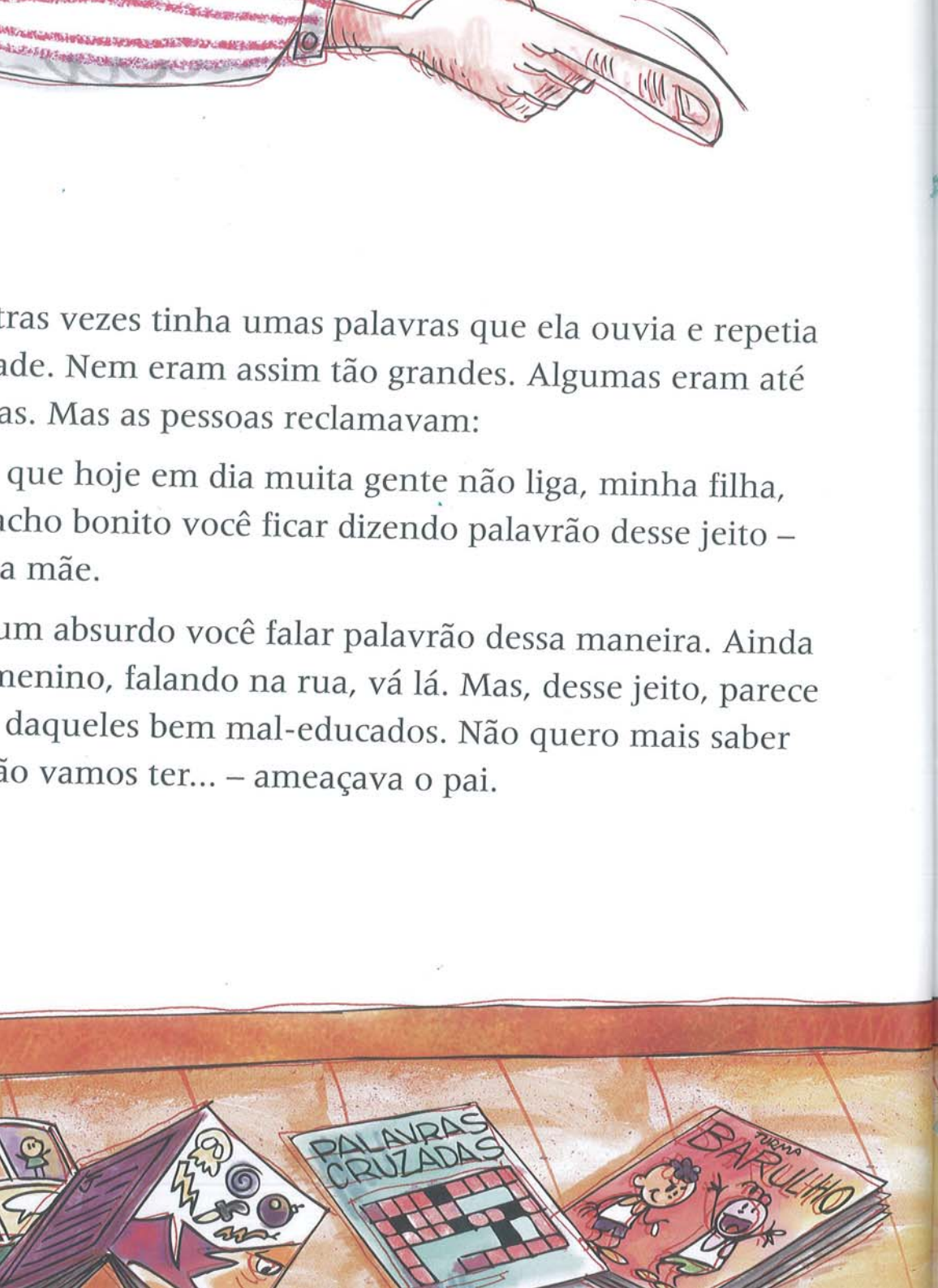
Mesmo com todo o cuidado, falando bem devagar, era difícil repetir. A língua dela se enrolava toda com um palavrão desse tamanho.



tras vezes tinha umas palavras que ela ouvia e repetia
ade. Nem eram assim tão grandes. Algumas eram até
as. Mas as pessoas reclamavam:

que hoje em dia muita gente não liga, minha filha,
acho bonito você ficar dizendo palavrão desse jeito –
a mãe.

um absurdo você falar palavrão dessa maneira. Ainda
menino, falando na rua, vá lá. Mas, desse jeito, parece
daqueles bem mal-educados. Não quero mais saber
ão vamos ter... – ameaçava o pai.



horror esta menina! – queixava-se o avô. – Vocês
mar providências, ela anda com um vocabulário

coisa feia, uma mocinha sujando a boca com esses
beludos... – zangava a avó.

na ficava ouvindo aquilo tudo sem entender direito.
podia haver palavrão cabeludo? E ela ficava
então palavrões enormes, maiores que uma baleia,
dos que um trem, e bem carecas. Palavras bigodudas.
barbudas.



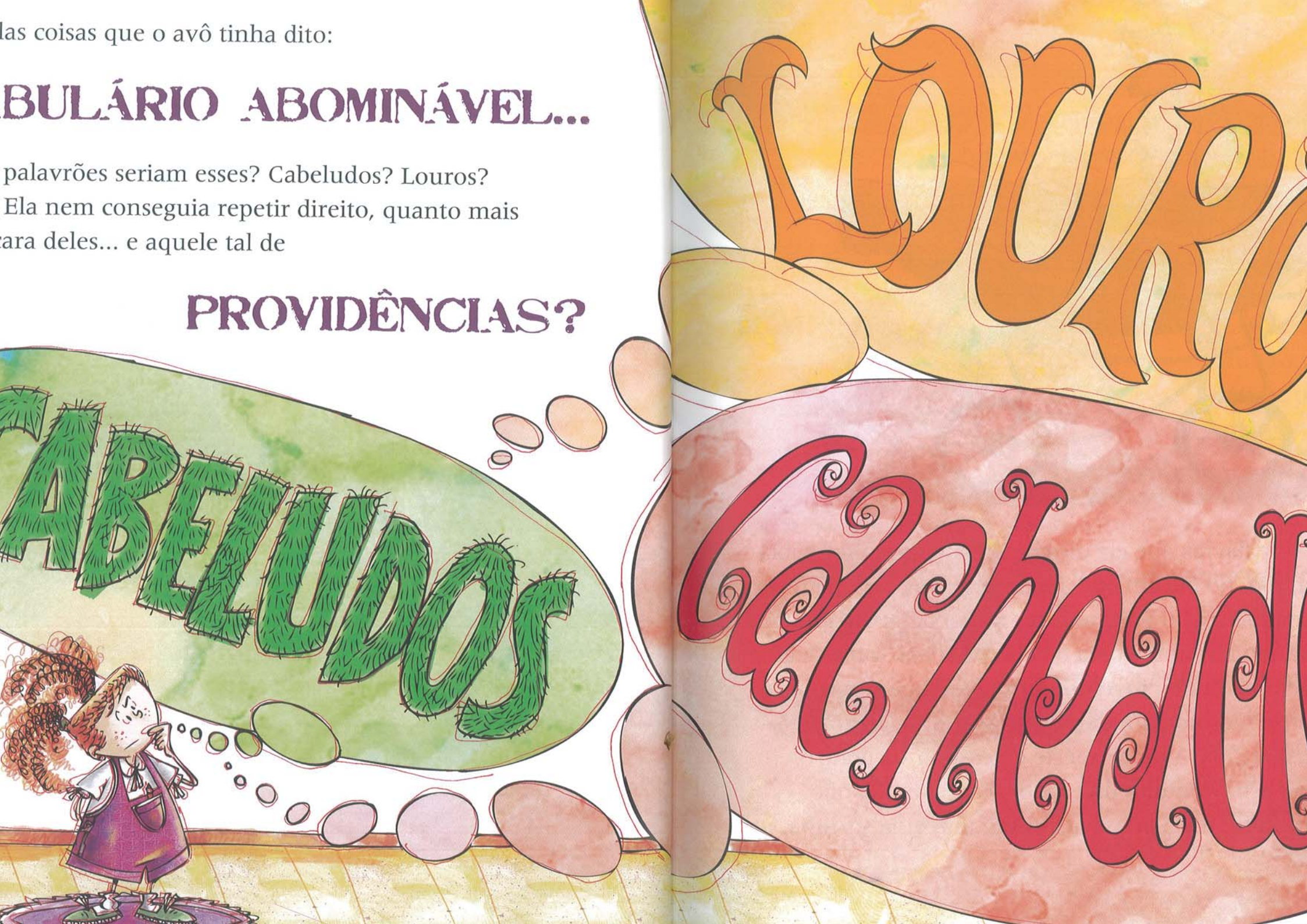


las coisas que o avô tinha dito:

BULÁRIO ABOMINÁVEL...

palavrões seriam esses? Cabeludos? Louros?
Ela nem conseguia repetir direito, quanto mais
ara deles... e aquele tal de

PROVIDÊNCIAS?





ambém palavras que ela mesma inventava, e nem sabia
r exemplo, no dia em que a mãe explicou para ela que
guda daquele jeito porque ia ter um neném, a menina
naginando um nome para o bebê. Mas não sabia se ia
ou menina. Então, inventou um nome que servia para
n. Servia mesmo para qualquer coisa. Era Cusfosfós.
so de dizer, dava uma espécie de cosquinha dentro
menina achava muito divertido. Mas a família não
a engraçado. E ela pensava em voz alta e ria sozinha,
lhada:

– Já imaginaram? Quando
brincar na pracinha, todo mund
o nome. Aí a babá vai di
todo mundo vai cai
E na escola, qu
hora da chamad
chamar C
mundo v
e ficar o
quem
presente. E na h
e namora



O pai
muito preocupado
conversa de C
Cusfosfós pra
que ela estava xingand
que ainda ner
Mas a me
Falou em Cusfo
até cansar.
parou. E mu

ní ela já estava preocupada com outras coisas. Todos
nto dos palavrões que ela dizia, mas tanto mesmo, que
descobrir de uma vez por todas o que era afinal essa
palavrão. O avô um dia explicou que eram palavras

BLICÁVEIS.



– E que

– Isso c

– Esse
você acaba
não consigo

– Impu

– É...

– Isso n

Essa nã
palavra dess
não é palavr
outras tão n
ser? O avô c

– Imp
quer dizer
pode pub
pode ser esc
em jornal, e



E explicou que eram
palavras que nas histórias em
quadrinhos saíam assim:



A menina achou muito gozado isso de não
escrever palavrão. Será que tinha uma borrach
indo atrás do lápis ou da caneta, apagando qua
gente tentasse escrever? Vai ver era por isso qu
podia. Ou, então, eram palavras mágicas, que
histórias, que faziam as letras desaparecerem e
aqueles sinaizinhos malucos... Foi até o quarto
um pedaço de papel e lápis de várias cores. Esc
todas as palavras que viviam dizendo que era p
Pelo menos, todas as que ela conseguiu lembra
todas escritas direitinho. E não apagaram. Que
pode experimentar fazer uma lista dessas para
palavrões ficam ou somem.

coisa que a
entendia
ue algumas
vezes são
outras vezes
ncipalmente
cho, tinha uma
na vezes que ela dizia
á vinha alguém dizendo
vrão. Mas, um dia,
m à feira, a mãe mostrou
cheio de pintinhos:

que amor, minha filha...

é?

lha. Um monte de pintos.

não é palavrão?

ra, não.

mente, não dava para entender. Como é que as
em ser iguaizinhas e ficar maiores ou menores
do lugar onde a gente está?







a mãe explicou que palavrão é uma espécie de
que não tem nada a ver com o tamanho da palavra:

emplo, minha filha, quando você andava com a mania
do mundo de bunda-mole...

que eu estivesse pensando numa bunda pequenininha?
ser bunda-mole, mas daquelas bem miudinhas...

lquer jeito, é xingamento, é palavrão.

ina é palavrão?

ue ideia...

– Treme à toa, que nem bunda-mole.

– Mas gelatina é comida, não é xingamento.

– Peru também.

– Ai, meu Deus! – suspirou a mãe. – Tem hor
faz perder a paciência...

A menina continuava:

– Todo mundo lá no colégio falava *bunda-*

E a mãe:

– Então todo mundo era feio.

na bem que pensou que ninguém fica feio por
avras. Mas não disse isso. Disse foi outra coisa em
estava pensando:

dia eu disse que teve uma bruta festa no
ocê falou que era palavrão. Não sei por quê.
a xingando nada, estava era gostando.

i bem *bruta* que você disse.

foi *bruta*, foi quase igual.

, do jeito que você disse agora, não faz mal.

que podia fazer mal? Feito uma
da que a gente come e depois fica
arriga? Palavra pode deixar alguém
o, ela lembrou de outra coisa:

e dia que papai xingou o síndico de imbecil
ntal, era palavrão?

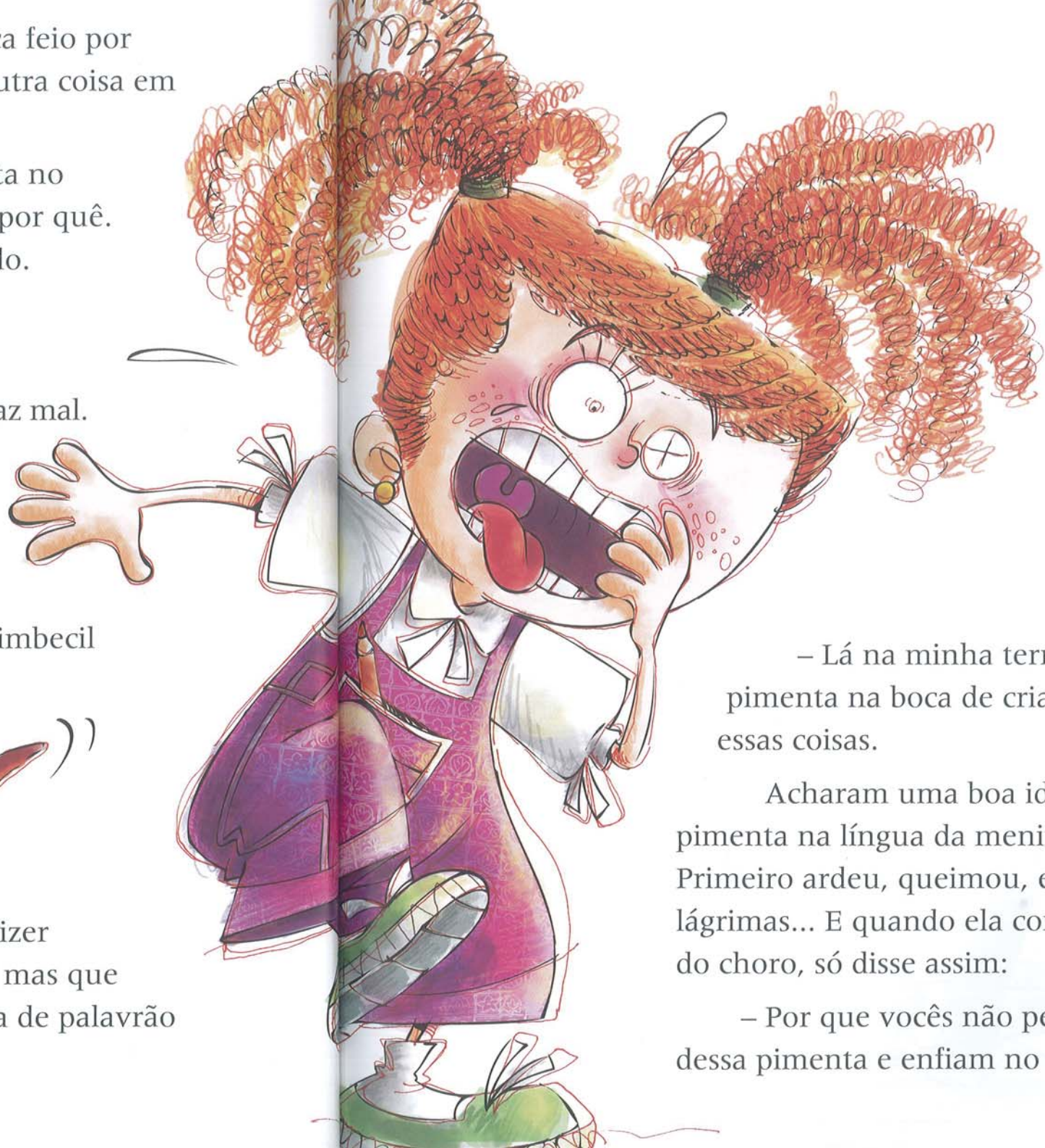
mbecilidade é doença.

ntendo.

pra lá.

difícil deixar pra lá.

um dia, quando tinha acabado de dizer
nha bem pequena, só de duas letras, mas que
te uma daquelas que a avó chamava de palavrão
empregada aconselhou:



– Lá na minha terra, a ge
pimenta na boca de criança qu
essas coisas.

Acharam uma boa ideia. E
pimenta na língua da menina. Foi
Primeiro ardeu, queimou, encheu
lágrimas... E quando ela conseguiu
do choro, só disse assim:

– Por que vocês não pegam e
dessa pimenta e enfiam no

deus nos acuda. Fizeram um escândalo enorme e
evar a menina ao doutor para resolver o problema
por todas.

instante em que entrou na clínica, ela foi ficando
upada. Nunca tinha visto tanto palavrão enorme junto
Tinha uma placa com um nome de médico e embaixo
o **OTORRINOLARINGOLOGISTA**.



Na sala onde os pais entraram com ela estava

ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGIC



E mais: **FONOAUD**
Ela foi ficando assusta
nem para ler direito es
Nem que treinasse a vi
ia nunca conseguir diz
Pelo menos, era o que
palavras maiores do qu

uvindo uns pedaços da conversa dos pais com
nha cada coisa assim:



E mais uma porção de
menina tinha certeza
ia poder dizer direito s
atrapalhada. Aí foi dar
nela, um desespero, u
chorar. Para que é que
ela naquele lugar? Ser
ela aprender de uma v
Para ver que não adian
a ficar repetindo tudo
porque não ia consegu
Ficou achando que ia
língua se experimenta
nunquinha que ia ace
então ficar bem boazin
mais, não falar coisa n
não correr o risco de d
devia, levar pimenta n
por cima ter que repet
palavrões da clínica.

Bem que o douto
com ela, até com um j
Mas não adiantou. Ela
nada. É que, quando
coisa, era pra valer.

e o doutor desistiram e deixaram para conversar com
Só que não conseguiram. A menina não falava mais
cava, até ria, mas não falava.

sava muito. Pensava coisas que talvez não
xplicar direito, mesmo se conseguisse falar. Pensava
gostava dela. Pensava que os pais preferiam que ela
nino, para poder ser moleque de rua e dizer todos os
e soubesse. Pensava que ninguém queria saber dela,
a boca suja e cabeluda. Pensava que iam mandar
embora. Ou deixar que ela ficasse para trás, perdida
gar. E, principalmente, pensava que era por isso tudo
nha um neném novo na barriga, um menino para
dela e todo mundo poder gostar dele, bem moleque.

o ia passando e a família tentava conversar com ela.
ntava:



– Como é, meu bem, já resolveu deixar de ser

Nada.

O pai propunha:

– Vamos ter uma conversa séria, e você conta

papai por que fica nessa i

se recusando a falar.

A mãe implorava:

– Filhinha, pelo ar

não faça uma coisa des

mãe, eu não mereço is

tudo o que fiz por você

todos... Ainda mais no

que estou... Esta menin

desalmada.

Ela até que ia resp

ainda bem que a mãe

desalmada. Porque

ficou sem saber se isso

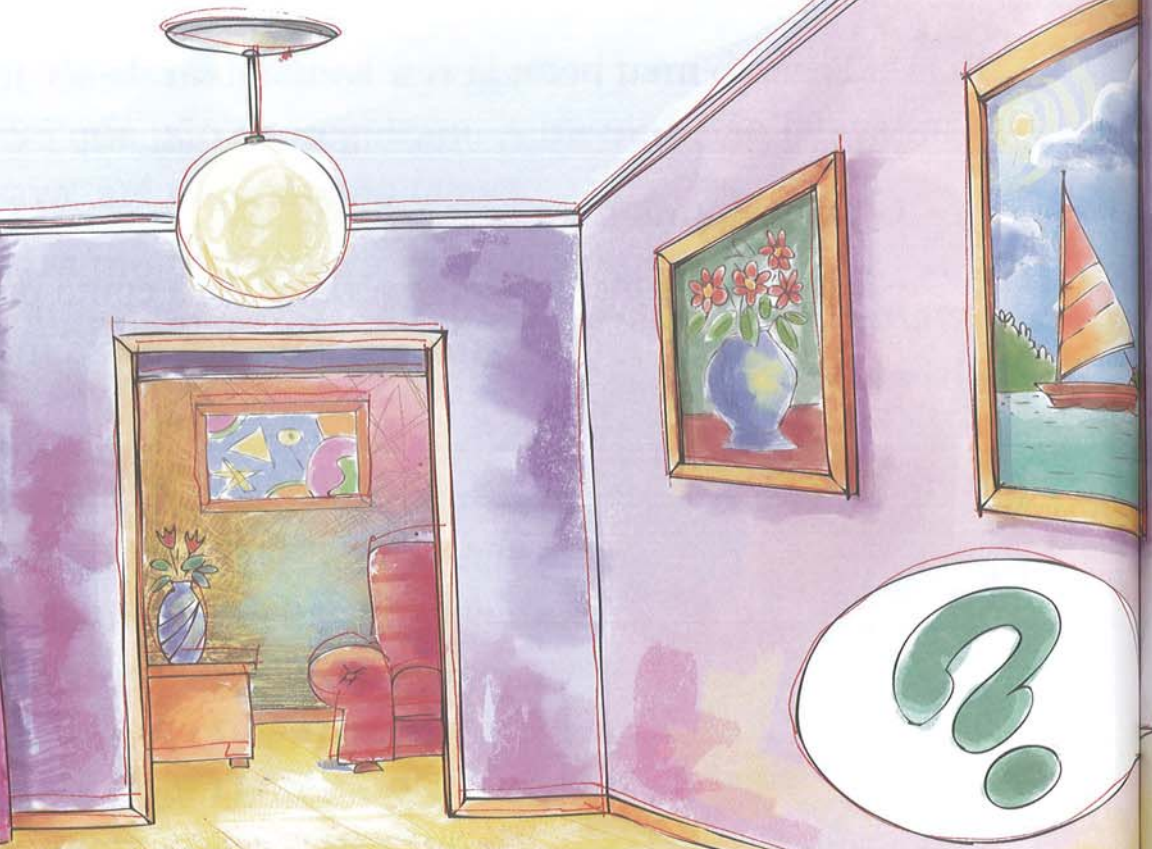
e preferiu continu

mesmo achar

ser só uma

palavrinha

não estari



espondeu nada.

conselhava:

ficam estragando essa menina com vontades, dá nisso.
po, não tinha essas psicologias. Mas com uma boa
o, num instante ela ficava boa. E tem mais. Acho que
lar com os outros, ninguém devia falar com ela.

na ficou ainda mais assustada. Se ninguém falasse
nesmo é que nunca ia aprender o que podia dizer.
se ficassem sem falar com ela, só podia ser mesmo
gostavam dela.

Até que um dia, c
acordou, achou a casa
Não tinha ninguém no
pais. Nem na sala. Na
empregada cumprimen

– Bom-dia, dona
O pessoal foi todo para
Chegou a hora do nen

Então era isso. Va
quando o neném nasc
vão todas embora e de
filha para trás. Tinha c
dela. Será que era isso
deu tempo para pensa
O telefone tocou. A em
atendeu e depois volto

– Já nasceu, foi tu
mãe está boa, a nenén
É uma menina. Seu pa
que amanhã você vai
para conhecer a irmãz
dela vai ser Lúcia.



, então ela
nto ver... Ninguém
do ela para trás,
or enquanto. E uma
ótimo!... Quem sabe
com ela um dia. Mas
Cusfosfós, lá isso ia...

No dia seg
a avó passou pa
menina, ela já e
tomado, cheiro
há um tempão,
como é que ia s

A maternidade até parecia a clínic
grande e claro. De vez em quando uma
palavrões. **OBSTETRÍCIA** era um
reparou muito, porque viu que tinha u
portas e em quase todas tinha um sapa
pendurado. Até que a avó dela parou e
uma porta, que tinha o número 36, un
cor-de-rosa e o nome Lúcia. A menina
depois ia dar um jeito de escrever Cus
era muito alto e não ia ser nada fácil al



.

tava recostada numa cama, sem aquele barrigão,
sentado perto. Todos felizes, pegaram a menina
aram, beijaram, fizeram carinho:

udade da minha linda...

emos duas garotas maravilhosas.

vilhosa parecia um palavrão, grande assim. Mas
palavrinha. Os pais estavam dizendo aquilo tão
isos... E ela até achava que ia conseguir repetir,

m já está vindo.

esmo. Tão pequenininha, quase careca, de olhos
etinha, no colo da enfermeira. Aí a mãe pôs a
lo e o pai segurou a menina. De repente, ela

egar sua irmã no colo?

a teve uma sensação tão
RAVILHOSA, pensou)
u que sim. Sem falar,
eça e um sorriso.







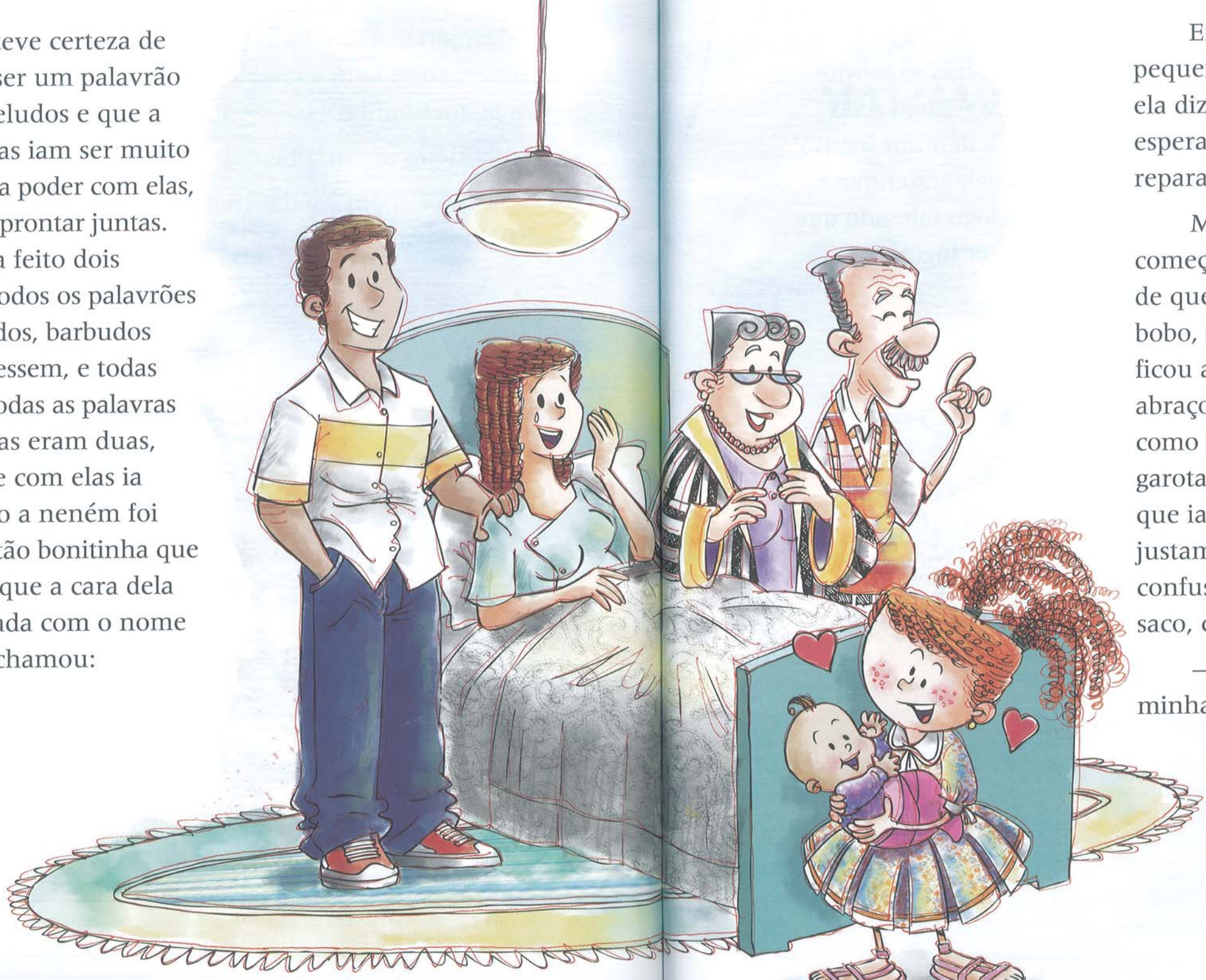
E quando a neném estava no colo dela, de rep
os olhos, abriu bem a boca e começou a gritar uma
bem pequenininha:

– Nhém, nhém, nhém, nhém!...

– Esta neném vai dar trabalho – disse a avó. –
ver doidos com essas duas.



ina teve certeza de
via ser um palavrão
cabeludos e que a
a. Elas iam ser muito
ém ia poder com elas,
am aprontar juntas.
a rua feito dois
zer todos os palavrões
odudos, barbudos
quisessem, e todas
, e todas as palavras
ra elas eram duas,
tesse com elas ia
ando a neném foi
cou tão bonitinha que
sou que a cara dela
va nada com o nome
. E chamou:



Eram duas pa
pequenininhas, as
ela dizia em tanto
esperança de que
reparasse na novi

Mas foi um a
começaram a rir,
de que *bom!*, a fa
bobo, a mãe até ch
ficou a família toc
abraços e apertuc
como se nunca tiv
garota falando. Ela
que ia mesmo fala
justamente reclam
confusão já estava
saco, quando o pa

– Você está s
minha filha?

ou que estava, apesar de tudo. Afinal, agora
indo que não ia ser largada para trás só porque
as enxergam cabelo nas palavras. Ouviu todo
nhém-nhém, olhou para a irmã, deu um sorriso
e resolveu responder com um palavrão novo e
que era para todo mundo ficar logo sabendo que
te aquela dupla de meninas ia ser fogo:



MARAVILHOSAMENTE





Palavras da autora
ANA MARIA MACHADO

palavras, de todos os tamanhos. Elas é que fazem gente
bicho, poder contar o que aconteceu há muito tempo
Com elas, dá para amar, brigar, fazer as pazes, lembrar
nhar o que não aconteceu, distrair os amigos, dividir
n os outros, contar histórias e piadas, ensinar, aprender,
a coisa!

e mania de palavra e de história, desde criança. Escrevi
rtas, dei aulas, fui jornalista e tantas fiz que virei escritora.
em livros publicados, que ganharam muitos prêmios e,
me fizeram ganhar muitos leitores e amigos. Como você,
ica que acaba de fazer este livro ganhar vida. Porque, sem
icava só guardado nas palavras do papel.

com a chegada desta história às suas mãos agora, de cara
da editora Champagnat. Este é um livro de muita sorte,
e ótimas ilustrações – desde 1981, com Rico Lins, com um
parte de exposições na Europa e no Brasil. Imagens que
alavras. De todos os tamanhos.



Arquivo pessoal

Palavras do ilustrador
JÓTAH

Sou ilustrador de livros infantis e colaborador de a
principais editoras do país.

Meu traço procura estimular a imaginação dos leit
presente em diversas obras literárias, algumas premiada
autores consagrados, como esta, *Palavras, palavrinhas e p*
de Ana Maria Machado.

Também participei de importantes realizações do
televisão, entre elas, o programa Rá Tim Bum, exibido p

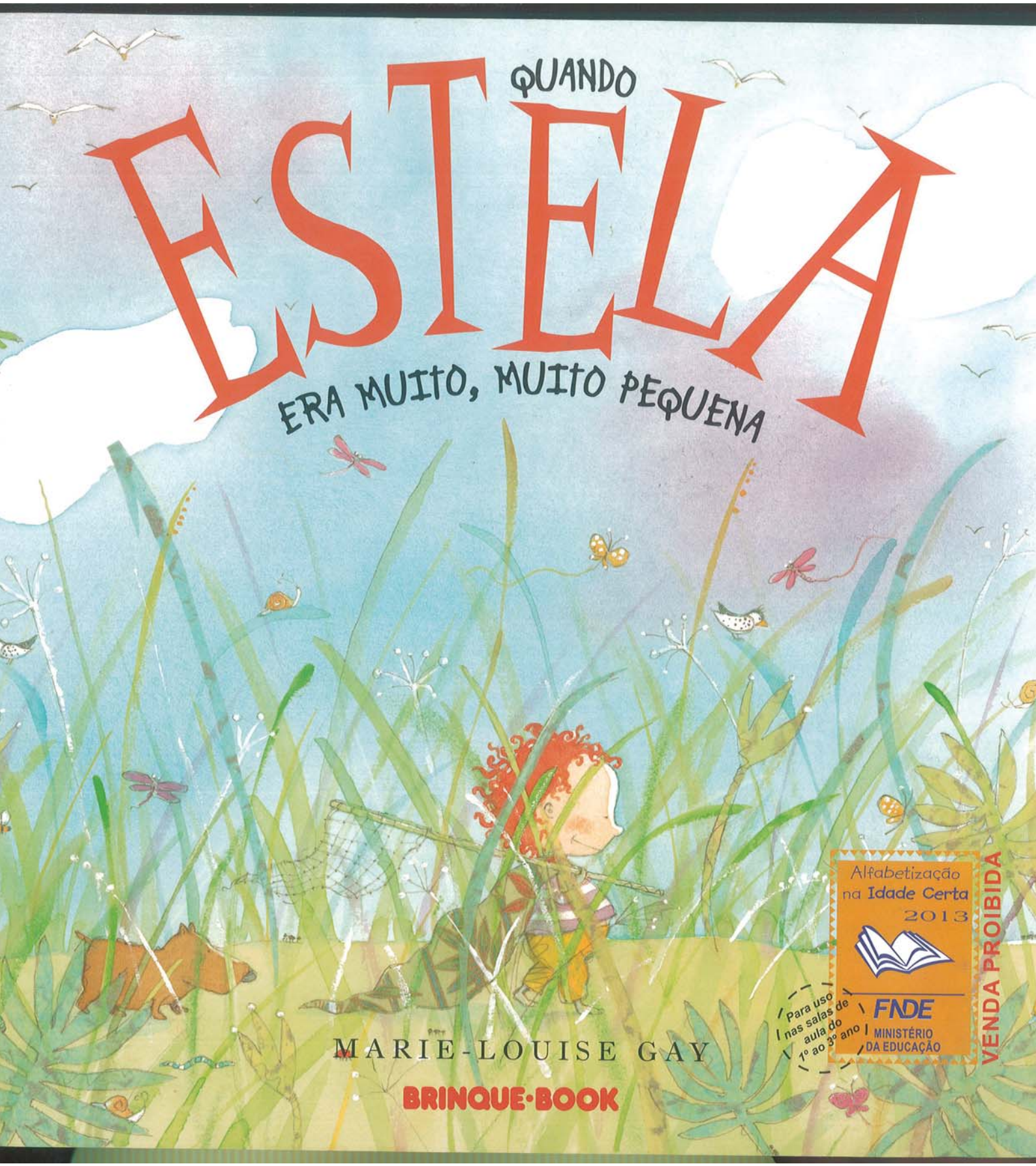
Recentemente fui homenageado pela prefeitura d
através da Secretaria de Saúde, e pelo Comitê Betinho
do Santander/Banespa. Meu nome está presente em do
permanentes, as Brinquedotecas Jótah, onde podem se
todos os meus trabalhos.



Jardim Novo!
50
-
295

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
Avenida Antonio Bardella, 300

QUANDO ESTELA ERA MUITO, MUITO PEQUENA



Alfabetização na Idade Certa 2013
FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Para uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano
VENDA PROIBIDA

MARIE-LOUISE GAY

BRINQUE-BOOK

Professores e Estudantes!

Esta obra faz parte do acervo formado por vários títulos distribuídos às escolas públicas pelo **Ministério da Educação** por meio do Programa Nacional do Livro Didático para **Alfabetização na Idade Certa.**

As coleções devem ficar na **sala de aula** para uso das turmas do 1º ao 3º ano com objetivo de apoiar o processo de alfabetização e incentivar a formação de leitores.

É responsabilidade de todos **cuidar bem** deste livro para que dure bastante e várias pessoas possam aproveitar o material

Boa leitura!

EM "JARDIM NOVO I"
TOMBO Nº 3224
ORIGEM SME
DATA 27/08/13

Escola Municipal "Jardim Novo I"
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP

QUANDO ESTELA ERA MUITO, MUITO PEQUENA



MARIE-LOUISE GAY

TRADUÇÃO: GILDA DE AQUINO

4ª REIMPRESSÃO

BRINQUE-BOOK

PUBLICADO ORIGINALMENTE NO CANADÁ POR
GROUNDWOOD BOOKS LTD. EM 2009 SOB O TÍTULO
WHEN STELLA WAS VERY, VERY SMALL

COPYRIGHT DO TEXTO E DAS ILUSTRAÇÕES © MARIE-LOUISE GAY 2009

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

TRADUÇÃO: GILDA DE AQUINO
REVISÃO: FÁTIMA COUTO E KARINA DANZA
DIAGRAMAÇÃO: FITZ! STUDIO+DESIGN

REIMPRESSO EM NOVEMBRO DE 2012

DIREITOS RESERVADOS PARA TODO O TERRITÓRIO NACIONAL PELA
BRINQUE-BOOK EDITORA DE LIVROS LTDA.
RUA MOURATO COELHO, 1215 – VILA MADALENA – 05417-012
SÃO PAULO – SP – BRASIL – TEL./FAX: (11) 3032-6436
WWW.BRINQUEBOOK.COM.BR – BRINQUEBOOK@BRINQUEBOOK.COM.BR



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DE EDITORES DE LIVROS, RJ

G247Q
GAY, MARIE-LOUISE, 1952-

QUANDO ESTELA ERA MUITO, MUITO PEQUENA / [TEXTO E ILUSTRAÇÃO] MARIE-LOUISE GAY ; TRADUÇÃO GILDA DE AQUINO. – SÃO PAULO : BRINQUE-BOOK, 2010. IL.

TRADUÇÃO DE: WHEN STELLA WAS VERY, VERY SMALL.

ISBN 978-85-7412-292-2

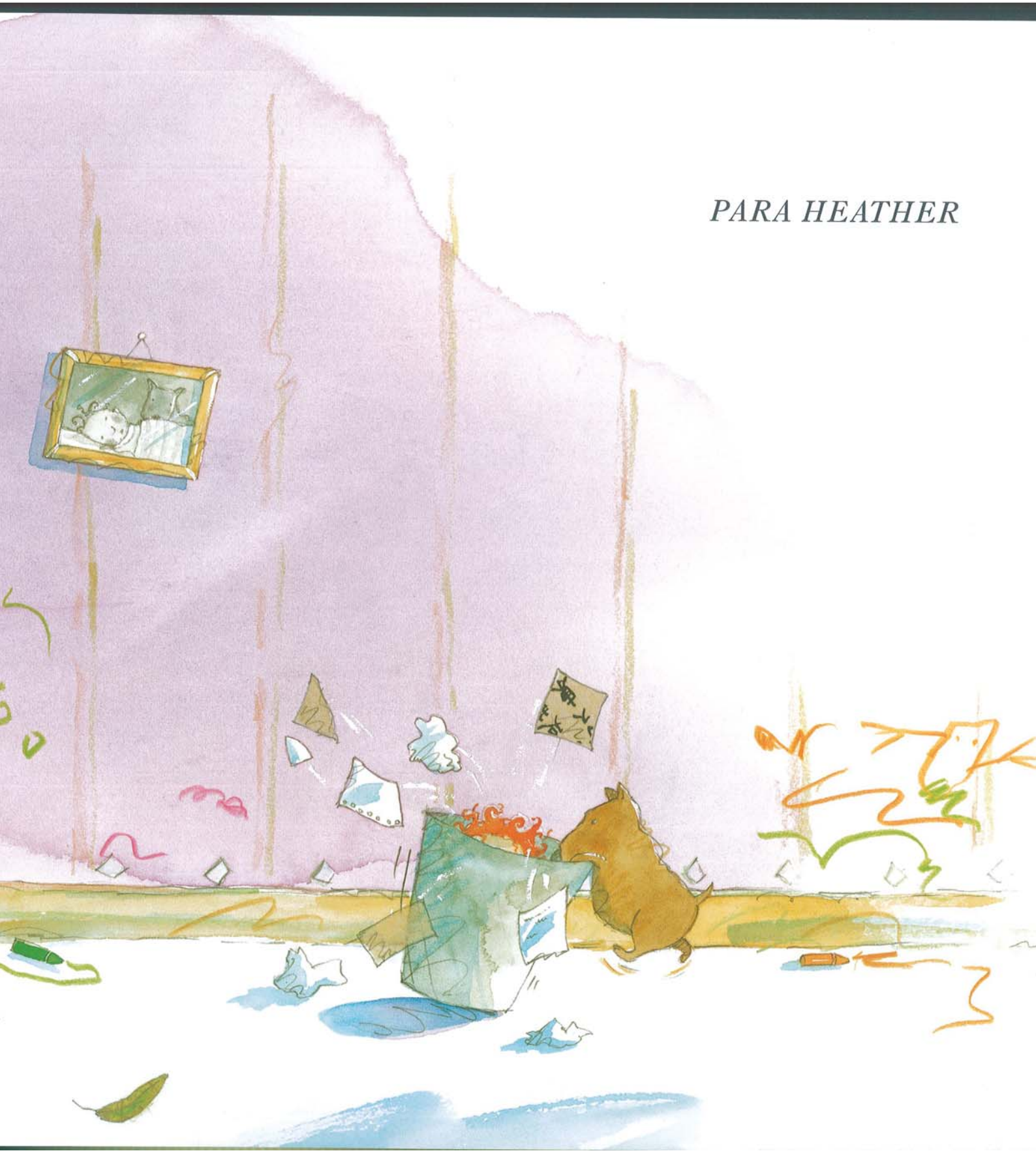
1. LITERATURA INFANTOJUVENIL I. AQUINO, GILDA, 1935-. II. TÍTULO.

09-5629 CDD:028.5
CDU:087.5

28.10.09 04.11.09 016002



PARA HEATHER





QUANDO ESTELA ERA MUITO, MUITO PEQUENA,
ELA ACHAVA QUE ERA UMA TARTARUGA.



DEPOIS, ACHOU QUE ERA UM PEIXINHO-DOURADO...



... MAS SER UM CACHORRO ERA BEM MELHOR.



QUANDO ESTELA ERA MUITO, MUITO PEQUENA,
ELA VIVIA EM UMA CASA MUITO, MUITO GRANDE.



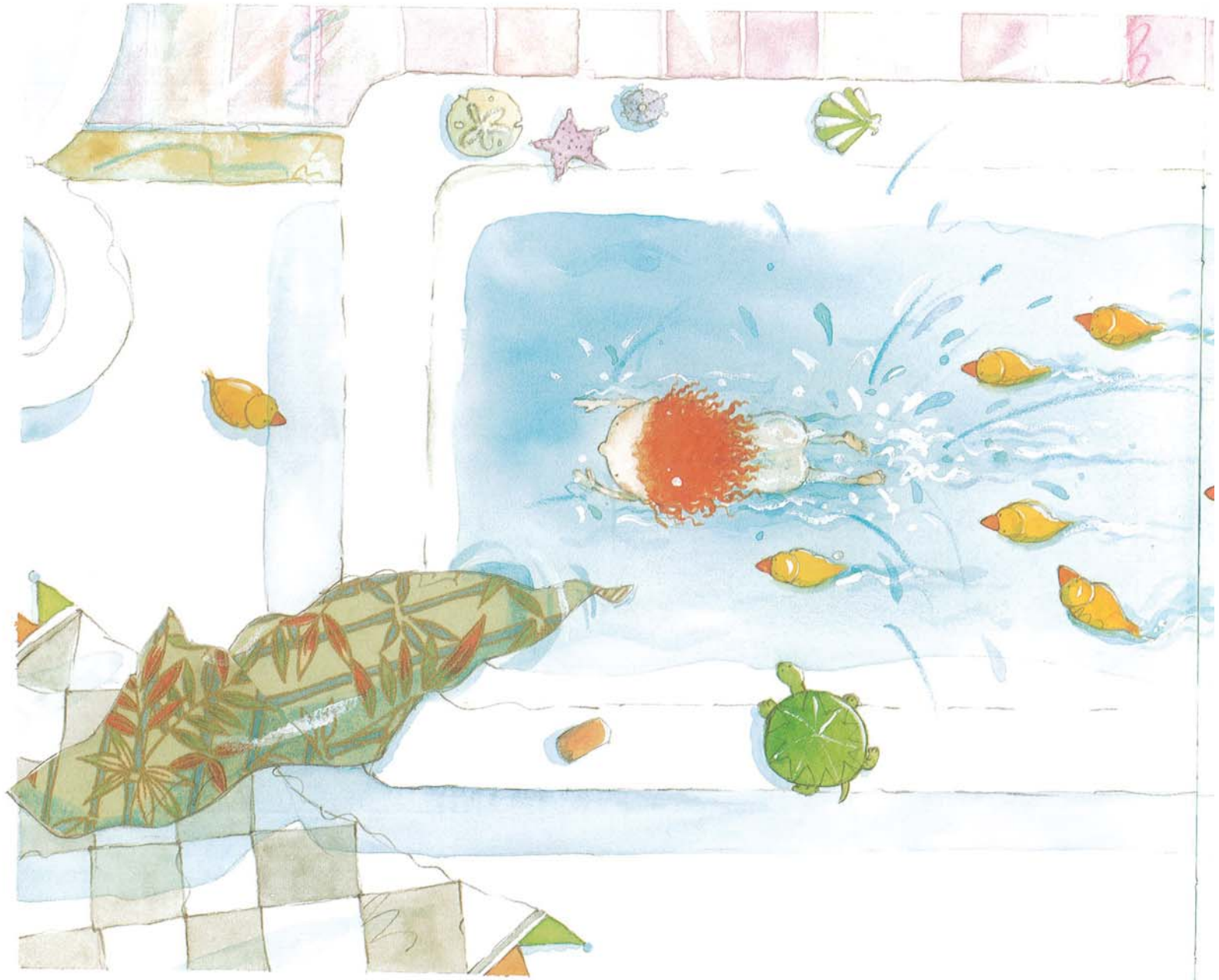
ELA PODIA VER O MUNDO INTEIRO
DE CIMA DO SOFÁ DA SALA.



ESTELA NÃO CONSEGUIA ABRIR AS PORTAS,
ESPIAR PELAS FECHADURAS,



NEM MESMO AMARRAR OS SAPATOS.



MAS CONSEGUIA APOSTAR CORRIDA
COM SEUS PATINHOS DE BORRACHA
NA ENORME PISCINA OLÍMPICA.



ESTELA GANHAVA SEMPRE.



QUANDO ESTELA ERA MUITO, MUITO PEQUENA,
AS PALAVRAS PARECIAM FORMIGAS
CORRENDO DAS PÁGINAS.

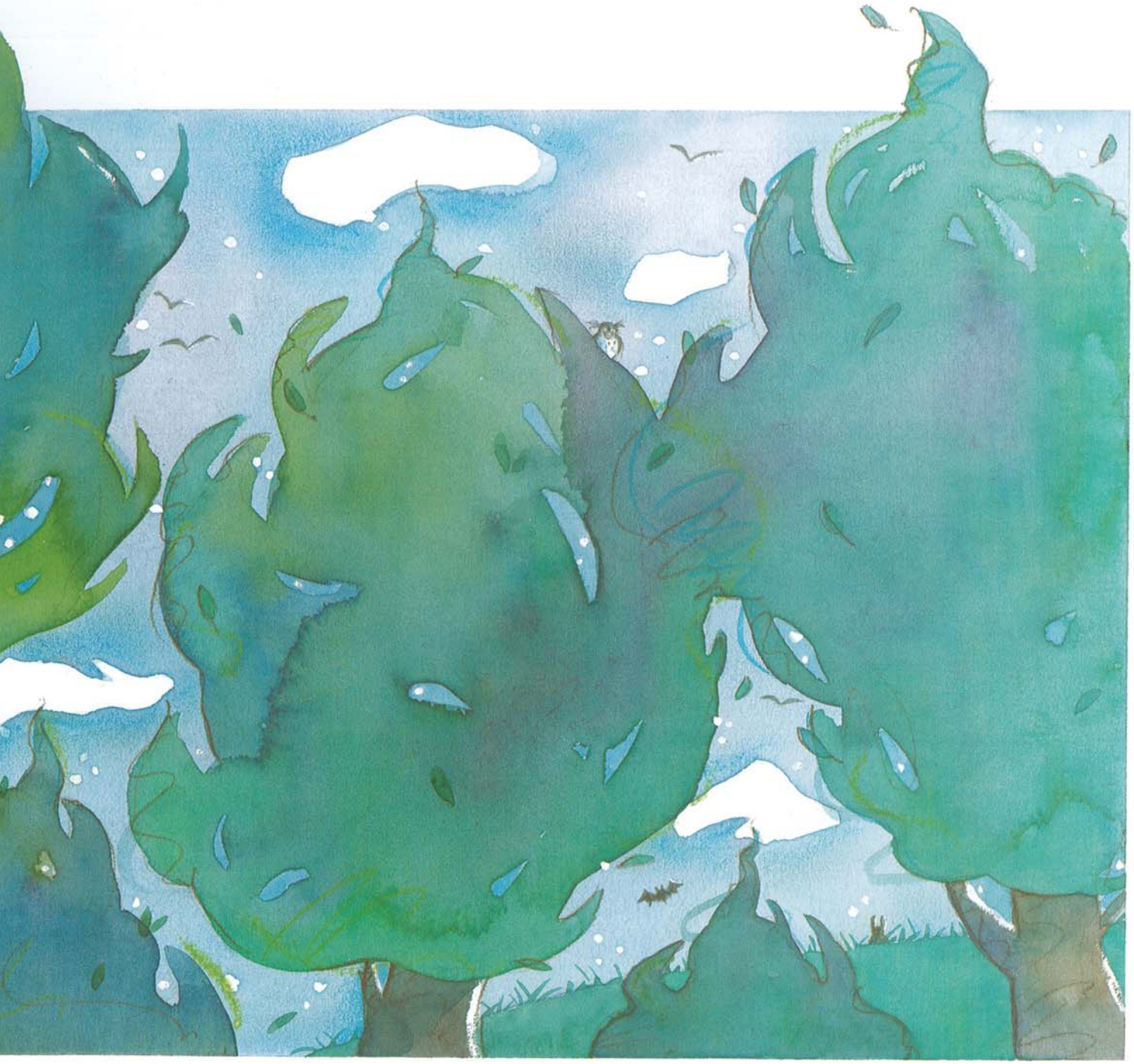


BORBOLETAS VOAVAM NAS PAREDES,
E AS XÍCARAS CAÍAM DA MESA SEM MAIS NEM MENOS!



Escola Municipal "Jardim
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295

TODAS AS NOITES, ANTES DE DEITAR, ESTELA OUVIA AS ÁRVORES CONVERSANDO.



ELAS CONTAVAM HISTÓRIAS DE COMO SEGURAVAM O CÉU COM SEUS GALHOS E DE COMO FAZIAM CÓCEGAS NA BARRIGA DAS NUVENS MENORES.



QUANDO ESTELA ERA MUITO, MUITO PEQUENA,
ELA EXPLORAVA A GRANDE FLORESTA TROPICAL
QUE FICAVA ATRÁS DE SUA CASA.



ALI, ELA VIA UM TIGRE FEROZ E ENORMES COBRAS VENENOSAS. INSETOS GIGANTESCOS ZUMBIAM EM VOLTA DOS SEUS OUVIDOS.



ALÉM DA FLORESTA TROPICAL, HAVIA UM DESERTO
QUE PARECIA NÃO TER FIM.



NUM DIA DE VENDAVAL TERRÍVEL, ESTELA QUASE
SE PERDEU DURANTE UMA TEMPESTADE DE AREIA.



E, UMA VEZ, QUANDO ESTELA ERA MUITO,
MUITO PEQUENA, NEVOU TANTO QUE...



... O MUNDO INTEIRO DESAPARECEU.



MAS AGORA QUE ESTELA CRESCEU,
ELA DÁ DE COMER AOS PEIXES.



ELA ANDA MUITO MAIS DEPRESSA DO QUE
UMA TARTARUGA, E CARREGA O CACHORRO
COMO SE FOSSE UM SACO DE BATATAS.



ELA BRINCA DE ESCONDE-ESCONDE
COM O GATO DA VIZINHA...



... E EXAMINA AS MINHOCAS E OS PEQUENOS INSETOS EM SEU QUINTAL.



AGORA QUE ESTELA CRESCEU,
AS FORMIGAS DE SEUS LIVROS VIRARAM PALAVRAS,
E AS PALAVRAS VIRARAM HISTÓRIAS.



AGORA, ESTELA PODE LER ESSAS HISTÓRIAS
PARA O SEU IRMÃOZINHO, MARCOS.



ESTELA TAMBÉM PODE ENSINAR MARCOS
A IMITAR UMA COBRA...



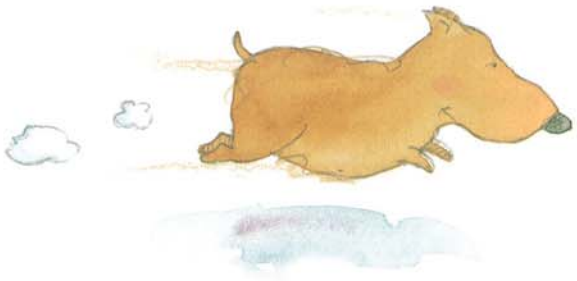
... OU UM COELHO...



... OU UM PÁSSARO.

Escola Municipal "Jardim Novo I"
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP

MARIE-LOUISE GAY, AUTORA E ILUSTRADORA, É PREMIADA MUNDIALMENTE. SEUS LIVROS FORAM TRADUZIDOS EM MAIS DE 15 IDIOMAS. NO BRASIL, PELA BRINQUE-BOOK: *ESTELA, ESTRELA-DO-MAR*; *ESTELA, FADA DA FLORESTA*; *ESTELA, PRINCESA DO CÉU*; *BOM DIA, MARCOS*; *BOA NOITE, MARCOS*; *O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO, MARCOS?*; E COMO ILUSTRADORA: *POR FAVOR, ELEONOR!*. MARIE-LOUISE MORA COM A FAMÍLIA EM MONTREAL, NO CANADÁ.



QUANDO ESTELA ERA MUITO, MUITO PEQUENA

ELA ACHAVA QUE ERA UMA TARTARUGA... ESTELA TAMBÉM PENSAVA QUE AS ÁRVORES FALAVAM E QUE AS PALAVRAS ERAM FORMIGAS CORRENDO PARA FORA DAS PÁGINAS DO LIVRO. QUANDO ESTELA ERA PEQUENA, ELA NÃO SABIA AMARRAR OS SAPATOS, MAS CONSEGUIA SOBREVIVER A UMA TEMPESTADE DE AREIA EM PLENO DESERTO, QUE FICAVA ALÉM DA FLORESTA TROPICAL, BEM ATRÁS DA CASA DELA...

ONDE SERÁ QUE ESTELA ARRANJA ESSAS IDEIAS? ATÉ ONDE VAI A IMAGINAÇÃO DE ESTELA? COMO SERÁ QUE ESTELA ERA QUANDO MUITO, MUITO PEQUENA?

MAIS UMA ENCANTADORA HISTÓRIA SOBRE A GAROTINHA ESTELA E SEU MUNDO CHEIO DE PEQUENAS E DELICIOSAS AVENTURAS ILUMINADAS POR LAMPEJOS DE MAGIA.



ISBN 978-85-7412-292-2

9 788574 122922

BRINQUE-BOOK

EBRA É DIFERENTE.
PARECE BICHO, NÃO!
A ZEBRA CRIATIVA
FORA DO PADRÃO!



OWNE

UMA ZEBRA FORA DO PADRÃO

lendo & ap

FORA DO PADR

Alfabetização na Idade Certa 2013
FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Para uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano
VENDA PROIBIDA

Paula Browne



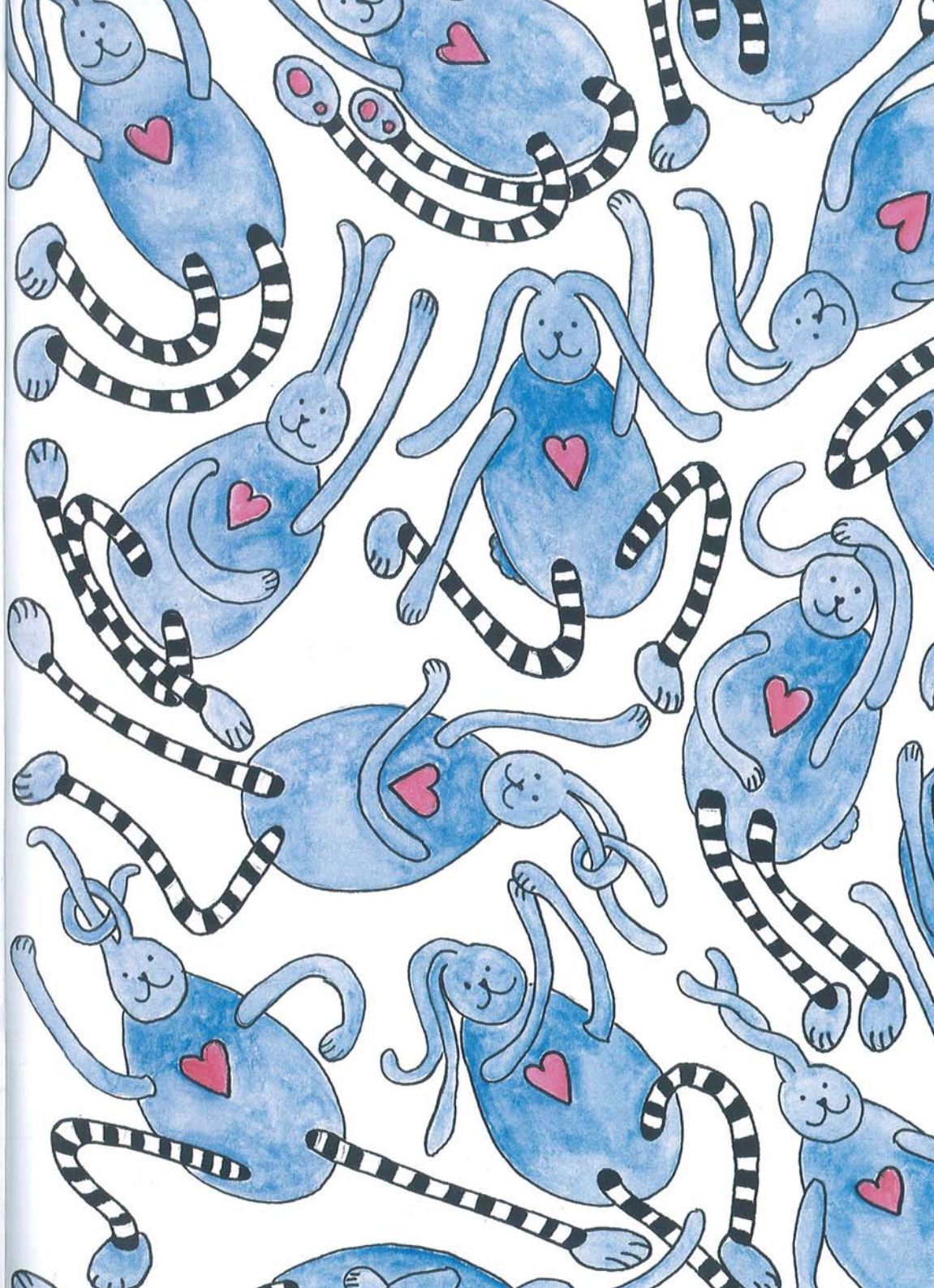
Professores e Estudantes!

Esta obra faz parte do acervo formado por vários títulos distribuídos às escolas públicas pelo **Ministério da Educação** por meio do Programa Nacional do Livro Didático para **Alfabetização na Idade Certa.**

As coleções devem ficar na **sala de aula** para uso das turmas do 1º ao 3º ano com objetivo de apoiar o processo de alfabetização e incentivar a formação de leitores.

É responsabilidade de todos **cuidar bem** deste livro para que dure bastante e várias pessoas possam aproveitar o material

Boa leitura!



Uma Zebra Fora do Padrão

Paula Browne



Escola Municipal • Jardim Novo I
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP

EMI "JARDIM NOVO
TOMBO Nº 3294
ORIGEM. 54
DATA. 28

Copyright de texto e ilustrações © 2011 *by* Paula Browne

Direitos desta edição reservados à
EDITORA LENDO E APRENDENDO LTDA.
Rua João Romariz, 151 – Ramos
21031-700 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Ana Martins Bergin

PREPARAÇÃO
Luiz Roberto Jannarelli

PROJETO GRÁFICO
Manitó Design Gráfico

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.
B898z Browne, Paula, 1966-
Uma zebra fora do padrão / [texto e ilustrações] Paula Browne.
Rio de Janeiro: Lendo & Aprendendo, 2011.
il. color. – Primeira edição
ISBN 978-85-62533-15-0
1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Título.
10-6684 CDD – 028.5 CDU – 087.5

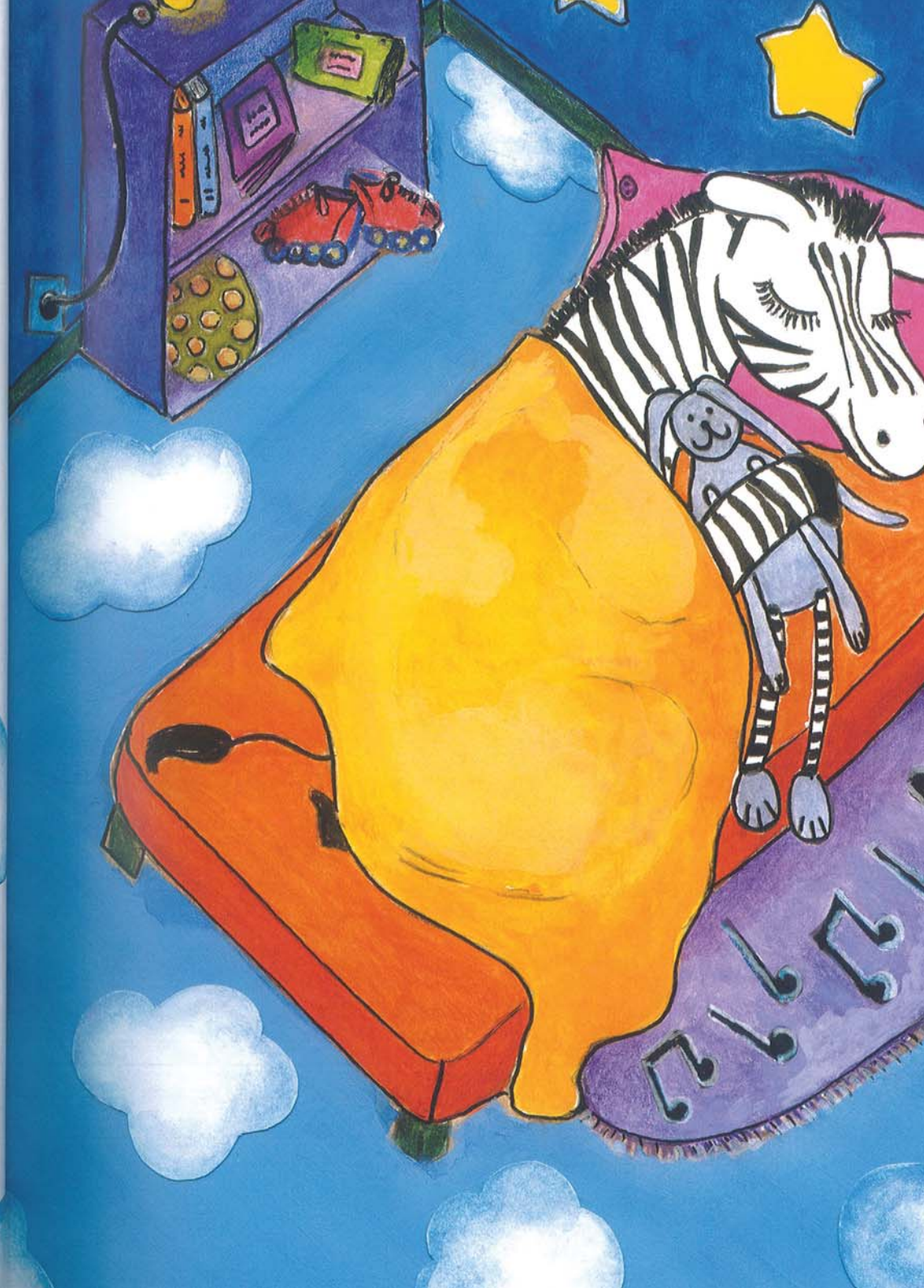
Este livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Impressão e acabamento: Gráfica Pancrom, São Paulo – SP.

Uma Zebra Fora do Padrão

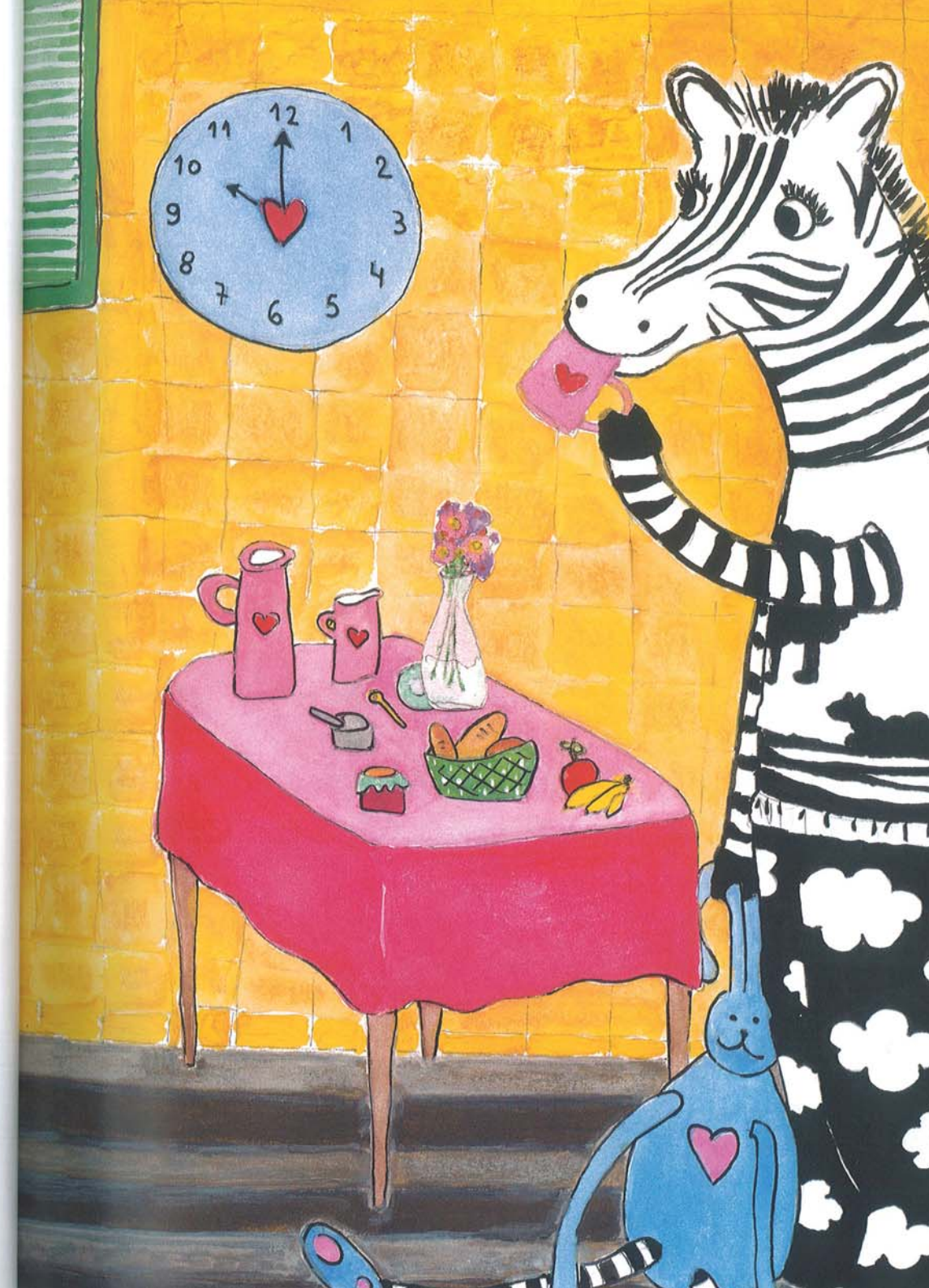


SERÁ QUE ESTA ZEBRINHA,
DEBAIXO DA COBERTA,
VAI FICAR DE PÉ?



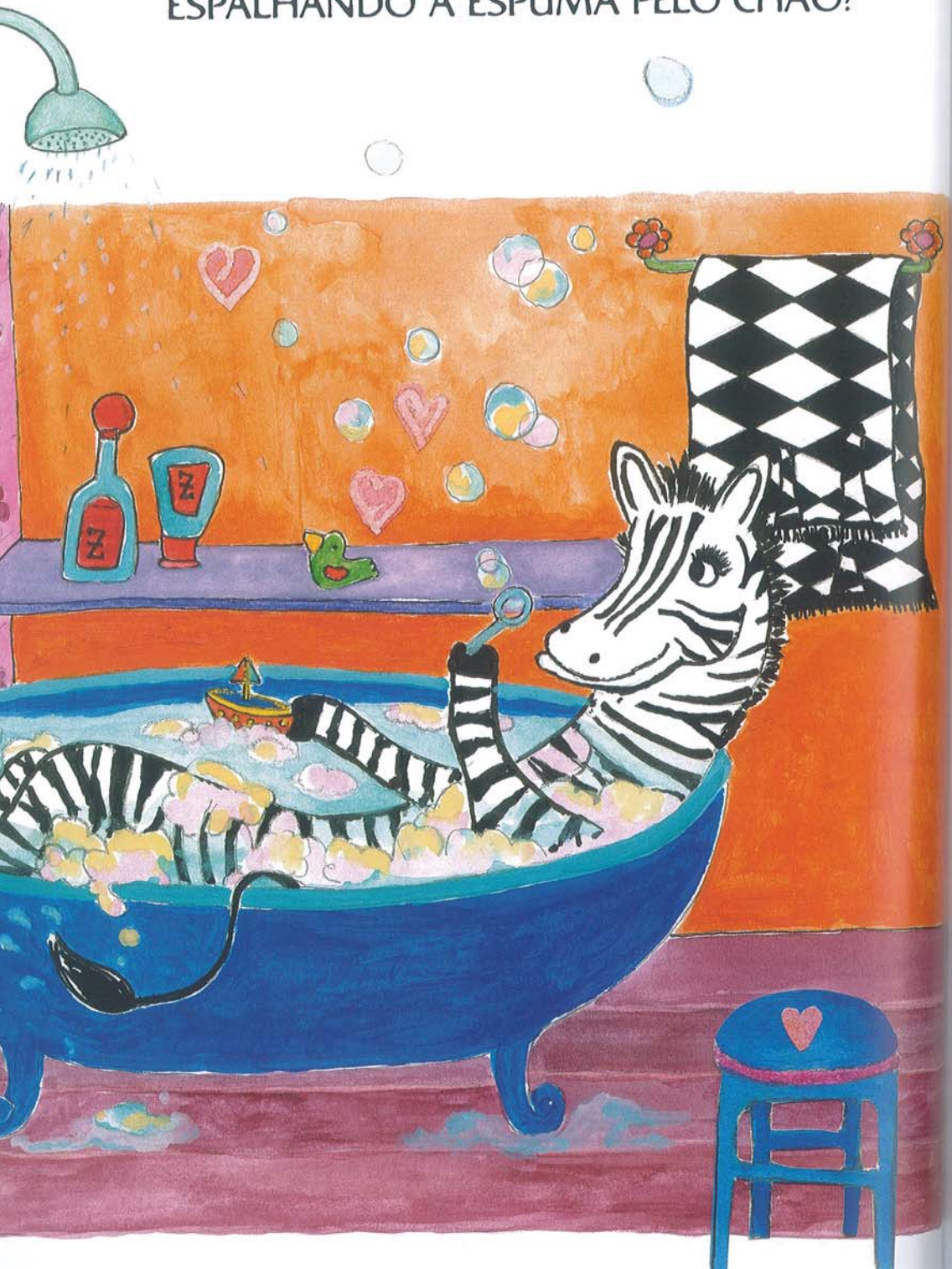
A DORMINHOCA SÓ SE LEVANTA
QUANDO A FOME APERTA!
E VAI DIRETO PRA COZINHA
PREPARAR O SEU CAFÉ!





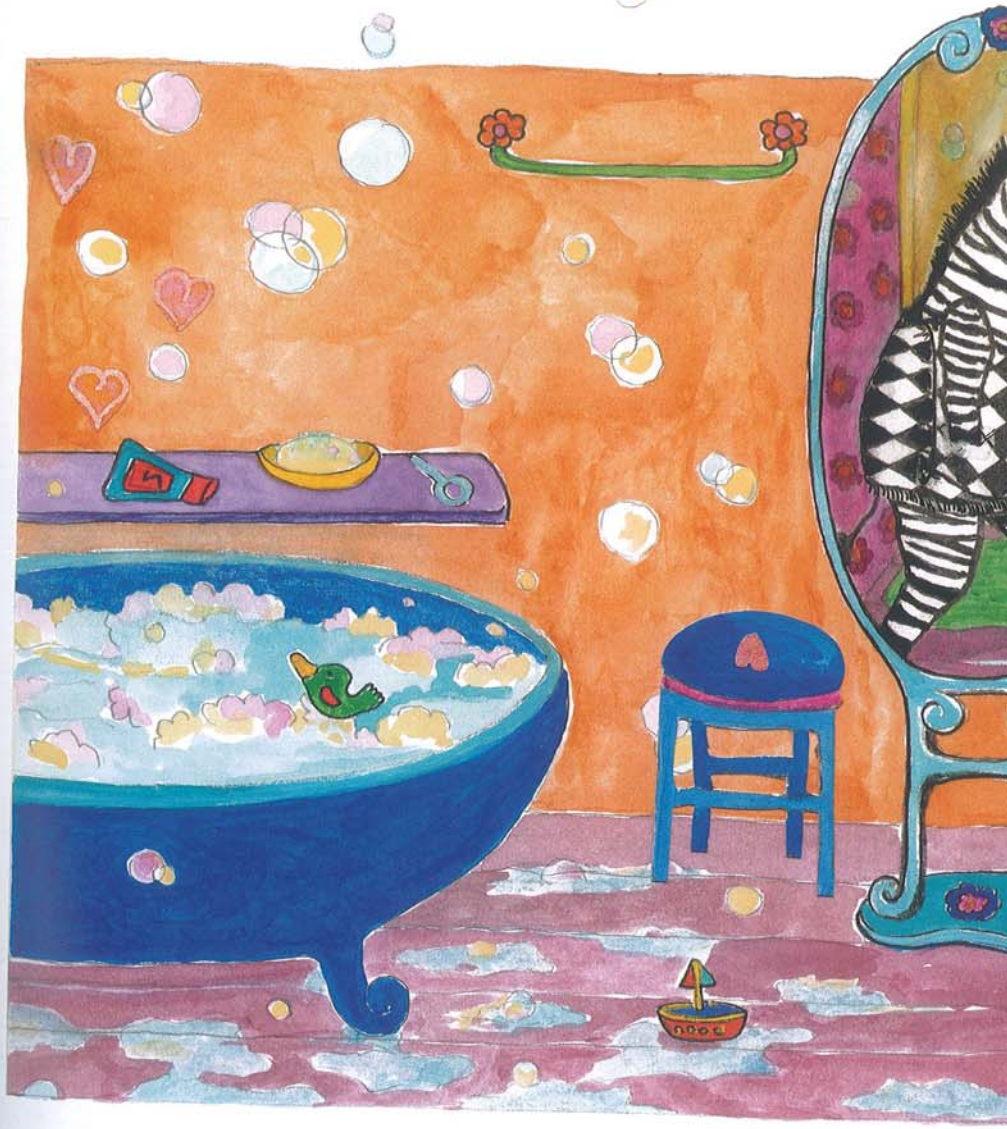
NA BANHEIRA CHEIA D'AGUA

ESPALHANDO A ESPUMA PELO CHÃO?



TOMA UM BANHO PERFU

E SOPRA BOLHAS DE SAB



MAS QUE ZEBRA BAG

O DA SALA, SACUDINDO OS QUADRIS!





ETA, ZEBRA ANIMADA!
QUE REBOLA SOZINHA
E NÃO PENSA EM MAIS NADA!

COM CHAPÉU DE ABA LARGA

VESTIDO DE URUBU?



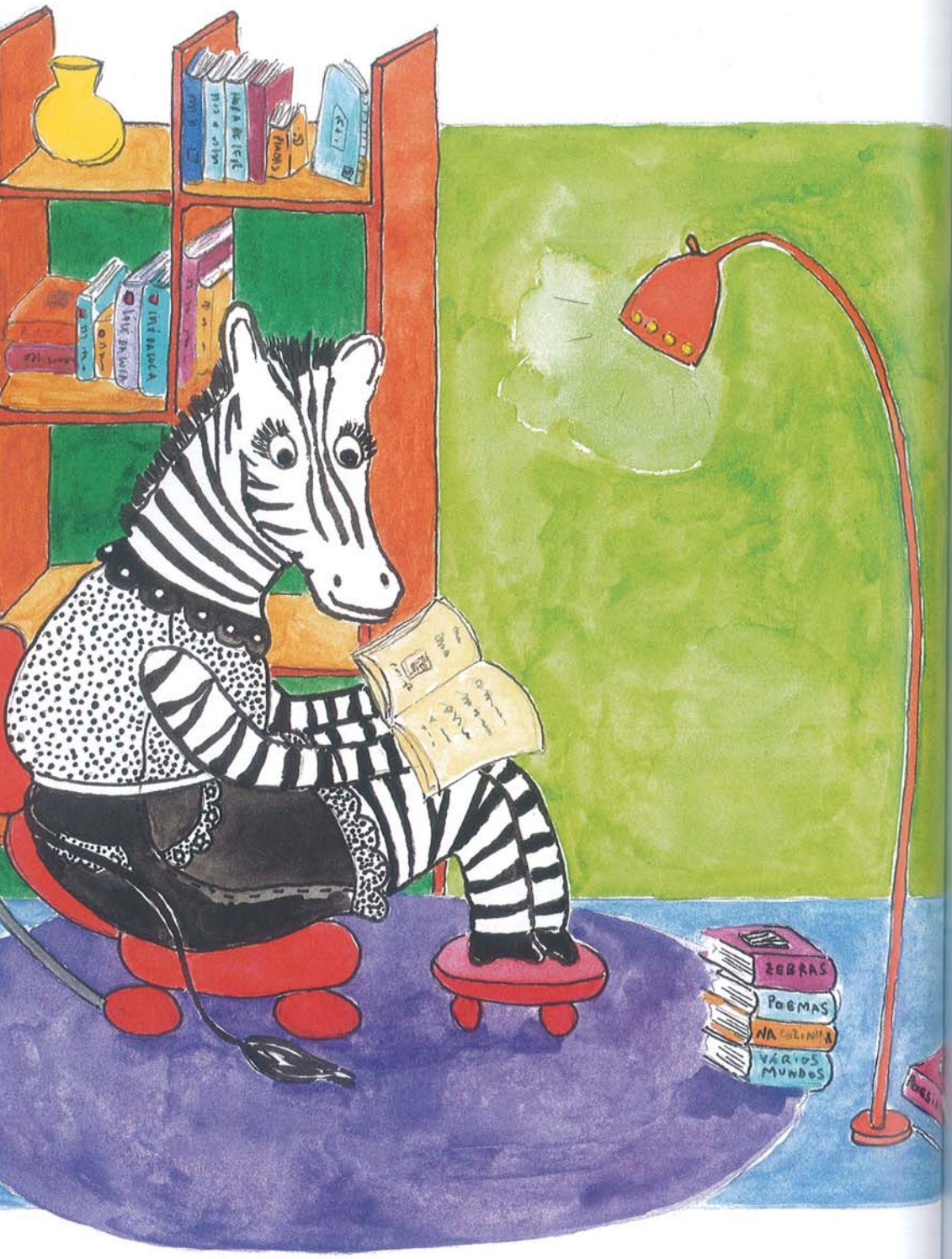


A LUGAR NENHUM!

ESTA ZEBRA INVENTA MODA,

ELA INVENTA PRA CHUCHU!

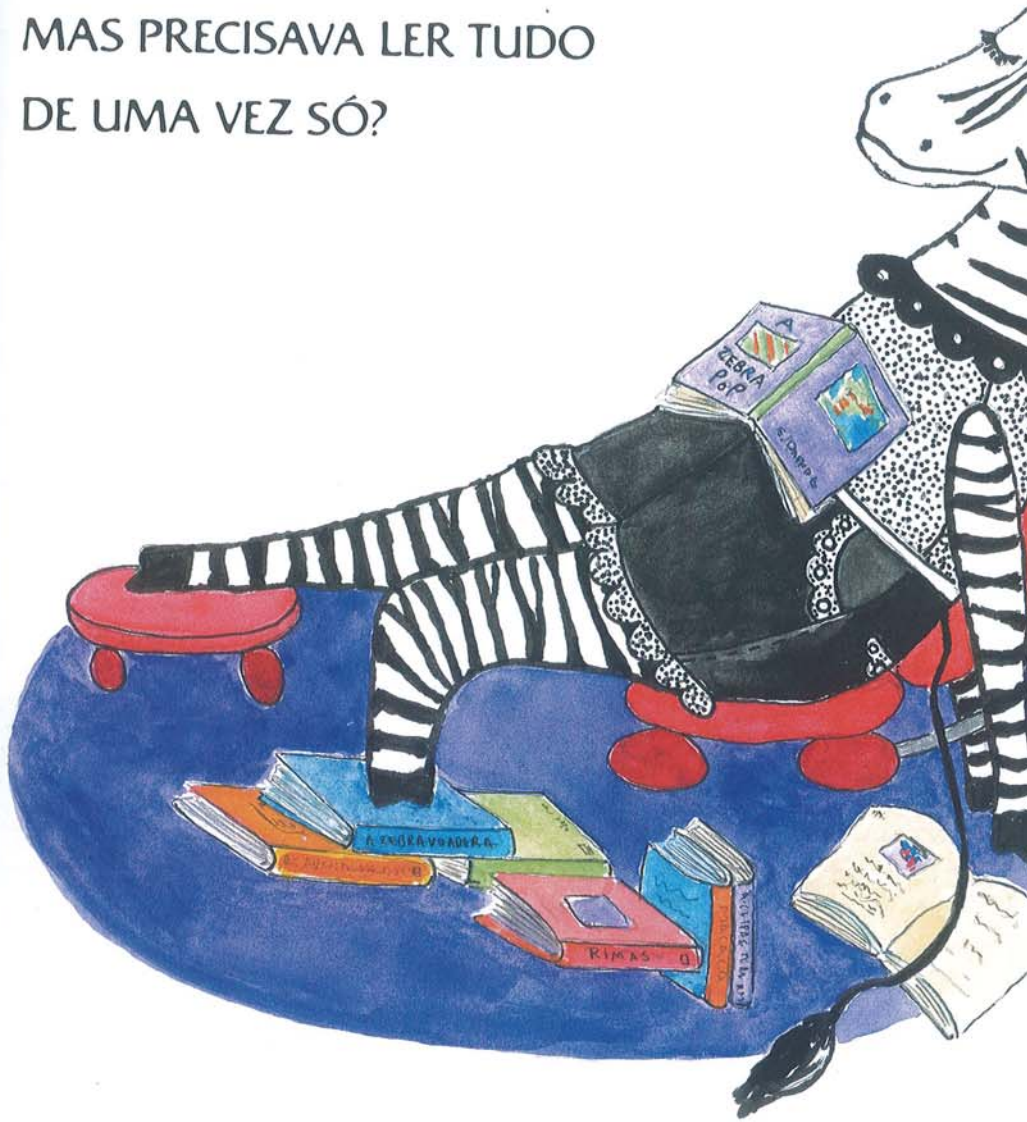
SIANTE NEM TEMPO?



Escola Municipal • Jardim Novo I
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP

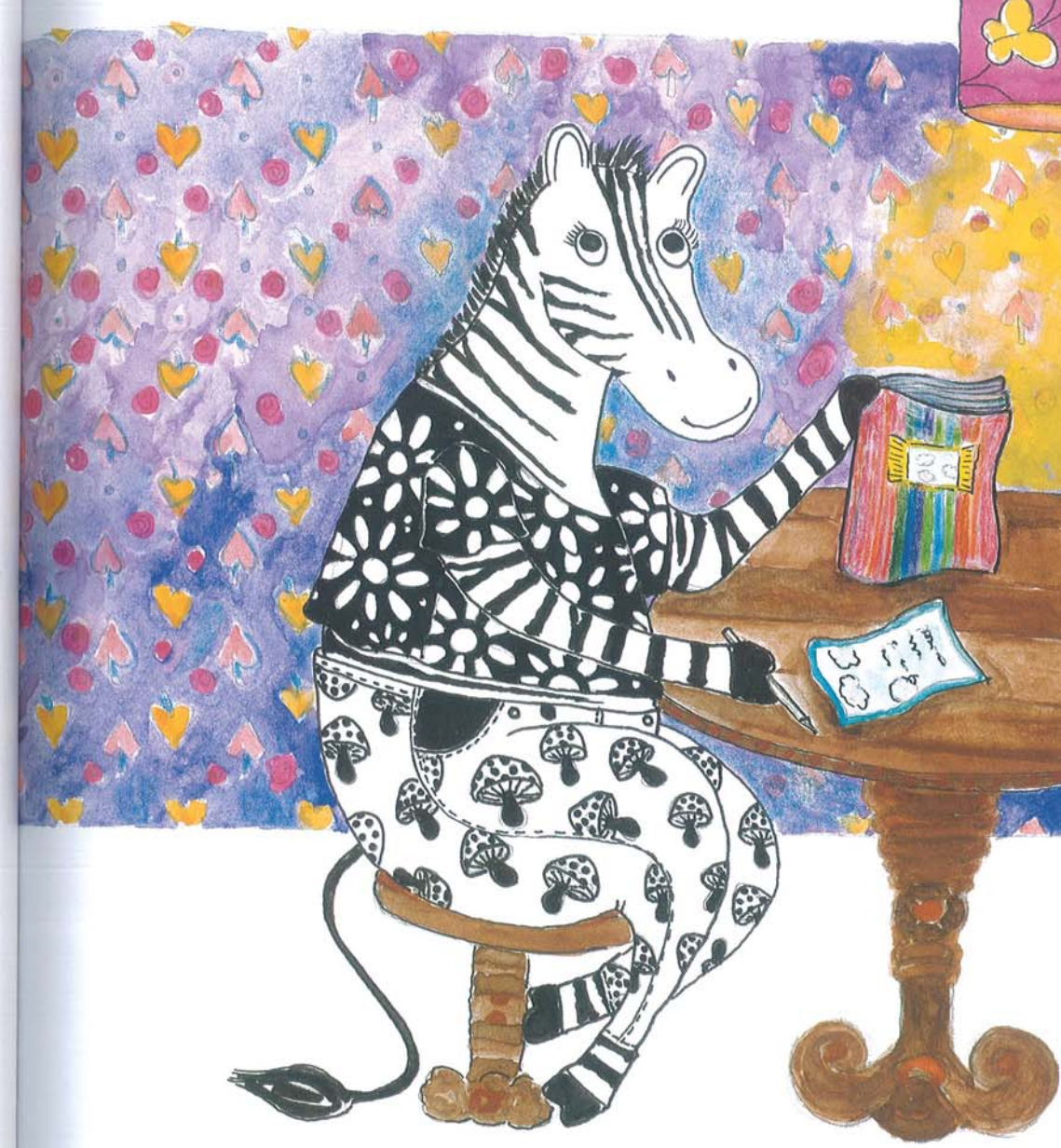


MAS PRECISAVA LER TUDO
DE UMA VEZ SÓ?



ESCREVENDO UMA LISTA.





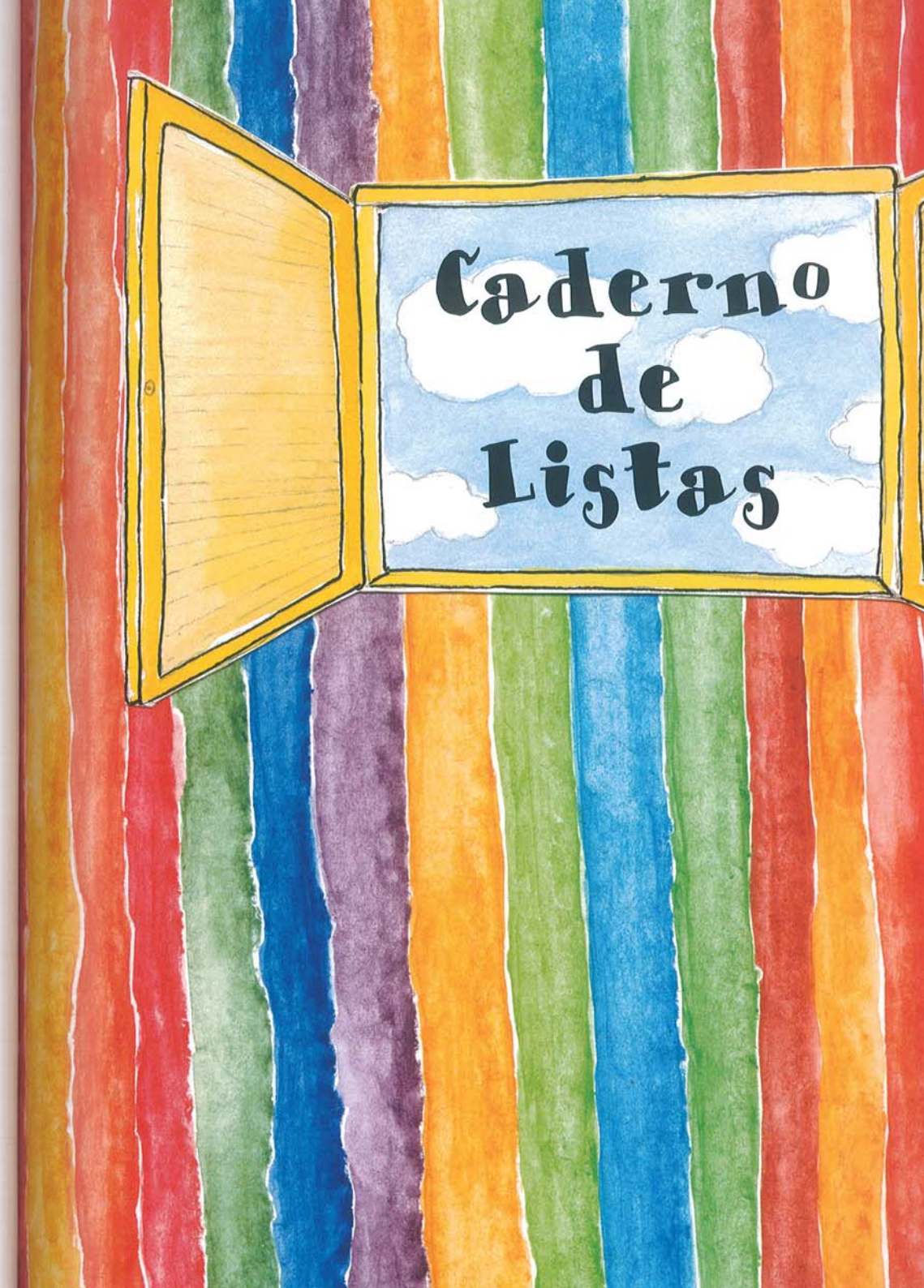
– LISTA DO QUÊ? DO QUE VOCÊ TEM PRA FAZE

– NÃO – RESPONDEU DESPREOCUPADA.

O QUE SERÁ, ENTÃO,
QUE ESTA ZEBRA DESLIGADA
TANTO ANOTA NO CADERNO
DESTA FORMA INSPIRADA?



DEIXE-ME DAR UMA OLHADA...



Estrela ☆

Olho de sapo

gema

Pólen

gina de livro velho

livro velho

lâmpada acesa

borboleta

pipa

Avião de p

balão

pensamento

semente de Girá

nuvem

balanço da pr

otão

lua cheia

nbigo

tampa de panela



de futebol

laranja maçã ameixa
limão

o da chuva depois de
ploft no chão

de sabão

ferramenta com pimenta

pipoca com coroca

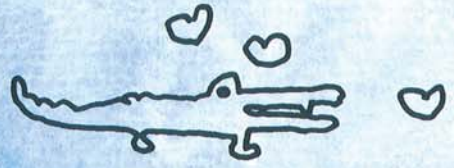
Cafuné com Jacaré

flauta com astronauta

piano com pelicano

Repolho com piolho

fada madrinha com
caca de galinha



... UAU! MAS QUE IMAGINAÇÃO!



STA ZEBRA NÃO PERDE TEMPO!
EU NEM HAVIA PENSADO
QUE TINHA TANTA COISA LEGAL
ESTA CABEÇA DE VENTO!



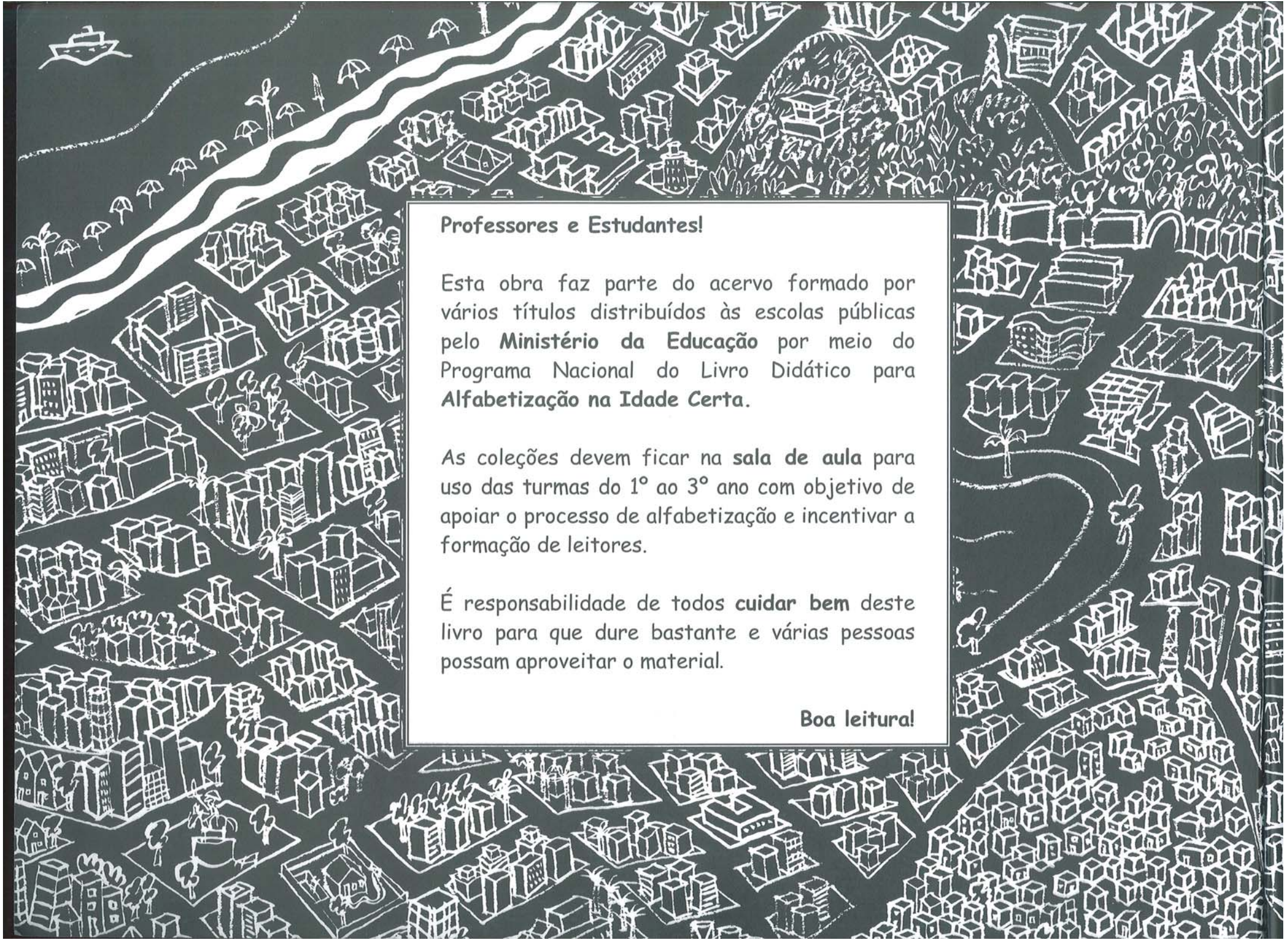
Graça Lima, Mariana Massarani & Roger Mello

Companhia das Letrinhas

Vizinho, Vizinha

Alfabetização na Idade Certa 2013
FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Para uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano
VENDA PROIBIDA





Professores e Estudantes!

Esta obra faz parte do acervo formado por vários títulos distribuídos às escolas públicas pelo **Ministério da Educação** por meio do Programa Nacional do Livro Didático para **Alfabetização na Idade Certa.**

As coleções devem ficar na **sala de aula** para uso das turmas do 1º ao 3º ano com objetivo de apoiar o processo de alfabetização e incentivar a formação de leitores.

É responsabilidade de todos **cuidar bem** deste livro para que dure bastante e várias pessoas possam aproveitar o material.

Boa leitura!





Vizinho, Vizinha

Texto de
Roger Mello

Ilustrações de
Graça Lima
Mariana Massarani

participação especial de
Roger Mello

Escola Municipal • Jardim Novo I •
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP

EM "JARDIM NOVO I"
TOMBO Nº 3293
ORIGEM SME
DATA 27/08/13

Companhia das Letrinhas

Copyright do texto © 2002 by Roger Mello
Copyright das ilustrações © 2002 by Mariana Massarani
Copyright das ilustrações © 2002 by Graça Lima

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico
Capa Dura em Cingapura

Preparação
Paulo Werneck

Revisão
Thyago Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mello, Roger
Vizinho, vizinha / texto de Roger Mello, participação especial do autor nas ilustrações ; ilustrações de Mariana Massarani e Graça Lima. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2002.

ISBN 978-85-7406-149-8

1. Literatura infantojuvenil I. Massarani, Mariana. II. Lima, Graça. III. Título.

02-4062 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

9ª reimpressão

2012

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br

QUEM PASSA PELA RUA DO DESASSOSSEGO, NÚMERO 38, NEM PERCEBE, MAS...



O VIZINHO DO 101 TOMA CAFÉ ENQUANTO OBSERVA GRAVURAS DE BICHOS.



A VIZINHA DO 102 JÁ VOLTOU DA MARATONA.



O VIZINHO COLECIONA DISCOS DA VELHA GUARDA.



A VIZINHA GUARDA COISAS VELHAS QUE DEPOIS NÃO ENCONTRA.



ELE JÁ VIAJOU O MUNDO INTEIRO.



ELA TEM UMA ESTANTE DE LIVROS DO TAMANHO DO MUNDO.



ELE MOLHA AS PLANTAS NO PARAPEITO, VESTIDO COM UM ESCAFANDRO,
E QUANDO LÊ QUADRINHOS, SEMPRE PERDE A NOÇÃO DAS HORAS.



ELA AINDA VAI APRENDER A TOCAR CLARINETA,
E SEU RELÓGIO NÃO FUNCIONA HÁ MUITO TEMPO.



QUATRO E QUARENTA: ELE SAI COM O CANÁRIO PARA UM PASSEIO.



Rua 8 n
Jd. Novo
(18) 3533-2295
Rio Claro - SP

VINTE PARA AS CINCO: ELA FINALMENTE LEVA O RELÓGIO AO CONSERTO.



SÓ SE ENCONTRAM A ESTA HORA.



NO CORREDOR: BOA TARDE, BOA TARDE, COMO TEM PASSADO?
COMO ESTÁ O TEMPO? E É SÓ.



VINTE PARA AS SEIS: ELE ESTÁ DE VOLTA, CONSTRUINDO UMA CIDADE DE PAPEL.



SEIS E POUQUINHO: ELA TROUXE UM "MANUAL DO QUÍMICO MODERNO".
O CONSERTO DO RELÓGIO, PACIÊNCIA, FICOU PARA AMANHÃ.



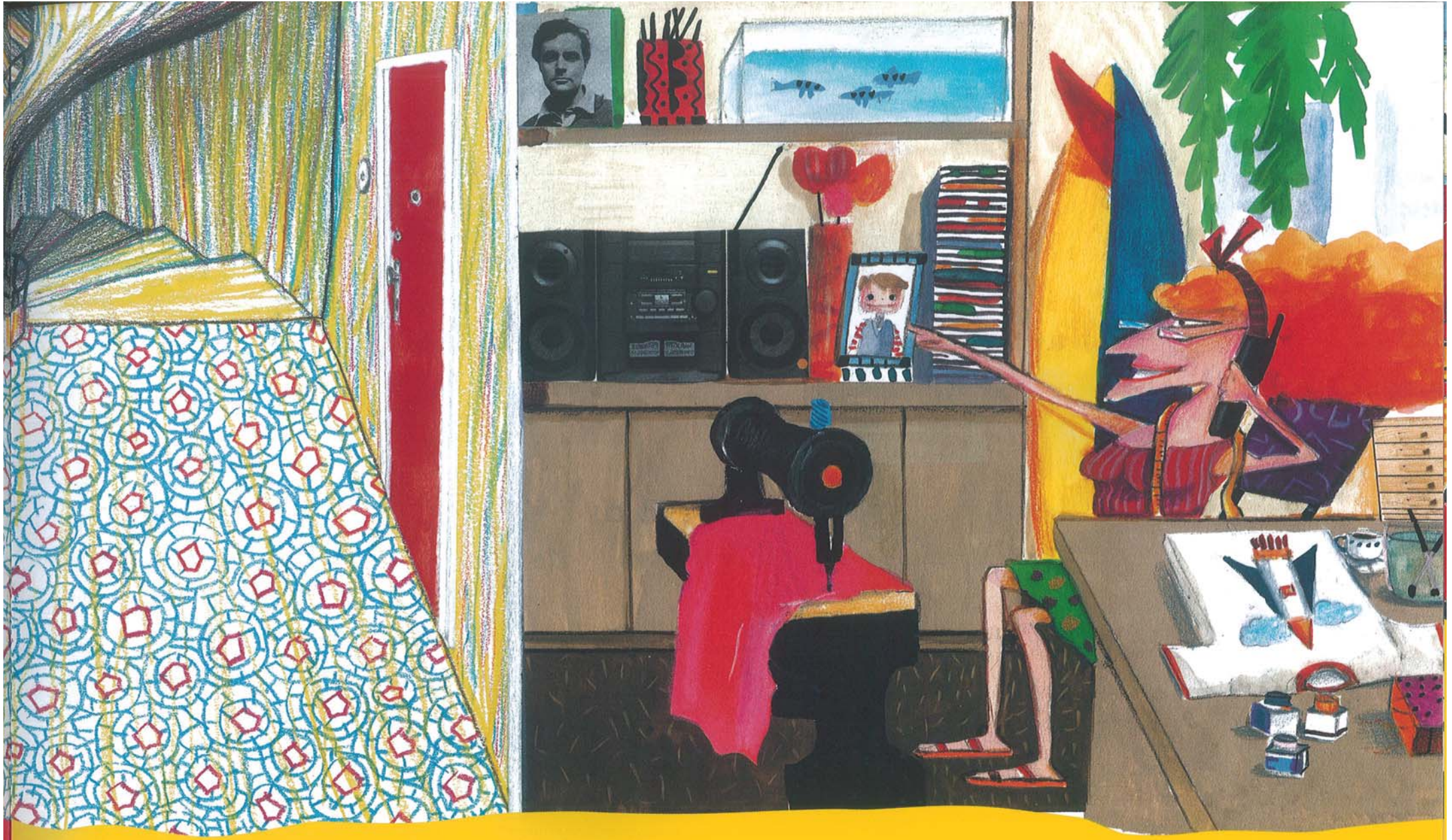
ELE INVENTOU UMA MÁQUINA DE FAZER CHOVER, E A VIZINHA NÃO SABE.



ELA ALIMENTA UM RINOCERONTE DEBAIXO DA PIA, E O VIZINHO NEM DESCONFIA.



ELE TEM UMA SOBRINHA QUASE DA IDADE DO NETO DELA.



ELA TEM UM NETO DOIS DEDOS MENOR QUE A SOBRINHA DELE.



OUTRO DIA, A SOBRINHA DO VIZINHO FEZ UMA VISITA.



JUSTO NO DIA EM QUE O NETO VEIO PASSAR O DIA COM A VIZINHA.



QUATRO E QUARENTA: O VIZINHO SAIU COM O CANÁRIO. A SOBRINHA ESPREITA.



VINTE PARA AS CINCO: A VIZINHA LEVOU O RELÓGIO AO CONSERTO.
O NETO OBSERVA.



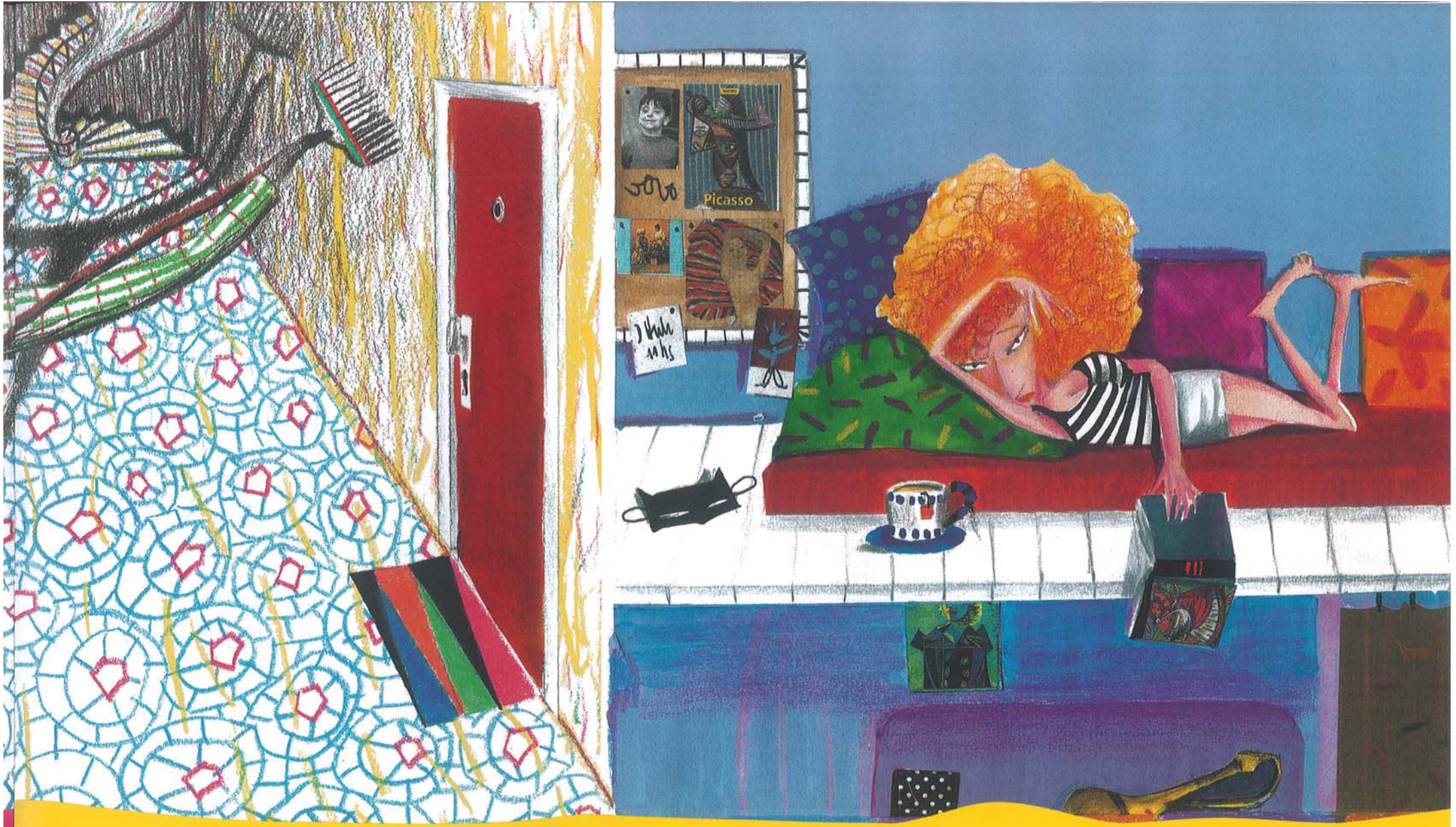
AS PORTAS ABERTAS E O CONVITE IRRESISTÍVEL: CAFÉ COM QUADRINHOS
REGADOR TODOS OS LIVROS DO MUNDO MANUAL DO QUÍMICO MODERNO
MONTE DE COISAS VELHAS PLANTAS BICHOS CLARINETA DISCOS



DA VELHA GUARDA ROUPAS DE MARATONA MÁQUINA DE FAZER CHOVER
RINOCERONTE FOTOS DO MUNDO INTEIRO GRAVURAS GRAVURAS GRAVURAS
ESCAFANDRO CIDADES DE PAPEL...



DEPOIS QUE A SOBRINHA E O NETO FORAM EMBORA,



O SILÊNCIO ENSAIOU MEIA DÚZIA DE PASSOS DE DANÇA.



ENQUANTO TOMA CAFÉ, O VIZINHO IMAGINA AS COISAS QUE EXISTEM DO OUTRO LADO.
QUALQUER DIA DESSES ELE CONVIDA A VIZINHA PARA ENTRAR.



SE ELE CONVIDAR, ELA ACEITA.



MARIANA MASSARANI (desenhou o vizinho)

Nasci no Rio de Janeiro, em 1963, mas minha mãe é piauiense de Teresina, e meu pai é italiano de Roma. Na minha casa, todo mundo gostava de desenhar — até a empregada, que também era do Piauí e desenhava umas árvores lindas, de que eu nunca tinha ouvido falar: carnaúba, buriti e bacuri. Sempre tinha muito papel, canetas e tintas. Eu era vizinha de um menino que ia na minha casa para desenhar, brincar, comer pizza, biscoito e ver TV. Um dia fiz um livro para ele, Victor e o jacaré (Studio Nobel, 1993).

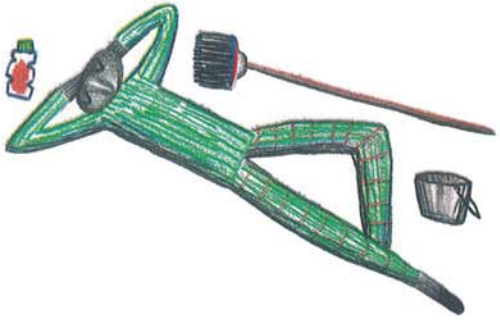
GRAÇA LIMA (desenhou a vizinha)



Nasci em 1958 e sou carioca do Grajaú, bairro que tem uma reserva florestal onde aprendi muito do que faço hoje, observando bichos. Eu era fascinada por insetos, e meu irmão tinha um marimbondo de estimação. A gente passeava com ele amarrado numa linha.

Já ilustrei mais de cinquenta livros e ganhei prêmios no Brasil e no exterior. Eu e o Roger somos sócios e muito amigos: ele é padrinho da minha filha. A Mariana também é minha sócia e temos a mesma paixão por jacarés.

ROGER MELLO (desenhou o corredor, em participação especial)



Nasci em Brasília, em 1965, e sou ilustrador, escritor e dramaturgo. Quando era criança, achava graça em palavras como "dramaturgo", então brincava com elas. Sempre gostei de histórias lidas, desenhadas, contadas, encenadas, em quadrinhos, rabiscadas em guardanapos. Ganhei cinco prêmios Jabuti e fui indicado para o IBBY (International Board on Books for Young People) pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Tenho um bloco de anotações para anotar desenhos e um bloco de desenhos para desenhar palavras. Lancei, pela Companhia das Letrinhas, Todo cuidado é pouco (1999), Meninos do mangue (2001) e Em cima da hora (2004).

Escola Municipal • Jardim Novo I
Rua 8 nº 450
Jd. Novo I
(19) 3533-2295
Rio Claro - SP

Esta obra foi composta em Providence-Sans, teve suas imagens escaneadas pela U2-Unidade Dois, processada em CTP
e impressa em ofsete pela RR Donnelley sobre papel Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz

ISBN 978-85-7406-149-8

